

Reflexões sobre *Salmos*

C.S. LEWIS

Edição *especial*



THOMAS NELSON
BRASIL®

Reflexões sobre *Salmos*

Tradução

Francisco Nunes

Reflexões sobre *Salmos*

C.S.
LEWIS

Edição especial



Título original: *Reflections on the Psalms*

Copyright ©1958 de C. S. Lewis Pte. Ltd.
Edição original por HarperCollins Publishers. Todos os direitos reservados.
Copyright da tradução ©2023 por Vida Melhor Editora LTDA.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

As citações de Salmos foram extraídas do *Livro de oração comum*, da Igreja Episcopal do Brasil, publicado em 1950, com ocasionais ajustes de pontuação e/ou acentuação, a não ser que outra versão seja indicada. Citações de outras passagens bíblicas foram traduzidas diretamente do inglês.

Todas as notas de rodapé, com exceção das indicadas por (N. A.), nota do autor, são do tradutor.

Publisher	<i>Samuel Coto</i>
Editor	<i>André Lodos Tangerino</i>
Assistente Editorial	<i>Lais Chagas</i>
Preparação	<i>Davi Freitas</i>
Revisão	<i>Shirley Lima e Leonardo Dantas do Carmo</i>
Diagramação	<i>Sonia Peticov</i>
Capa	<i>Rafael Brum</i>
Produção de ebook	<i>S2 Books</i>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

L652r Lewis, C. S. (Clive Staples), 1898-1963

1.ed. Reflexões sobre Salmos / C. S. Lewis; tradutor Francisco Nunes. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
144 p.; 13,5 x 20,8 cm.

Título original: *Reflections on the Psalms*.
ISBN 978-65-56895-59-8

1. Bíblia. A.T. Salmos – Crítica e interpretação, etc. II. Título.

12-2022/21

CDD2238

Índice para catálogo sistemático:

1. Salmos: Antigo Testamento: Comentários 223.2

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora LTDA.

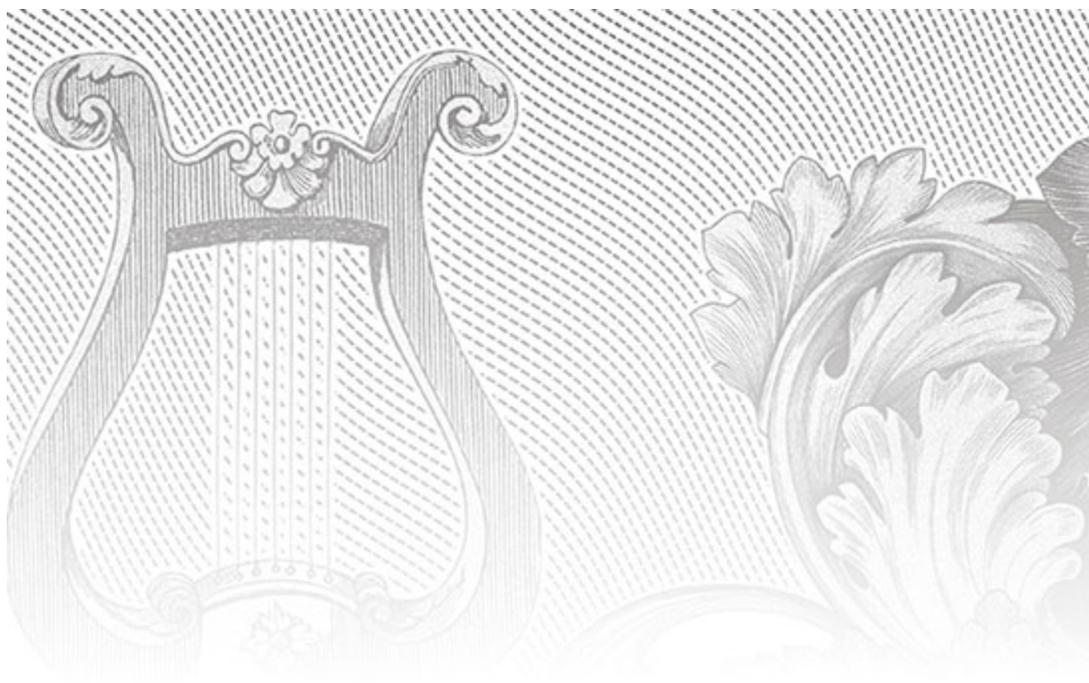
Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.thomasnelson.com.br

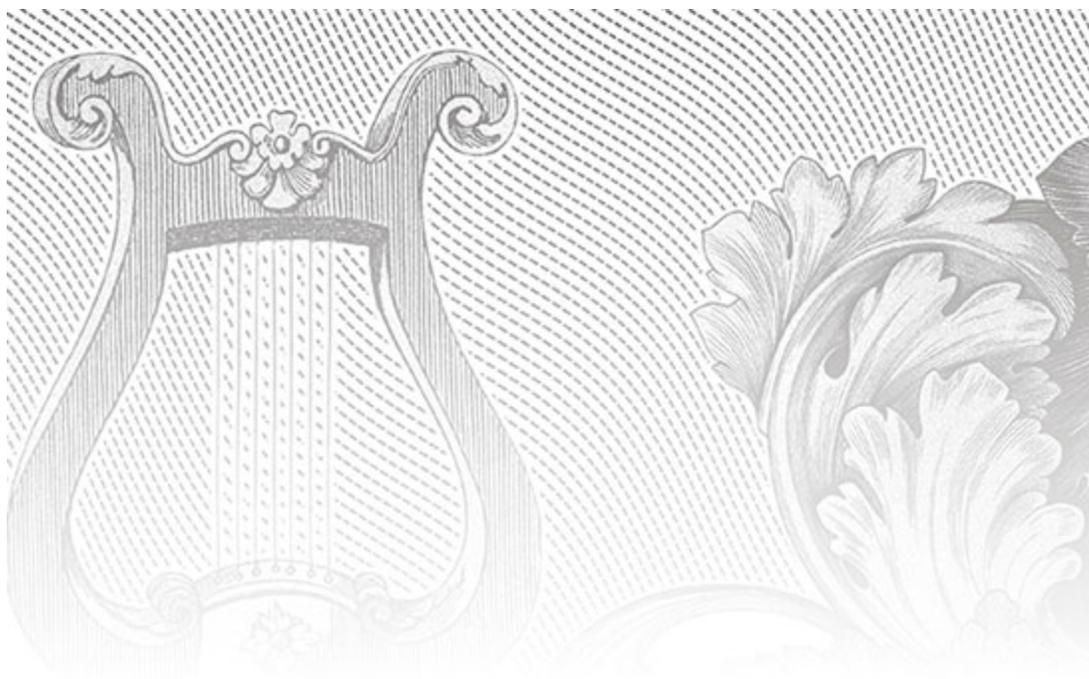


Reflexões sobre *Salmos*

Clive Staples Lewis (1898–1963) foi um dos gigantes intelectuais do século 20 e provavelmente o escritor mais influente de seu tempo. Foi professor e tutor de literatura inglesa na Universidade de Oxford até 1954, quando foi unanimemente eleito para a cadeira de Inglês Medieval e Renascentista da Universidade de Cambridge, posição que manteve até a aposentadoria. Lewis escreveu mais de trinta livros que lhe permitiram alcançar um vasto público, e suas obras continuam a atrair milhares de novos leitores a cada ano.



Para
Austin e Katharine Farrer [01]



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Reflexões sobre Salmos

Dedicatória

Introdução

Capítulo 1. “Julgamento” em Salmos

Capítulo 2. As maldições

Capítulo 3. A morte em Salmos

Capítulo 4. “A formosura do Senhor”

Capítulo 5. “Mais doce do que o mel”

Capítulo 6. Conivência

Capítulo 7. Natureza

Capítulo 8. Uma palavra sobre o louvor

Capítulo 9. Segundos significados

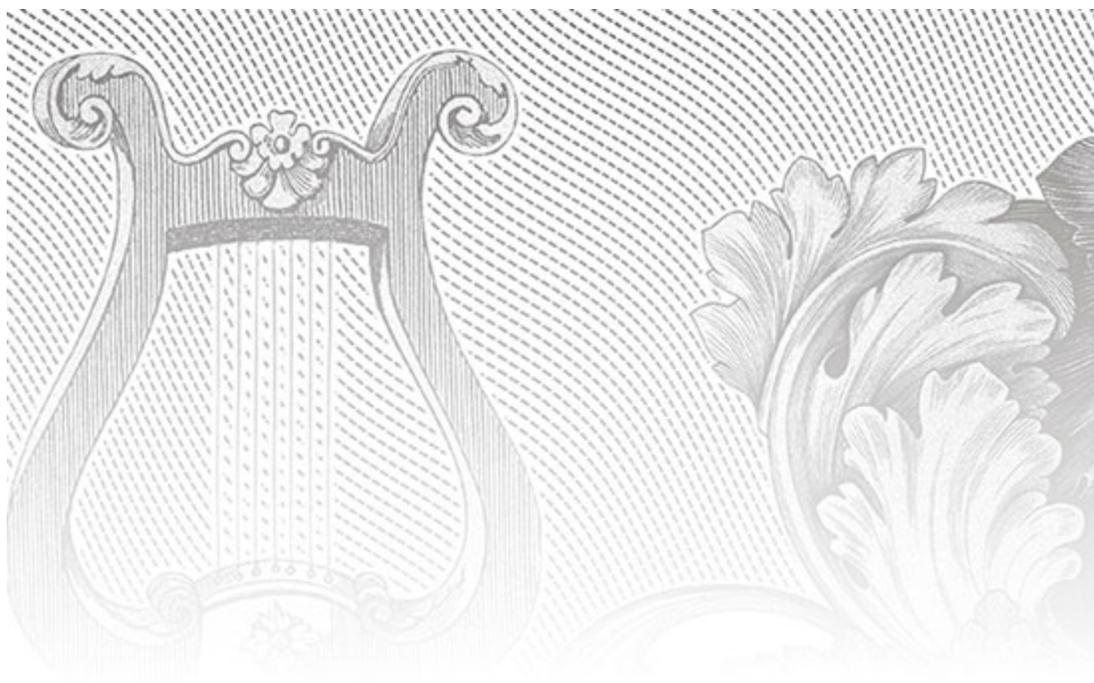
Capítulo 10. Escrituras

Capítulo 11. Segundos significados em Salmos

Apêndice. Salmos selecionados

Apêndice. Salmos discutidos ou mencionados

Reflexões sobre Salmos



Introdução

Este não é um trabalho acadêmico. Não sou hebraísta, nem crítico histórico-literário da Bíblia ou historiador antigo, tampouco arqueólogo. Escrevo para os leigos sobre coisas nas quais eu mesmo sou leigo. Se for necessária uma justificativa (e talvez seja) para escrever um livro dessa natureza, a minha seria algo assim: com frequência, dois alunos são capazes de resolver melhor suas dificuldades com as lições ajudando-se mutuamente do que recebendo a ajuda do professor. Quando você leva o problema a um professor, como todos bem lembramos, é muito provável que ele explique o que você já entende, acrescente uma grande quantidade de informações que você não tinha em mente e nada diga sobre o que o está intrigando. Assisti a isso de ambos os lados, pois, como professor, quando tentava responder a perguntas que os alunos me traziam, às vezes, depois de um minuto, via aquela expressão se estampar no rosto deles, o que me assegurava que estavam sofrendo exatamente a mesma frustração que eu havia sofrido com meus próprios professores. O colega pode ajudar mais do que o mestre

porque sabe menos. A dificuldade que queremos que ele explique é uma do tipo que ele enfrentou recentemente. O especialista já se deparou com ela há tanto tempo que já se esqueceu. Agora, ele vê todo o assunto sob uma ótica bem diferente, de modo que não consegue conceber o que realmente está incomodando o aluno; ele vê inúmeras outras dificuldades que deveriam incomodar o aluno, mas não o fazem.

Neste livro, então, escrevo de amator para amator, falando sobre dificuldades que encontrei, ou insights que tive, ao ler Salmos, com a esperança de que isso, de alguma forma, possa interessar, e eventualmente até mesmo ajudar, outros leitores inexperientes. Estou “compartilhando experiências”, sem a presunção de instruir. Pode parecer a alguns que usei os salmos meramente como cabides para pendurar uma série de ensaios diversos. Não sei se teria feito algum mal se eu tivesse escrito o livro assim, e não terei nenhuma queixa contra quem o ler dessa maneira. Mas não foi assim, de fato, que este livro foi escrito. Os pensamentos que esta obra contém são os mesmos pelos quais me vi impelido ao ler os salmos: às vezes pelo meu deleitamento com eles; outras vezes, pelo encontro com o que, a princípio, não pude me deleitar.

Os salmos foram escritos por uma variedade de poetas e em muitas épocas distintas. Alguns, acredito, podem ser do tempo do reinado de Davi; creio que certos estudiosos admitem que o salmo 18 (do qual uma versão ligeiramente diferente ocorre em 1Samuel 22) pode ser de autoria do próprio Davi. Muitos, porém, são posteriores ao “cativeiro”, que deveríamos chamar de deportação para a Babilônia. Em um trabalho acadêmico, a cronologia seria a primeira coisa a se estabelecer; em um livro como este, nada mais precisa ou pode ser dito a respeito.

No entanto, é preciso dizer que os salmos são poemas, e poemas criados para serem cantados: não são tratados doutrinários, nem mesmo sermões. Aqueles que falam em ler a Bíblia “como literatura” às vezes querem dizer, acho, lê-la sem prestar atenção ao assunto principal; como, por exemplo, ler Burke^[02] sem nenhum interesse em política, ou ler a *Eneida*^[03] sem nenhum interesse em Roma. Isso me parece absurdo. Mas há um sentido mais sensato para a Bíblia — que, afinal de contas, é literatura — não poder ser lida de forma apropriada exceto como literatura, e suas diferentes partes como os tipos distintos de literatura que são. Mais enfaticamente, os salmos

devem ser lidos como poemas; como letras de música, com todas as licenças e todas as formalidades, as hipérboles, as conexões emocionais mais do que lógicas, que são próprias da poesia lírica. Eles devem ser lidos como poemas para que sejam compreendidos, assim como o francês deve ser lido como francês ou o inglês como inglês. Caso contrário, perderemos de vista o que se encontra neles e pensaremos que vemos o que não se encontra.

Sua principal característica formal, o elemento mais óbvio do padrão, felizmente sobrevive à tradução. A maioria dos leitores saberá que me refiro ao que os estudiosos chamam de “paralelismo”, ou seja, a prática de dizer a mesma coisa duas vezes com palavras diferentes. Um exemplo perfeito é: “O que mora nos céus rirá; o SENHOR zombará deles” (Salmos 2:4); ou ainda: “[O SENHOR] fará resplandecer como a aurora a tua retidão; e, como a luz do meio-dia, o teu direito” (37:6). Se isso não for reconhecido como padrão, o leitor se descobrirá iludido (como alguns dos pregadores mais antigos fizeram) em seu esforço para obter um significado diferente de cada metade do verso ou, então, pensará que é muito tolo.

Na realidade, é um exemplo bem autêntico do que todo padrão e, portanto, toda arte envolvem. O princípio da arte foi definido por alguém como “o mesmo no outro”. Assim, em uma dança *country*, você dá três passos e depois três passos novamente. Esse é um padrão. Mas os três primeiros passos são dados à direita e os três seguintes, à esquerda. Esse é o outro padrão. Em um edifício, pode haver uma ala de um lado e uma ala do outro, mas ambas com a mesma configuração. Na música, o compositor pode dizer ABC, depois abc e depois αβγ. A rima consiste em combinar duas sílabas que têm o mesmo som, exceto pelas consoantes iniciais, que são outras. Paralelismo é a forma tipicamente hebraica do “mesmo no outro”, mas também ocorre em muitos poetas ingleses. Por exemplo, na obra de Marlowe:

Cortado está o galho que pode ter crescido em linha reta

E queimado está o ramo de louro de Apolo, [04]

ou na forma infantilmente simples usada pela “Cherry Tree Carol” [Canção da cerejeira]:

É claro que o paralelismo é, muitas vezes, parcial e intencionalmente escondido (já que o equilíbrio entre as massas em uma imagem pode ser algo muito mais sutil do que a simetria completa). E é claro que outros padrões mais complexos podem ser trabalhados por meio dele, como no salmo 119, ou no 107, com seu refrão. Menciono apenas o que é mais óbvio, o próprio paralelismo. É (de acordo com o ponto de vista de cada um) ou um maravilhoso golpe de sorte ou uma sábia provisão de Deus que a poesia que deveria ser vertida em todas as línguas tivesse como principal característica formal aquela que não desaparece (como ocorre com a métrica) na tradução.

Se tivermos algum gosto por poesia, desfrutaremos essa característica dos salmos. E até mesmo aqueles cristãos que não a apreciam vão respeitá-la; pois Nosso Senhor, embebido na tradição poética de sua terra, deleitou-se em usá-la. “Pois com que juízo julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que medirdes, assim vos medirão” (Mateus 7:2). A segunda metade do versículo não faz nenhuma adição lógica; ela ecoa, com variação, a primeira. “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei e abrir-se-vos-á” (Mateus 7:7). O conselho é dado na primeira frase, depois repetido duas vezes com imagens diferentes. Podemos, se quisermos, ver nisso um propósito exclusivamente prático e didático; atribuindo a verdades que são infinitamente dignas de lembrança essa expressão rítmica e encantatória, Jesus as tornou quase impossíveis de serem esquecidas. Gosto de supor mais. Parece-me apropriado, quase inevitável, que, quando aquela grande Imaginação — a qual, no princípio, para seu próprio deleite e para o deleite de homens e anjos e (a seu modo próprio) dos animais, inventou e formou todo o mundo da Natureza — submeteu-se a se expressar na fala humana, essa fala por vezes deveria ser poesia. Pois a poesia também é uma pequena encarnação, dando corpo ao que antes era invisível e inaudível.

Penso também que não nos faz mal lembrar que, ao se tornar Homem, Jesus curvou o pescoço sob o doce jugo de uma hereditariedade e de um ambiente primitivos. Humanamente falando, ele teria aprendido esse estilo, se de ninguém mais (mas tudo tinha relação com ele), de sua mãe. “Para nos

livrar dos nossos inimigos, e da mão de todos os que nos aborrecem. Para usar de misericórdia para com nossos pais, e lembrar-se do seu santo concerto” [Lucas 1:71-72]. Aqui está o mesmo paralelismo. (E, conseqüentemente, seria esse o único aspecto em que podemos dizer de sua natureza humana que “ele era o próprio filho de sua mãe”? [06] Há uma ferocidade, até mesmo um toque de Débora [cf. Juízes 4 e 5], combinada com a doçura do *Magnificat*, a que a maioria das Madonas pintadas faz pouca justiça, aliando-se à severidade frequente de suas próprias palavras. Tenho certeza de que a vida privada da sagrada família era, em muitos sentidos, “suave” e “gentil”, mas talvez dificilmente da forma como alguns escritores de hinos têm em mente. Pode-se suspeitar, em ocasiões apropriadas, de certa severidade; e tudo no que as pessoas em Jerusalém consideravam um dialeto áspero da região do norte.)

É claro que não tentei “cobrir o assunto”, nem mesmo em meu próprio nível amador. Eu enfatizei, e omiti, conforme meus próprios interesses me levaram a fazê-lo. Não digo nada sobre os longos salmos históricos, em parte porque significam menos para mim e, em parte, porque parecem exigir poucos comentários. Digo o mínimo que posso sobre a história dos salmos como parte de vários “cultos” — um assunto amplo, e que não é para mim. E começo por aquelas características do Saltério que, a princípio, são mais repulsivas. Outros homens da minha era saberão por quê. Nossa geração foi criada para comer tudo que está no prato; e era o bom princípio da gastronomia infantil terminar rapidamente as coisas desagradáveis primeiro e deixar a melhor parte para o fim.

Trabalhei principalmente com a tradução que os anglicanos encontram em seu *Livro de oração*, a de Coverdale. [07] Mesmo entre os tradutores antigos, ele não é, de forma alguma, o mais preciso; e é claro que um estudioso moderno tem mais hebraico no dedo mindinho do que o pobre Coverdale tinha em todo o seu corpo. Mas, em beleza, em poesia, ele e são Jerônimo, o grande tradutor para o latim, excedem a todos que conheço. De forma geral, verifiquei e, algumas vezes, corrigi sua versão pela do Dr. Moffatt. [08]

Finalmente, como logo ficará claro a qualquer leitor, esta não é o que se chama de obra “apologética”. Em nenhum momento estou tentando convencer os incrédulos de que o cristianismo é verdadeiro. Dirijo-me a quem já crê, ou a quem está pronto, durante a leitura, para “suspender sua

descrença”. Um homem não pode estar sempre defendendo a verdade; deve haver um tempo para se alimentar dela.

Também escrevi como membro da Igreja da Inglaterra, mas evitei ao máximo as questões controversas. Em dado momento, tive de explicar como divergia, em certo assunto, tanto dos católicos romanos como dos fundamentalistas — espero não perder, por essa razão, a boa vontade ou as orações de nenhum deles. Também não temo muito isso. De acordo com minha experiência, a oposição mais amarga não vem deles nem de quaisquer outros crentes convictos, e frequentemente não de ateus, mas, sim, de semicrentes de todos os aspectos. Há alguns idosos cavalheiros esclarecidos e progressistas desse tipo a quem nenhuma cortesia pode aplacar e nenhuma modéstia desarmar. Mas, então, atrevo-me a dizer que não conheço pessoa mais irritante que eu mesmo. (Vamos, talvez, no Purgatório, ver nosso próprio rosto e ouvir nossa própria voz como realmente eram?)



CAPÍTULO 1

“Julgamento” em Salmos

Se há algum pensamento diante do qual um cristão estremece é aquele a respeito do “julgamento” de Deus. O “dia” do julgamento é “aquele dia de ira, aquele dia terrível”. Oramos para que Deus nos livre “à hora da morte e no dia do juízo”. Durante séculos, a arte e a literatura cristãs retrataram seus terrores. Essa marca no cristianismo certamente remonta ao ensinamento do próprio Senhor Jesus, em especial à terrível parábola das ovelhas e dos bodes [Mateus 25:31-46]. Isso não deixa nenhuma consciência intocada, pois nela os “bodes” são condenados inteiramente por causa de seus pecados de omissão, como que para nos dar a certeza de que a acusação mais pesada contra cada um de nós não se refere às coisas que fizemos, mas àquelas que nunca fizemos — talvez mesmo aquelas que nunca sonhamos em fazer.

Foi, portanto, com grande surpresa que notei pela primeira vez como os salmistas falam sobre os julgamentos de Deus. Eles falam assim: “Alegram-se e folguem as nações, pois julgas com retidão” (67:4); “Exulte o campo

[...] haja regozijo entre as árvores da terra na presença do SENHOR, porque ele vem, sim, vem julgar a terra” (96:12,13). O julgamento é aparentemente uma ocasião de regozijo universal. As pessoas pedem: “Julga-me segundo a tua justiça, SENHOR, Deus meu” (35:24).

A razão para isso logo se torna muito clara. Os antigos judeus, como nós, pensam no julgamento de Deus em termos de um tribunal terreno de justiça. A diferença é que o cristão retrata o caso a ser julgado como um caso criminal em que ele é o réu; o judeu retrata isso como um caso civil em que ele é o querelante. Um espera a absolvição, ou melhor, o perdão; o outro, um triunfo retumbante, com a indenização por danos. Por isso ele ora: “Defende a minha causa” ou “Vinga a minha causa” (35:23). Embora, como acabei de dizer, Nosso Senhor, na parábola das ovelhas e dos bodes, tenha pintado um quadro tipicamente cristão, em outro lugar ele é tipicamente judeu. Observe o que ele quer dizer com “o injusto juiz”. Com essas palavras, a maioria de nós refere-se a alguém como o juiz Jeffreys^[09] ou às criaturas que se sentaram nos bancos dos tribunais alemães durante o *régime* nazista: alguém que intimida testemunhas e jurados para condenar e, depois, punir violentamente homens inocentes. Mais uma vez, estamos pensando em um julgamento criminal. Esperamos nunca aparecer em um banco de réus perante tal juiz. Mas o juiz injusto da parábola é um personagem bem diferente. Não há perigo de comparecer em seu tribunal contra a vontade; a dificuldade é oposta: justamente entrar nele. É claramente uma ação civil. A pobre mulher (Lucas 18:1-5) teve seu pequeno pedaço de terra — espaço para um chiqueiro ou um galinheiro — tirado dela por um vizinho mais rico e mais poderoso (hoje seriam urbanistas ou alguma outra entidade). E ela sabe que seu caso é perfeitamente claro. Se pudesse apenas levá-lo ao tribunal e tê-lo julgado segundo as leis do país, ela com certeza recuperaria aquele terreninho. Mas ninguém vai ouvi-la — ela não consegue nem mesmo ter a causa julgada. Não à toa ela está ansiosa por “justiça” [v. 3].

Por trás disso, está uma experiência milenar e quase mundial da qual temos sido poupados. Na maioria dos lugares e das épocas, tem sido muito difícil para o “homem comum” fazer com que seu caso seja ouvido. O juiz (e, sem dúvida, um ou dois de seus subordinados) precisa ser subornado. Se o homem não puder se dar ao luxo de “molhar a mão”, seu caso nunca chegará ao tribunal. Nossos juízes não recebem suborno. (Provavelmente

tomamos essa bênção como garantida; mas ela não permanecerá conosco automaticamente.) Portanto, não temos de ficar surpresos ao notar que os Salmos e os Profetas estão cheios de anseio por julgamento e que consideram o anúncio de que o “julgamento” está vindo como uma boa notícia. Centenas e milhares de pessoas que foram despojadas de tudo que possuem e que têm o direito inteiramente do seu lado serão, por fim, ouvidas. É claro que elas não estão temerosas a respeito do julgamento. Elas sabem que seu caso é irrefutável — se pelo menos for ouvido. O que acontecerá quando, por fim, Deus vier para julgar.

Inúmeras passagens evidenciam isso. No salmo 9, é-nos dito que Deus “julgará com justiça o mundo, e as nações com retidão” (v. 8), e isso ocorre porque ele “não esquece o clamor dos aflitos” (v. 12). Ele é “o juiz [ou seja, o que defende o caso] das viúvas” (68:5). O bom rei em Salmos 72:2 governará com retidão seu povo, ou seja, governará com equidade os pobres. “Quando Deus se dignou a julgar”, veio “para livrar a todos os oprimidos da terra” (76:9), todas as pessoas tímidas e indefesas cujas injustiças ainda não foram corrigidas. Quando Deus acusa os juízes terrenos de julgarem injustamente, segue dizendo-lhes que defendam o pobre (82:2,3).

O juiz “justo”, então, é principalmente aquele que corrige um erro em um caso civil. Ele, sem dúvida, também julgaria um caso criminal com justiça, mas dificilmente é nisso que os salmistas estão pensando. Os cristãos clamam a Deus por misericórdia em vez de justiça; *eles* clamaram a Deus por justiça em vez de injustiça. O Juiz Divino é o defensor, o salvador. Estudiosos me dizem que no Livro de Juízes a palavra que assim traduzimos pode quase ser lida como “campeões”; pois, embora esses “juízes” às vezes desempenhem o que deveríamos chamar de função judicante, muitos deles estão muito mais preocupados em resgatar os israelitas oprimidos sob os filisteus e outros pela força das armas. Eles são mais como Jack, o matador de gigantes, do que como um juiz moderno de peruca. Os cavaleiros dos romances de cavalaria que saem por aí resgatando donzelas e viúvas aflitas de gigantes e outros tiranos estão agindo quase como “juízes” no antigo sentido hebraico do termo: assim é o solicitador^[10] moderno (e eu conheci bem isso), aquele que faz trabalho não remunerado para clientes pobres a fim de salvá-los das injustiças.

Acho que há boas razões para considerar a imagem cristã do julgamento de Deus muito mais profunda e muito mais segura para nossa alma do que a judaica. Mas isso não significa que a concepção judaica deva simplesmente ser descartada. Eu, pelo menos, creio que ainda posso obter bastante sustento dela.

Ela suplementa o quadro cristão de maneira significativa. Pois o que nos alarma no quadro cristão é a pureza infinita do padrão segundo o qual nossas ações serão julgadas. E sabemos que nenhum de nós jamais chegará a esse padrão. Estamos todos no mesmo barco. Todos devemos depositar nossas esperanças na misericórdia de Deus e na obra de Cristo, não em nossa própria bondade. Por outro lado, a imagem judaica de uma ação civil nos lembra nitidamente de que talvez sejamos falhos não apenas segundo o padrão divino (isso é algo esperado), mas também segundo um padrão muito humano que todas as pessoas razoáveis admitem e que nós mesmos geralmente desejamos impor aos outros. Quase certamente há reivindicações não satisfeitas, reivindicações humanas, contra cada um de nós. Pois quem pode realmente acreditar que, em todas as suas relações com patrões e empregados, com marido ou mulher, com pais e filhos, em rixas e colaborações, sempre alcançou (sem nem mesmo considerar caridade ou generosidade) meras honestidade e justiça? Claro que esquecemos a maioria das ofensas que cometemos. Mas os que foram ofendidos não esquecem, ainda que perdoem. E Deus não esquece. E mesmo o que podemos lembrar é bastante terrível. Poucos de nós têm sempre dado, de forma completa, a alunos, pacientes ou clientes (ou qualquer que seja o nome de nossos “consumidores” particulares) aquilo pelo que estávamos sendo pagos. Nem sempre realizamos nosso quinhão de algum trabalho cansativo quando encontramos um colega ou parceiro que pudesse ser seduzido a carregar o lado pesado.

Nossas queixas fornecem um ótimo exemplo da maneira pela qual as concepções cristã e judaica diferem, embora ambas devam ser mantidas em mente. Como cristãos, é claro que devemos nos arrepender de toda a raiva, malícia e obstinação que permitiram que a discussão se tornasse, do nosso lado, uma briga. Mas há também a pergunta em um nível muito mais baixo: “Já que houve a briga” — vamos falar disso mais tarde —, “você lutou de forma justa?”. Será que não falsificamos inconscientemente toda a questão?

Fingimos estar zangados com alguma coisa quando sabíamos, ou podíamos saber, que nossa raiva tinha uma causa diferente e muito menos apresentável? Fingimos estar “magoados” em nossos sensíveis e ternos sentimentos (naturezas delicadas como a nossa são bem vulneráveis) quando a inveja, a vaidade não atendida ou a vontade própria frustrada eram nosso verdadeiro problema? Em geral, essas táticas são bem-sucedidas. As outras partes cedem. Elas cedem não porque não saibam o que realmente está errado conosco, mas porque há muito sabem bem disso, e esse cachorro adormecido pode ser despertado, esse esqueleto, tirado do armário, apenas à custa de pôr em risco toda a sua relação conosco. É necessária a cirurgia que elas sabem que nunca enfrentaremos. E nós vencemos do seguinte modo: por meio de trapaça. Mas a injustiça é profundamente sentida. Na verdade, o que é comumente chamado de “sensibilidade” é o motor mais poderoso da tirania doméstica, às vezes tirania ao longo de toda uma vida. De que modo devemos lidar com isso em relação aos outros, não tenho certeza; mas devemos ser impiedosos com as primeiras aparições disso em nós mesmos.

Os constantes protestos em Salmos contra aqueles que oprimem “os pobres” podem parecer, à primeira vista, ter menos aplicação à nossa própria sociedade do que à maioria. Mas talvez isso seja superficial; talvez o que muda não seja a opressão, mas apenas a identidade dos “pobres”. Muitas vezes acontece que algum conhecido meu recebe um requerimento do pessoal do Imposto de Renda, o qual ele questiona. Como resultado, o requerimento volta para ele reduzido em até cinquenta por cento. Um homem que eu conhecia, um advogado, foi ao escritório da Receita e perguntou qual era a justificativa para o requerimento original. A criatura atrás do balcão deu uma risadinha e disse: “Bem, não há mal algum em tentar”. Assim, quando a trapaça é intentada contra os homens do mundo que sabem cuidar de si mesmos, nenhum grande dano é causado. Algum tempo foi perdido, e todos nós, em alguma medida, compartilhamos a vergonha de pertencer a uma comunidade em que tais práticas são toleradas, mas isso é tudo. Quando, porém, esse tipo de publicano envia um requerimento igualmente desonesto a uma viúva pobre, já meio faminta de uma renda “proveniente de capital” altamente tributável (na verdade, obtida ao longo de anos de abnegação por parte de seu marido) que a inflação reduziu a quase nada, um resultado muito diferente provavelmente se segue.

Ela não pode pagar por ajuda jurídica; ela não entende nada; ela fica apavorada e paga — reduzindo as refeições e o combustível, que já eram totalmente insuficientes. O publicano que, com sucesso, “tentou” o requerimento errado com a viúva representa precisamente “os ímpios”, os quais, “na sua arrogância, perseguem furiosamente o humilde” (10:2). Certamente, eles fazem isso, não como o antigo publicano fazia, para seu próprio lucro ilícito imediato, mas apenas para progredir no serviço ou para agradar aos seus senhores. Isso faz a diferença. Quão significativa é essa diferença aos olhos daquele que vinga o órfão e a viúva, isso eu não sei. O publicano pode considerar a questão na hora da morte e saberá a resposta no dia do “julgamento”. (Mas — quem sabe? — posso estar cometendo uma injustiça com os publicanos. Talvez eles considerem seu trabalho um esporte e observem as leis do jogo; e, assim como outros desportistas não atirarão em um pássaro pousado, eles podem reservar seus requerimentos ilegais para aqueles que podem defender-se e revidar, e nunca sonhariam em prejudicar os indefesos. Se assim for, só posso me desculpar por meu erro. Se o que eu disse é injustificado como repreensão ao que eles são, ainda pode ser útil como alerta a respeito do que ainda podem tornar-se. A falsidade é viciante.)

Deve-se notar, no entanto, que trago a concepção judaica de um julgamento civil disponível para meu benefício cristão ao me retratar como o réu, e não como o querelante. Os escritores de Salmos não fazem isso. Eles anseiam pelo “julgamento” porque pensam que foram injustiçados e esperam ver corrigidas as injustiças que sofreram. Há, de fato, algumas passagens em que os salmistas se aproximam da humildade cristã e, sabiamente, deixam de confiar em si mesmos. Assim, no salmo 50 (um dos melhores), “Deus mesmo é o julgador” (v. 6-21); e, em 143:2, lemos as palavras que a maioria dos cristãos repete com frequência: “Não entres em juízo com o teu servo, porque na tua presença não se achará justo vivente algum”. Mas essas são exceções. Quase sempre o salmista é o querelante indignado.

Ele, aparentemente, tem certeza de que suas mãos estão limpas. Ele nunca fez aos outros as coisas horríveis que estão fazendo com ele. Ele argumenta: se eu fiz tal coisa de que me culpam, se alguma vez me comportei como fulano de tal, então deixe que fulano humilhe “a minha vida” e reduza “a pó a minha glória” (7:3-5). Mas certamente não é o caso. Ele continua: Não é

como se meus inimigos estivessem me pagando por qualquer mal que eu lhes tenha feito. Pelo contrário, eles “tornaram-me o mal pelo bem”. Mesmo depois disso, continuei exercendo a maior caridade para com eles. Quando eles estavam doentes, eu orei e jejei por eles (35:12-14).

Tudo isso, obviamente, tem seu perigo espiritual. Isso conduz àquela prisão tipicamente judaica da justiça própria, a qual Nosso Senhor tantas vezes repreendeu com ardor. Teremos de considerar isso em breve. Por ora, porém, acho importante estabelecer distinção entre duas convicções: a de que alguém está certo e a de que ele é “justo”, é um homem bom. Como nenhum de nós é justo, a segunda convicção é sempre uma ilusão. Mas qualquer um de nós pode estar — provavelmente todos nós estamos, em um momento ou outro — certo sobre algum assunto em particular. Além do mais, o pior homem pode ter razão contra o melhor. O aspecto geral de seu caráter nada tem a ver com isso. A questão de saber se o lápis disputado pertence a Tommy ou a Charles é bem diferente da questão de qual é o menino mais legal, e os pais que permitiram que uma questão influenciasse a decisão sobre a outra seriam muito injustos. (Seria ainda pior se eles dissessem que Tommy deveria deixar Charles ficar com o lápis, pertencendo a ele ou não, porque isso mostraria que ele tem uma boa disposição. Isso pode ser verdade, mas é uma verdade prematura. Uma exortação à caridade não deve ser uma cláusula adicional a uma recusa da justiça. É provável que dê a Tommy uma convicção vitalícia de que a caridade é um artifício hipócrita para tolerar o roubo e favorecer o encobrimento de erros.) Não precisamos, portanto, de modo algum presumir que os salmistas estão enganados ou mentindo quando afirmam que, contra seus inimigos particulares em algum momento específico, eles estão completamente certos. A voz deles enquanto dizem isso pode irritar nossos ouvidos e nos sugerir que são pessoas desagradáveis. Mas isso é outro assunto. Geralmente, ser injustiçado não torna as pessoas agradáveis.

Mas é claro que a confusão fatal entre estar certo e ser justo logo recai sobre eles. No salmo 7, o qual já citei, vemos a transição. Nos versículos 3 a 5, o poeta está apenas certo; pelo versículo 7,^[11] ele está dizendo: “Julga-me, ó Deus, conforme a retidão e a integridade que haja em mim”. Há também, em muitos dos salmos, uma confusão ainda mais fatal: aquela entre o desejo por justiça e o desejo por vingança. Esses importantes tópicos terão

de ser abordados separadamente. Os salmos de justiça própria podem ser tratados apenas em um estágio bem posterior; podemos voltar-nos de imediato aos salmos vingativos, às maldições, que tornaram o Saltério, em grande medida, um livro fechado para muitos frequentadores de igreja modernos. Os vigários, como é natural, têm medo de apresentar à congregação poemas tão cheios daquela paixão, à qual o ensinamento de Nosso Senhor não dá trégua. No entanto, deve haver algum uso cristão a ser feito deles se, pelo menos, ainda crermos (como eu) que toda a Sagrada Escritura é, em algum sentido — embora nem todas as partes dela no mesmo sentido —, a palavra de Deus. (O sentido em que entendo isso será explicado mais tarde.)



CAPÍTULO 2

As maldições

Em alguns salmos, o espírito de ódio que nos atinge no rosto é como o calor da boca de uma fornalha. Em outros, o mesmo espírito deixa de ser assustador, tornando-se apenas (para uma mente moderna) quase cômico em sua ingenuidade.

Exemplos do primeiro caso podem ser encontrados em todo o Saltério, mas talvez o pior esteja no salmo 109. O poeta ora para que “um homem iníquo” governe seu inimigo e que “Satanás”^[12] esteja à sua direita (v. 6). Isso provavelmente não significa o que um leitor cristão naturalmente supõe. “Satanás” é um acusador, talvez um informante. Quando o inimigo for julgado, que ele seja condenado e sentenciado, “e a sua oração se lhe torne em pecado” (v. 7, ACF). Isso novamente significa, penso, não suas orações a Deus, mas suas súplicas a um juiz humano, que serão fatores ainda mais agravantes para ele (dobrar a sentença porque ele implorou para que fosse reduzida pela metade). Que seus dias sejam poucos, que seu trabalho seja dado a outra pessoa (v. 8). Quando ele estiver morto, que seus órfãos sejam

mendigos (v. 10). Que ele procure em vão que alguém no mundo tenha pena dele (v. 12). Que, contra ele, Deus sempre se lembre dos pecados de seus pais (v. 14). Ainda mais diabólico em um versículo é o (sob outro aspecto belo) salmo 137, em que uma bênção é pronunciada sobre qualquer um que arrebatou uma criança babilônica e der com os miolos dela contra as pedras (v. 8,9). E temos o refinamento da malícia em 69:22, “Seja a mesa diante deles um laço; e, quando seguros, uma armadilha”.

Os exemplos que (pelo menos em mim) dificilmente podem deixar de produzir um sorriso podem ocorrer mais inquietantemente nos salmos que amamos; o 143, depois de prosseguir por onze versículos em uma tensão que traz lágrimas aos olhos, acrescenta no décimo segundo, quase como uma reflexão tardia, “e por tua misericórdia desarraiga os meus inimigos” (ACF). Ainda mais ingenuamente, quase de modo infantil, o 139, no meio de seu hino de louvor, acrescenta (v. 19): “Ó Deus, tu matarás decerto o ímpio[?]” (ACF) — como se fosse surpreendente que um remédio tão simples para os males humanos não tivesse ocorrido ao Todo-poderoso. O pior de tudo em “O SENHOR é meu Pastor” (Salmos 23:1), depois dos pastos verdejantes, das tranquilas águas, da confiança segura no vale da sombra, de repente nos deparamos com: “Preparas uma mesa perante mim *na presença de meus adversários*” (v. 5) — ou, como o Dr. Moffatt traduz: “Tu és meu anfitrião, preparando um banquete para mim *enquanto meus inimigos têm de assistir*”. O prazer do poeta em sua atual prosperidade não seria completo a menos que aqueles horríveis vizinhos (que costumavam olhar para ele de nariz empinado) estivessem assistindo a tudo e odiando. Isso pode não ser tão diabólico quanto as passagens que citei antes, mas a mesquinhez e a vulgaridade disso, especialmente em tal ambiente, são difíceis de suportar.

Uma maneira de lidar com esses salmos terríveis ou (ousamos dizer?) desprezíveis é simplesmente deixá-los em paz. Mas, infelizmente, as partes ruins não podem ser ignoradas com facilidade; elas podem, como notamos, estar entrelaçadas com as coisas mais requintadas. E, se ainda cremos que tudo na Sagrada Escritura “para nosso ensino foi escrito” [Romanos 15:4] ou que o antigo uso dos salmos no culto cristão não era totalmente contrário à vontade de Deus, e se lembrarmos que a mente e a linguagem de Nosso Senhor foram claramente mergulhadas no Saltério, preferimos, se possível, fazer algum uso deles. Que uso pode ser feito?

Parte da resposta a essa pergunta não pode ser dada até que consideremos o assunto da alegoria. Por ora, posso apenas descrever, tendo a ventura de ajudar os outros, o uso que, involuntária e gradualmente, vim a fazer deles.

No início eu tinha certeza, e tenho certeza ainda, de que não devemos nem tentar explicá-los nem ceder por um momento sequer à ideia de que, por estar na Bíblia, todo esse ódio vingativo deve, de alguma forma, ser bom e piedoso. Devemos encarar os dois fatos diretamente. O ódio está lá — purulento, exultante, sem disfarce —, e também seremos perversos se, de alguma forma, o tolerarmos ou aprovarmos, ou (pior ainda) se o usarmos para justificar paixões semelhantes em nós mesmos. Somente depois que essas duas admissões forem feitas é que podemos prosseguir com segurança.

A primeira coisa que me ajudou — essa é uma experiência comum — veio de um ângulo que não parecia nada religioso. Considerei que essas maldições eram, de certa forma, extremamente intrigantes. Pois aqui é visto um sentimento que todos conhecemos muito bem, o Ressentimento, expressando-se com perfeita liberdade, sem disfarce, sem inibição, sem vergonha — como poucos, exceto as crianças, o expressariam hoje. É claro que não pensei que isso ocorresse porque os antigos hebreus não tinham convenções ou restrições. As culturas antigas e orientais são, em muitos aspectos, mais convencionais, cerimoniais e corteses do que a nossa. Mas suas restrições estão em lugares diferentes. O ódio não tinha de ser disfarçado por decoro social ou por receio de que alguém o acusasse de uma neurose. Nós, portanto, o vemos em sua condição “selvagem”, ou natural.

Seria possível esperar que isso, imediata e proveitosamente, voltasse minha atenção para a mesma coisa em meu próprio coração. E isso, claro, é um bom uso que podemos fazer dos salmos imprecatórios. Certamente, os ódios contra os quais lutamos em nós mesmos não sonham com vinganças tão terríveis. Vivemos — pelo menos em alguns países ainda vivemos — em uma era mais branda. Esses poetas viviam em um mundo de punições selvagens, de massacre e violência, de sacrifício de sangue em todos os países e de sacrifício humano em muitos deles. E, claro, também somos muito mais sutis do que eles em disfarçar nossa má vontade em relação aos outros e a nós mesmos. “Bem”, dizemos, “ele viverá para se arrepender”, como se estivéssemos meramente, mesmo com pesar, fazendo uma previsão; sem perceber, certamente sem admitir, que o que prevemos nos proporciona

alguma satisfação. Ainda mais na tendência dos salmistas de ruminar repetidamente alguma injúria, de permanecer em uma espécie de autotortura, lembrando todas as circunstâncias que a agravam, a maioria de nós pode reconhecer algo que encontramos em nós mesmos. Afinal, somos irmãos de sangue desses homens ferozes, bárbaros e autoindulgentes.

Isso, como eu disse, é um bom uso para fazer das maldições. Na verdade, porém, algo mais me ocorreu primeiro. Pareceu-me que, ao ver neles o ódio indisfarçado, eu via também o resultado *natural* de ferir um ser humano. Aqui, a palavra *natural* é significativa. Esse resultado pode ser obliterado pela graça, suprimido pela prudência ou pela convenção social e (o que é perigoso) totalmente disfarçado pelo autoengano. Mas, assim como o resultado natural de atirar um fósforo aceso em uma pilha de aparas é produzir fogo — embora a umidade ou a intervenção de uma pessoa mais sensata possa impedi-lo —, o resultado natural de enganar um homem, ou humilhá-lo, ou negligenciá-lo, é despertar ressentimento, ou seja, é impor a ele a tentação de se tornar o que os salmistas eram quando escreveram as passagens vingativas. Ele pode ou não conseguir resistir à tentação. Se ele cair, se ele morrer espiritualmente por causa do ódio que direciona a mim, como eu, que provoquei esse ódio, fico de pé? Pois, além da injúria original, causei-lhe uma injúria muito pior. Na melhor das hipóteses, introduzi em sua vida interior uma nova tentação; na pior das hipóteses, um pecado que o aflige constantemente. Se esse pecado o corromper por completo, é porque, de certa forma, eu o perverti ou o seduzi. Eu fui o tentador.

Não adianta falar como se o perdão fosse fácil. Todos nós conhecemos a velha piada: “Você parou de fumar uma vez; eu já parei uma dúzia de vezes”. Da mesma forma, eu poderia dizer a respeito de certo homem: “Se eu o perdoei pelo que ele fez naquele dia? Já o perdoei mais vezes do que posso contar”. Pois constatamos que a obra do perdão tem de ser feita repetidas vezes. Nós perdoamos, nós mortificamos nosso ressentimento; uma semana depois, alguma corrente de pensamento nos leva de volta à ofensa original e descobrimos o antigo ressentimento queimando como se nada tivesse sido feito a respeito. Precisamos perdoar nosso irmão setenta vezes sete, não apenas por 490 ofensas, mas por uma ofensa [cf. Mateus 18:21,22]. Assim, o homem em que estou pensando introduziu uma nova e difícil tentação em uma alma que já tinha muitas delas vindas do diabo. E o que essa pessoa fez

comigo, sem dúvida eu fiz com outras; eu, que sou excepcionalmente abençoado por me haver sido permitido um modo de vida no qual, por dispor de pouco poder, tive poucas oportunidades de oprimir e amargar os outros. Que todos nós, que nunca fomos monitores de escolas, suboficiais, diretores de escola, enfermeiras-chefe de hospitais, carcereiros ou mesmo magistrados, agradeçamos de coração por isso!

É monstruosamente simplório ler as maldições em Salmos sem nenhum sentimento, exceto o de horror pela falta de caridade dos poetas. Eles são mesmo malignos. Mas também devemos pensar naqueles que os fizeram assim. O ódio deles é uma reação a algo. Tal ódio é o tipo de coisa que a crueldade e a injustiça, por uma espécie de lei natural, produzem. Isso, entre outras coisas, é o que injustiça significa. Tire de um homem sua liberdade ou seus bens, e você pode ter-lhe tirado a inocência, quase sua humanidade, também. Nem todas as vítimas vão se enforcar como o Sr. Pilgrim^[13] — elas podem viver e odiar.

Então, ocorreu outro pensamento que me conduziu em uma direção inesperada e, a princípio, indesejada. A reação dos salmistas à injúria, embora profundamente natural, é profundamente errada. Pode-se tentar desculpá-la com base no fato de que eles não eram cristãos e não conheciam nada melhor. Mas existem duas razões pelas quais essa defesa, embora, em certa medida, funcione, não vai muito longe.

A primeira é que, dentro do próprio judaísmo, já existia o corretivo para essa reação natural. “Não odiarás teu irmão em teu coração [...] Não te vingará nem guardarás ira contra os filhos do teu povo, mas amarás o teu próximo como a ti mesmo”, diz Levítico (19:17,18). Em Êxodo, lemos: “Se vires o jumento daquele que te odeia caído debaixo da sua carga [...] Certamente o ajudarás” e “Se encontrares o boi do teu inimigo, ou o seu jumento, desgarrado, sem falta lho reconduzirás (23:5,4). “Quando cair o teu inimigo, não te alegres, nem se regozije o teu coração quando ele tropeçar” (Provérbios 24:17). E nunca esquecerei minha surpresa quando descobri pela primeira vez que a frase de São Paulo “Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer” [Romanos 12:20] é uma citação direta do mesmo livro (Provérbios 25:21). Mas esta é uma das recompensas de ler o Antigo Testamento de forma regular: você continua descobrindo cada vez mais que o Novo Testamento é tecido de citações dele — quão constantemente Nosso

Senhor repetiu, reforçou, continuou, refinou e sublimou a ética judaica, quão raramente ele introduziu uma novidade. Isso, é claro, era perfeitamente conhecido — era, de fato, axiomático — por milhões de cristãos incultos, desde que a leitura da Bíblia fosse habitual. Hoje em dia isso parece estar tão esquecido que as pessoas pensam que, de alguma forma, desacreditarão Nosso Senhor se puderem mostrar que algum documento pré-cristão (ou o que elas consideram pré-cristão), como os Manuscritos do mar Morto, o “antecipou”. Como se supuséssemos que ele seja um inescrupuloso oportunista como Nietzsche inventando uma nova ética! Todo bom professor, dentro e fora do judaísmo, o antecipou. Toda a história religiosa do mundo pré-cristão, em seu melhor lado, o antecipa. Não poderia ser de outra forma. A Luz que iluminou cada homem desde o princípio pode brilhar ainda mais claramente, mas não pode mudar. A Origem não pode, de repente, começar a ser, no sentido popular da palavra, “original”.

A segunda razão é ainda mais inquietante. Se vamos desculpar os poetas dos salmos com base no fato de que eles não eram cristãos, devemos ser capazes de apontar para o mesmo tipo de coisa, e pior, nos autores pagãos. Talvez, se eu conhecesse mais literatura pagã, pudesse fazer isso. Mas, naquilo que conheço (um pouco de grego, um pouco de latim e muito pouco de nórdico antigo), não tenho certeza de que posso fazê-lo. Posso encontrar nessas obras lascívia, muita insensibilidade brutal, frias crueldades tidas como certas, mas não essa fúria ou essa luxúria de ódio. Refiro-me, é claro, aos pontos nos quais os escritores estão falando em sua própria pessoa; discursos colocados na boca de personagens raivosos em uma peça são uma questão diferente. A primeira impressão é que os judeus eram muito mais vingativos e cáusticos que os pagãos.

Se não somos cristãos, devemos descartar isso com a velha piada: “Que estranho Deus escolher os judeus!”. Isso é impossível para nós que cremos que Deus escolheu aquele povo para o veículo de sua própria Encarnação, e que somos devedores a Israel além de todo pagamento possível.

Sempre que encontrarmos uma dificuldade, podemos esperar que uma descoberta nos aguarda. Onde há arbustos, esperamos por caça. Essa dificuldade específica merece ser explorada.

Parece que existe uma regra no universo moral que pode ser assim formulada: “Quanto mais elevado, mais em perigo”. O “homem sensual médio” [14] que às vezes é infiel à esposa, às vezes levemente embriagado, sempre um pouco egoísta, de vez em quando (dentro da lei) um pouco astuto em seus negócios, é certamente, de acordo com os padrões comuns, um tipo “mais baixo” que o homem cuja alma está cheia de alguma grande causa, à qual subordinará seus apetites, sua fortuna e até mesmo sua segurança. Mas é do segundo homem que algo realmente perverso pode vir a surgir: um Inquisidor, um Membro do Comitê de Segurança Pública. São os grandes homens, os santos em potencial, e não os homenzinhos, que se tornam fanáticos impiedosos. Aqueles que estão mais prontos para morrer por uma causa podem facilmente tornar-se aqueles que estão mais prontos para matar por ela. Vê-se o mesmo princípio em ação em um campo (comparativamente) tão sem importância quanto a crítica literária: a obra mais brutal, o ódio mais pungente de todos os outros críticos e de quase todos os autores, pode vir do crítico mais honesto e desinteressado, o homem que se preocupa mais apaixonada e desinteressadamente com a literatura. Quanto mais altas as apostas, maior a tentação de perder a paciência com o jogo. Não devemos supervalorizar a relativa inofensividade das pessoas pequenas, sensuais e frívolas. Elas não estão acima, mas abaixo, de algumas tentações.

Se nunca sou tentado, e não consigo me imaginar tentado, a apostar dinheiro, isso não significa que eu seja melhor do que aqueles que são. A timidez e o pessimismo que me isentam dessa tentação me fazem recuar daqueles riscos e aventuras que todo homem deve correr. Da mesma forma, não podemos ter certeza de que a relativa ausência de vingança nos pagãos, embora certamente uma coisa boa em si mesma, seja um bom sintoma. Isso me ocorreu durante uma incursão noturna realizada no início da Segunda Guerra, em um compartimento cheio de jovens soldados. A conversa deles deixou claro que não acreditavam totalmente em tudo que haviam lido nos jornais sobre as crueldades indiscriminadas do *régime* nazista. Eles davam como certo, sem discutir, que tudo aquilo era mentira, tudo propaganda feita por nosso próprio governo para “animar” as tropas. E o mais chocante foi que, acreditando nisso, eles não expressaram a menor raiva. Que nossos governantes atribuíssem falsamente o pior dos crimes a alguns de seus

semelhantes, a fim de induzir outros de seus semelhantes a derramar-lhes o sangue, isso lhes parecia uma coisa natural. Eles nem mesmo se mostravam particularmente interessados nisso. Eles não viam nada de errado nessa atitude. Diante disso, me pareceu que o mais violento dos salmistas — ou, aliás, qualquer criança que gritasse: “Mas não é justo” — estava em uma condição mais esperançosa do que esses jovens. Se eles tivessem percebido, e sentido como um homem deve sentir, a maldade diabólica que acreditavam que nossos governantes estavam cometendo, e depois os houvessem perdoado, teriam sido santos. Mas não dar-se conta disso — nem mesmo serem tentados ao ressentimento, aceitando tudo como a coisa mais comum do mundo — manifesta uma insensibilidade aterrorizante. Claramente, esses jovens não tinham (pelo menos nesse assunto) nenhuma concepção de bem e mal.

Assim, a ausência de ira, especialmente aquele tipo de ira que chamamos de *indignação*, pode, na minha opinião, ser um sintoma muito alarmante. E a presença de indignação pode ser boa. Mesmo quando essa indignação se transforma em amarga disposição para vingança pessoal, ainda pode ser um bom sintoma, embora ruim em si mesmo. É um pecado; mas pelo menos mostra que aqueles que o cometem não caíram abaixo do nível em que existe a tentação desse pecado — assim como os pecados (muitas vezes bastante aterrorizantes) do grande patriota ou do grande reformador apontam para algo neles acima do mero ego. Se os judeus amaldiçoavam mais amargamente do que os pagãos, isso era, acredito, pelo menos em parte porque eles levavam o certo e o errado mais a sério. Pois, se olharmos para seus xingamentos, perceberemos que, em geral, estão zangados não apenas porque essas coisas tinham sido feitas a eles, mas porque essas coisas são manifestamente erradas, odiosas a Deus e à vítima. O pensamento do “Senhor justo” — que certamente deve odiar tais atos tanto quanto eles, que certamente, portanto, deve (mas quão terrivelmente ele demora!) “julgar” ou vingar — está sempre lá, mesmo que apenas em segundo plano. Às vezes, ele vem para o primeiro plano, como em Salmos 58:10,11: “Alegrar-se-á o justo quando vir a justiça [...]. Assim dirão os homens: [...] ‘Na verdade há um Deus que julga a terra’ ”. Isso é algo diferente da mera ira sem indignação — a ira quase animal ao descobrir que o inimigo de um homem

lhe fez exatamente o que ele, se fosse forte ou rápido o suficiente, teria feito a seu inimigo.

Diferente, certamente mais elevado, um sintoma melhor; mas, ainda assim, também levando a um pecado mais terrível, pois encoraja o homem a pensar que suas piores paixões são sagradas. Encoraja-o a acrescentar, explícita ou implicitamente, “Assim diz o SENHOR” à expressão de suas próprias emoções ou mesmo de suas próprias opiniões; como Carlyle e Kipling^[15] e alguns políticos, e até mesmo, à sua maneira, alguns críticos modernos, tão horripelantemente fazem. (É isso, a propósito, no lugar de mero “juramento profano” ocioso, que devemos considerar como “tomar o nome de Deus em vão”. O homem que diz “Que essa droga de cadeira vá pro inferno!” não deseja realmente que ela seja primeiramente dotada de uma alma imortal e depois enviada para a perdição eterna.) Pois aqui também é verdade a máxima “quanto mais elevado, mais em perigo”. Os judeus pecaram nesse assunto muito mais que os pagãos, não porque estivessem mais distantes de Deus, mas porque estavam mais próximos dele. Pois o Sobrenatural, entrando na alma humana, abre-lhe novas possibilidades tanto do bem como do mal. A partir desse ponto, a estrada se bifurca: um caminho para a santidade, o amor, a humildade; o outro para o orgulho espiritual, a justiça própria, o zelo persecutório. E não há como voltar às meras virtudes e aos vícios monótonos da alma não desperta. Se o chamado divino não nos tornar melhores, tornar-nos-á muito piores. De todos os homens maus, os homens religiosos maus são os piores. De todos os seres criados, o mais perverso é aquele que, originalmente, esteve na presença imediata de Deus. Parece não haver saída para isso. Isso dá uma nova aplicação às palavras de Nosso Senhor sobre “fazer as contas” [Lucas 14:28-30].

Pois ainda podemos ver, na pior de suas maldições, como esses antigos poetas estavam, em certo sentido, próximos de Deus. Embora horripelantemente distorcido pelo instrumento humano, algo da voz divina pode ser ouvido nessas passagens. Isso não significa, obviamente, que Deus olhe para seus inimigos como os salmistas: o Senhor não tem “prazer na morte do ímpio” [Ezequiel 33:11]. Mas, sem dúvida, ele manifesta com respeito ao pecado desses inimigos apenas a hostilidade implacável que os poetas expressam. Implacável? Sim, não com respeito ao pecador, mas ao pecado, que não será

tolerado nem ignorado. Nenhuma negociação será feita com o pecado. Esse dente deve cair, essa mão direita deve ser amputada, para que o homem seja salvo. Desse modo, a implacabilidade dos salmistas está muito mais próxima de um lado da verdade do que muitas atitudes modernas que podem ser confundidas, por aqueles que as defendem, com caridade cristã. É, por exemplo, obviamente mais próxima do que a total indiferença moral daqueles jovens soldados. Está mais próxima do que a tolerância pseudocientífica que reduz toda maldade à neurose (embora, é claro, alguma maldade aparente seja). Ela ainda contém um traço de sanidade ausente da idosa que presidia um tribunal de menores que — eu mesmo ouvi — falou a alguns jovens arruaceiros, condenados por um roubo bem planejado para terem ganho (eles já haviam vendido o butim, e alguns tinham condenações anteriores contra si), que eles deveriam, eles realmente deveriam, desistir dessas “brincadeiras estúpidas”. Contra tudo isso, as partes ferozes de Salmos servem como um lembrete de que existe no mundo algo como a maldade e que ela (se não seus perpetradores) é odiosa a Deus. Dessa forma, por mais perigosa que a distorção humana possa ser, a palavra de Deus soa através dessas passagens também.

Mas, além de aprender com esses terríveis salmos, podemos também usá-los em nossa vida devocional? Eu acredito que sim — mas esse tópico deve ser reservado a um capítulo posterior.



CAPÍTULO 3

A morte em Salmos

De acordo com minha diretriz de considerar em primeiro lugar o que é menos atraente, devo agora prosseguir para a justiça própria em muitos dos salmos. Mas não podemos lidar com isso adequadamente até que alguns outros assuntos tenham sido examinados. Volto-me, antes, para um tópico muito diferente.

Nossos antepassados parecem ter lido Salmos e o restante do Antigo Testamento com a impressão de que seus autores os escreveram com uma compreensão bastante completa da teologia cristã; apenas com a exceção principal de que a Encarnação, que, para nós, é algo registrado, foi para eles algo predito. De forma mais específica, eles raramente duvidavam (em geral, eles criam) que os antigos autores estivessem, assim como nós, preocupados com uma vida além da morte, que temiam a condenação e esperavam a alegria eterna.

Em nossa própria versão do *Livro de oração*, e provavelmente em muitas outras, algumas passagens deixam essa impressão quase irresistível. Assim,

em Salmos 17:14, lemos sobre homens mundanos que “se fartam dos bens terrenos”. O leitor cristão inevitavelmente lê nisso (e Coverdale, o tradutor, obviamente também o fez) o contraste de Nosso Senhor entre o homem rico, que teve suas coisas boas aqui, e Lázaro, que as teve no futuro; o mesmo contraste que está implícito em Lucas 6:24: “Ai de vós, ricos, pois já recebestes a vossa consolação”. Mas os tradutores modernos não podem encontrar nada parecido no hebraico real. Na realidade, essa passagem é apenas uma das maldições que consideramos no capítulo anterior. Em Salmos 17:13, o poeta ora a Deus para “derrubar”^[16] (no Dr. Moffatt, “esmagar”) os ímpios; no versículo 14, ocorre-lhe um refinamento. Sim, esmaga-os, mas primeiro deixa-os se fartarem “dos bens terrenos”. Mata-os, mas primeiro dá-lhes maus bocados enquanto estiverem vivos.

Mais uma vez, no salmo 49, temos: “Nem um deles pode redimir seu irmão [...] (pois custa muito a remissão das suas almas; e ele não a efetuará jamais)” (v. 7,8). Quem não pensaria em uma referência à obra redentora de Cristo? Nenhum homem pode “salvar” a alma de outro. O preço da salvação é tal que somente o Filho de Deus poderia pagar; como diz o hino, não havia outro “suficientemente bom para pagar o preço”.^[17] O próprio fraseado de nossa versão reforça o efeito — o verbo *redimir*, que (fora do negócio de penhores) agora é usado apenas em sentido teológico, e no pretérito sentido de *custo*. Não teve “custas”, mas a remissão custou mais, de uma vez por todas, o Calvário. Mas, aparentemente, o poeta hebreu quis dizer algo bem diferente e muito mais comum. Ele quis dizer apenas que a morte é inevitável. Como o Dr. Moffatt traduz: “Ninguém pode comprar a si mesmo. Ninguém pode comprar de Deus por um preço (o resgate da alma é muito caro) uma vida que nunca terminará”.

Neste ponto, posso imaginar um amante vitalício de Salmos exclamando: “Oh, ao diabo os grandes eruditos e tradutores modernos! Não vou deixar que estraguem toda a Bíblia para mim. Pelo menos, deixem-me fazer duas perguntas: (1) Você não está espichando o braço da coincidência um pouco longe demais ao me pedir para acreditar que, não uma, mas duas vezes, no mesmo livro, um mero acidente (traduções erradas, manuscritos ruins ou sei lá o quê) teria imitado com tanto sucesso a linguagem do cristianismo? (2) Você quer dizer que os significados antigos que sempre atribuímos a esses versículos simplesmente têm de ser descartados?”. Ambas as questões serão

consideradas em um capítulo posterior. Por ora, direi apenas que, à segunda pergunta, minha resposta pessoal é um confiante “não!”. Volto ao que acredito serem os fatos.

Parece bastante claro que, na maior parte do Antigo Testamento, há pouca ou nenhuma crença em uma vida futura; certamente nenhuma crença que seja de alguma importância religiosa. A palavra traduzida como “alma” em nossa versão de Salmos significa apenas “vida”;^[18] a palavra traduzida como “inferno” significa simplesmente “a terra dos mortos”, o estado de todos os mortos, bons e maus, *Sheol*.

É difícil saber o que um antigo judeu pensava acerca do *Sheol*. Ele não gostava de pensar nisso. Sua religião não o encorajava a pensar nisso. Nada de bom poderia vir de pensar nisso. O mal, sim. Era uma condição a partir da qual se acreditava que pessoas muito más, como a Feiticeira de En-Dor [1Samuel 28], eram capazes de conjurar um fantasma. Mas o fantasma não lhe contava nada sobre o *Sheol*: era chamado apenas para lhe contar coisas sobre nosso próprio mundo. Ou ainda, se você se permitir um interesse doentio no *Sheol*, pode se ver atraído para uma das formas vizinhas de paganismo e comer “os sacrifícios dos mortos” (Salmos 106:28).

Por trás de tudo isso, é possível discernir uma concepção não especificamente judaica, mas comum a muitas religiões antigas. O *Hades* grego é o exemplo mais familiar para as pessoas modernas. *Hades* não é céu nem inferno — é quase nada. Estou falando das crenças populares; é claro que filósofos como Platão têm uma doutrina distinta e positiva da imortalidade. E é claro que os poetas podem escrever fantasias sobre o mundo dos mortos. Essas, com frequência, têm tanto mais relação com a verdadeira religião pagã do que as fantasias que podemos escrever sobre como outros planetas têm relação com a verdadeira astronomia. Na verdadeira crença pagã, não valia a pena falar sobre *Hades*, um mundo de sombras, de decadência. Homero (provavelmente muito mais próximo das crenças reais do que os poetas posteriores e mais sofisticados) representa os fantasmas como tolos. Eles algaravam coisas sem sentido até que algum homem vivo lhes dê sangue sacrificial para beber. Como os gregos se sentiam a esse respeito em seu tempo é mostrado, de forma surpreendente, no início da *Ilíada*, em que Homero diz sobre homens mortos em batalha que a alma deles foi para o *Hades*, mas “os próprios homens” foram

devorados por cães e aves carniceiras. É o corpo, inclusive o corpo morto, que é o próprio homem; o fantasma é apenas uma espécie de reflexo ou eco. (Às vezes, tem-me passado pela cabeça o impulso sombrio de me perguntar se tudo isso era, de fato, verdade; que o destino meramente natural da humanidade, o destino da humanidade não redimida, é apenas isto: o desintegrar-se da alma como o do corpo, tornar-se um sedimento psíquico ininteligente. Se assim for, a ideia de Homero de que apenas uma bebida de sangue sacrificial pode restaurar um fantasma à racionalidade seria uma das mais impressionantes entre muitas expectativas pagãs da verdade.)

Tal concepção, vaga e marginal até mesmo no paganismo, torna-se mais forte no judaísmo. O *Sheol* é ainda mais escuro, mais profundo, do que o *Hades*. Fica a mil milhas de distância do centro da religião judaica, especialmente em Salmos. Eles falam do *Sheol* (ou “inferno” ou “abismo”) da mesma forma que um homem que fala de “morte” ou “túmulo” não acredita em nenhum tipo de estado futuro — um homem para quem os mortos estão simplesmente mortos, são nada e não há mais nada a ser dito.

Em muitas passagens, isso fica bem claro, mesmo em nossa tradução, para todo leitor atento. O mais claro de todos é o clamor em 89:47: “Lembra-te de quão curta é a minha existência; para qual vaidade criaste todos os filhos dos homens?”. Todos nós chegamos a nada no final. Portanto, “certamente que o homem anda como uma aparência” (39:6). Os sábios e tolos têm o mesmo destino (49:10). Uma vez morto, o homem não mais adora a Deus: “Porventura te louvará o pó?” (30:9); “Porque na morte não há lembrança de ti” (6:5). A morte é a “terra do esquecimento” (88:12) e, nela, não apenas as coisas mundanas, mas todas as coisas, são esquecidas. Quando um homem morre, “perecem seus pensamentos” (146:4, ACF). Todo homem “irá ter com a geração de seus pais, que não mais verão a luz” (49:19); ele vai para uma escuridão que nunca terá fim.

Em outros lugares, é claro, soa como se o poeta estivesse orando pela “salvação da própria alma” no sentido cristão. Quase certamente ele não está. Em 30:3, “Tu trouxeste minha alma do inferno”^[19] significa: “Tu me salvaste da morte”. “Os laços da morte me cercaram, e as dores do inferno se apoderaram de mim”^[20] (116:3) significa: “A morte estava armando laços para mim; eu senti a angústia de um homem que morria” — ou, como diríamos: “Eu estava às portas da morte”.

Como todos sabemos pelo nosso Novo Testamento, o judaísmo mudou muito a esse respeito no tempo de Nosso Senhor. Os saduceus mantiveram a antiga visão. Os fariseus e, aparentemente, muitos outros criam na “vida do mundo vindouro”. [21] Quando, e por quais estágios, e (sob Deus) de quais fontes, essa nova crença se insinuou, isso não faz parte do nosso assunto atual. Estou mais interessado em tentar compreender a ausência dessa crença, em meio ao intenso sentimento religioso, no período anterior. Para alguns, pode parecer surpreendente que Deus, tendo revelado tanto de si mesmo a esse povo, não lhe tenha ensinado isso.

Agora, isso não me surpreende. Por um lado, havia nações próximas aos judeus cuja religião estava predominantemente preocupada com a vida após a morte. Ao ler sobre o Egito antigo, tem-se a impressão de uma cultura na qual o principal objetivo da vida era tentar garantir o bem-estar dos mortos. Parece que Deus não queria que o povo escolhido seguisse esse exemplo. Podemos perguntar por quê. É possível que os homens se preocupem demais com seu destino eterno? Em algum sentido, por mais paradoxal que pareça, devo responder: sim.

Pois me parece que a verdade é que a felicidade ou a miséria além da morte, tão apenas em si mesmas, nem sequer são assuntos religiosos. Um homem que acredita nelas, claro, será prudente em procurar uma e evitar a outra. Mas isso não parece ter mais a ver com religião do que cuidar da saúde ou economizar dinheiro para a velhice. A única diferença aqui é que as apostas são muito mais altas. E isso significa que, concedida uma convicção real e firme, as esperanças e as ansiedades despertadas são avassaladoras. Mas elas não são mais religiosas por essa razão. São esperanças por si mesmas, ansiedades por si mesmas. Deus não está no centro. Ele é importante apenas por outra coisa. De fato, tal crença pode existir sem uma crença em Deus. Os budistas são muito preocupados com o que acontecerá com eles após a morte, mas não são, em nenhum sentido verdadeiro, teístas.

Certamente, portanto, é bem possível que, quando Deus começou a se revelar aos homens — para lhes mostrar que ele (e nada mais) é o verdadeiro objetivo deles e a satisfação de suas necessidades, e que ele tem direito sobre eles simplesmente por ser o que ele é, independentemente de qualquer coisa que possa conceder ou negar —, tenha sido absolutamente necessário que

essa revelação não começasse com qualquer sugestão de bem-aventurança ou de perdição futuras. Elas não são o ponto certo pelo qual começar. Uma crença efetiva nelas, se vier cedo demais, pode até tornar quase impossível o desenvolvimento (chamemos assim) do apetite por Deus; esperanças e medos pessoais, obviamente muito estimulantes, entrariam em primeiro lugar. Mais tarde, quando, após séculos de treinamento espiritual, os homens aprenderam a desejar e a adorar a Deus, a suspirar por ele “como a corsa anseia por águas correntes” [Salmos 42:1], essa é outra questão. Pois, então, aqueles que amam a Deus desejarão não apenas desfrutá-lo, mas também “regozijá-lo para sempre”, e temerão perdê-lo. E é por essa porta que uma esperança verdadeiramente religiosa do Céu e o medo do Inferno podem entrar; como corolários de uma fé já centrada em Deus, e não como coisas com qualquer peso independente ou intrínseco. É até discutível que, no instante em que “Céu” deixa de significar união com Deus, e “Inferno” deixa de significar separação dele, a crença em qualquer um deles seja uma superstição maliciosa; pois, nesse momento, temos, por um lado, uma crença meramente “compensatória” (uma “sequência” da triste história da vida, na qual tudo “dará certo”) e, por outro, um pesadelo que leva os homens a hospícios ou os torna perseguidores.

Felizmente, pela boa providência de Deus, é muitíssimo difícil manter uma crença forte e firme desse tipo egoísta e sub-religioso, e talvez só seja possível para aqueles que são ligeiramente neuróticos. A maioria de nós acredita que a crença na vida futura só é forte quando Deus está no centro dos pensamentos; que, se tentarmos usar a esperança do “Céu” como compensação (até mesmo para a miséria mais inocente e natural, a do luto), ela se desfará. Ela pode, nesses termos, ser mantida apenas por esforços árduos de uma imaginação controlada; e nós sabemos no coração que a imaginação é nossa. Quanto ao Inferno, muitas vezes fiquei impressionado ao ler os “sermões de fogo do inferno” de nossos teólogos mais antigos, com os esforços desesperados que eles fazem para tornar esses horrores vívidos a seus ouvintes, com o espanto de que os homens, com tais horrores pairando sobre si, possam viver tão descuidadamente quanto aqueles ouvintes. Mas talvez não seja realmente algo espantoso. Talvez os teólogos estejam apelando, no nível da prudência egocêntrica e do terror egocêntrico, a uma crença que, nesse nível, não pode realmente existir como uma influência

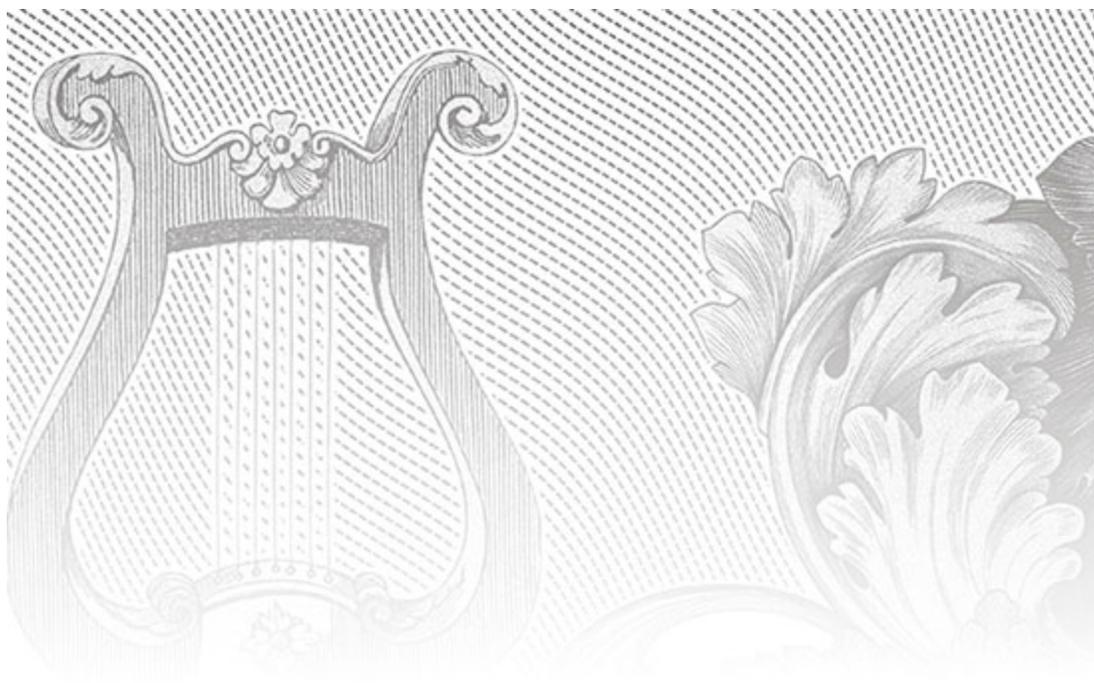
permanente na conduta — embora, claro, possa ser elaborada por alguns minutos, ou mesmo horas, de empolgação.

Tudo isso é apenas a opinião de um homem. E pode ser indevidamente influenciada por minha própria experiência. Pois eu (já disse isso em outro livro, [22] mas a repetição é inevitável) tive permissão por um ano inteiro para crer em Deus e tentar — de alguma forma trôpega — obedecer-lhe antes que qualquer crença na vida futura me fosse dada. E aquele ano sempre me parece ter sido de mui grande valor. Portanto, talvez seja natural que eu suspeite de um valor semelhante nos séculos durante os quais os judeus estiveram na mesma posição. Outros pontos de vista, sem dúvida, podem ser adotados.

É claro que, entre os judeus antigos, assim como entre nós, havia muitos níveis. Eles não eram todos, talvez nenhum deles o tempo todo, desinteressados, assim como nós. O que então preencheu o lugar que mais tarde foi ocupado pela esperança do Céu (muitas vezes, temo, desejado principalmente como uma fuga do Inferno) foi, naturalmente, a esperança por paz e fartura na terra. Isso, em si, era não menos (mas também não mais) sub-religioso do que os cuidados prudenciais com o mundo vindouro. Não era tão pessoal e egocêntrico quanto nossos próprios desejos de prosperidade terrena. O indivíduo, como tal, parece ter sido menos consciente de si mesmo, muito menos separado dos outros, naqueles tempos antigos. Ele não distinguia tão nitidamente sua própria prosperidade daquela que tinha a nação e, especialmente, tinham seus próprios descendentes. Bênçãos sobre a posteridade remota de alguém eram bênçãos sobre si mesmo. De fato, nem sempre é fácil saber se quem fala em um salmo é o poeta individual ou o próprio Israel. Suspeito que às vezes o poeta nunca tenha levantado essa questão.

Mas estaríamos muito enganados se supuséssemos que essas esperanças mundanas eram a única coisa que havia no judaísmo. Elas não são o fator característico dele, o fator que o diferencia da religião antiga em geral. E observe aqui as estranhas veredas pelas quais Deus conduz seu povo. Século após século, por golpes que nos parecem impiedosos, por derrotas, deportações e massacres, martelava-se nos judeus que a prosperidade terrena não é de fato a recompensa certa, ou mesmo provável, de ver Deus. Todas as esperanças foram frustradas. A lição ensinada no livro de Jó foi severamente

ilustrada na prática. Tal experiência certamente teria destruído uma religião que não tinha outro centro senão a esperança de paz e fartura, com cada homem assentado “debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira” [Miqueias 4:4]. E é claro que muitos “caíram”. Mas o surpreendente é que a religião não foi destruída. Em seus melhores representantes, ela se tornou mais pura, mais forte e mais profunda. Ela está sendo, por essa terrível disciplina, dirigida cada vez mais ao seu centro real. Esse será o assunto do próximo capítulo.



CAPÍTULO 4

“A formosura do Senhor”

“Agora vamos parar com isso e falar de coisas alegres”. [23] Até agora — não pude evitar —, este livro tem sido o que a idosa em Scott descreveu como “um frio estrépito de moralidade”. [24] Finalmente, podemos voltar-nos para coisas melhores. Se considerarmos “alegria” uma palavra inadequada para elas, isso pode mostrar quanto precisamos de algo que o livro de Salmos pode dar-nos talvez melhor que qualquer outro livro no mundo.

Davi, sabemos, dançou diante da Arca. Ele dançou com tamanho abandono que uma de suas esposas (presumivelmente um tipo mais moderno, embora não melhor que ele) pensou que ele estava fazendo papel de bobo. Davi não se importava se estava fazendo papel de bobo ou não. Ele estava se regozijando no Senhor. Isso ajuda a nos lembrar desde o princípio que o judaísmo, embora seja a adoração do único Deus verdadeiro e eterno, é uma religião antiga. Isso significa que seus aspectos exteriores, e muitas de suas atitudes, eram muito mais parecidos com os do paganismo do que com toda aquela formalidade — todo aquele regime de caminhar na ponta dos

pés e com a voz baixa — que a palavra “religião” sugere a tantas pessoas agora. De certa forma, é claro, isso coloca uma barreira entre ele e nós. Nós não apreciaríamos os antigos rituais. Todos os templos do mundo, o elegante Partenon em Atenas e o templo sagrado em Jerusalém, eram um matadouro sagrado. (Até mesmo os judeus parecem evitar um retorno a isso. Eles não reconstruíram o Templo nem reviveram os sacrifícios.)[25] Mas até mesmo isso tem dois lados. Se os templos cheiravam a sangue, também cheiravam a carne assada; eles tocavam uma melodia festiva e caseira, bem como uma melodia sagrada.

Quando menino, eu lia a Bíblia e tinha a ideia de que o Templo de Jerusalém estava relacionado às sinagogas locais, assim como uma grande catedral está relacionada às igrejas paroquiais em um país cristão. Na realidade, não existe tal paralelo. O que acontecia nas sinagogas era bem diferente do que acontecia no Templo. As sinagogas eram casas de reunião nas quais a Lei era lida e um discurso podia ser proferido — muitas vezes, por algum visitante distinto (como em Lucas 4:20 ou em Atos 13:15). O Templo era o lugar do sacrifício, onde a adoração essencial a Javé era praticada. Cada igreja paroquial é descendente de ambos. Por seus sermões e lições, mostra sua ascendência na sinagoga. Mas, porque a Eucaristia é celebrada e todos os outros sacramentos são nela administrados, é como o Templo; é um lugar no qual a adoração da Deidade pode ser plenamente praticada. O judaísmo sem o Templo estava mutilado, via-se privado de sua operação central; qualquer igreja, celeiro, enfermaria ou campo pode ser o templo do cristão.

A coisa mais valiosa que o livro de Salmos faz por mim é expressar o mesmo deleite em Deus que fez Davi dançar. Não estou dizendo que isso seja algo tão puro ou tão profundo quanto o amor por Deus alcançado pelos maiores santos e místicos cristãos. Mas não estou fazendo essa comparação; estou comparando com o meramente cumpridor do dever de “ir à igreja” e com o laborioso “fazer nossas orações” a que a maioria de nós está, graças a Deus, nem sempre, mas muitas vezes, reduzida. Em contraste, o deleite se destaca como algo surpreendentemente robusto, viril e espontâneo; algo que podemos considerar com uma inveja inocente e com que podemos esperar ser infectados enquanto lemos.

Pela razão que dei, esse deleite está muito centrado no Templo. Os poetas mais simples, de fato, não distinguem entre o amor de Deus naquilo que poderíamos (de forma bastante perigosa) chamar de “um sentido espiritual” e seu desfrute nas festas do Templo. Não devemos interpretar isso mal. Os judeus não eram, como os gregos, um povo analítico e lógico; de fato, exceto os gregos, nenhum povo antigo era. O tipo de distinção que podemos facilmente traçar entre aqueles que estão realmente adorando a Deus na igreja e aqueles que desfrutam “um belo culto” por razões musicais, saudosistas ou meramente sentimentais teria sido impossível para eles. Chegamos mais perto do estado de espírito deles se pensarmos em um piedoso lavrador moderno na igreja no dia de Natal ou no Dia de Ação de Graças pela colheita. Quero dizer, é claro, alguém que realmente crê, que é um comungante regular; não alguém que comparece apenas nessas ocasiões, e é assim (não no pior, mas no melhor sentido da palavra) um pagão praticando a piedade pagã, fazendo sua reverência ao Desconhecido — e às vezes Esquecido — nos grandes festivais anuais. O homem que imagino é um cristão verdadeiro. Mas você lhe faria mal se lhe pedisse, nesses momentos, para separar na mente algum elemento exclusivamente religioso de todo o resto: de seu prazer social caloroso em um ato corporativo, de seu prazer nos hinos (e na multidão), de sua lembrança de outros cultos semelhantes desde a infância, de sua merecida expectativa de descanso após a colheita ou a ceia de Natal depois da igreja. Eles são todos um em sua mente. Isso teria sido ainda mais verdadeiro para qualquer homem antigo, especialmente para um antigo judeu. Ele era um camponês, muito próximo do solo. Ele nunca tinha ouvido falar de música, festividade ou agricultura como coisas separadas da religião, nem da religião como algo separado delas. A vida era uma. É claro que isso o deixou exposto a perigos espirituais que as pessoas mais sofisticadas podem evitar; mas também lhe deu privilégios que faltam a essas.

Assim, quando os salmistas falam de “ver” o Senhor, ou anseiam por “vê-lo”, a maioria quer dizer algo que lhes aconteceu no Templo. A maneira desastrosa de expressar isso seria dizer: “Eles querem apenas dizer que viram o festival”. Seria melhor dizer algo como: “Se estivéssemos lá, teríamos visto apenas o festival”. Assim, no salmo 68: “Eles viram, ó Deus, os teus caminhos; [26] os caminhos do meu Deus, meu Rei, no santuário. Iam à

frente os cantores e atrás, os tocadores de instrumentos de corda; entre eles, as donzelas batendo adufes” (v. 24,25), é quase como se o poeta dissesse: “Olha, lá vem ele!”. Se eu estivesse lá, teria visto os músicos e as moças com os pandeiros; além disso, como coisa distinta, eu poderia ou não ter (como dizemos) “sentido” a presença de Deus. O antigo adorador não teria conhecimento de tal dualismo. Da mesma forma, se um homem moderno desejasse “morar na casa do SENHOR todos os dias da [sua] vida, para contemplar a formosura do SENHOR” (27:4, ACF), teria em mente, suponho, que esperava receber momentos frequentes de visão espiritual e amor “sensível” de Deus, não sem a mediação dos sacramentos e a ajuda de outros “cultos”, é claro, mas como algo distinguível deles, e que não deve ser presumido como seu resultado inevitável. Mas suspeito que o poeta desse salmo não tenha estabelecido distinção entre “contemplar a formosura do SENHOR” e os próprios atos de adoração.

Quando a mente se torna mais capaz de abstração e análise, essa velha unidade se rompe. E, tão logo seja possível distinguir entre o rito e a visão de Deus, há o risco de o rito se tornar um substituto e um rival do próprio Deus. Uma vez que possa ser pensado separadamente, será; e, então, pode assumir uma vida própria rebelde e cancerosa. Há uma fase na vida da criança em que ela não consegue separar o caráter religioso do caráter meramente festivo do Natal ou da Páscoa. Ouvei falar de um menino muito pequeno e devoto que foi ouvido murmurando para si mesmo na manhã de Páscoa um poema de sua autoria que começava com “Ovos de chocolate e Jesus ressuscitado”. Isso me parece, para sua idade, tanto uma poesia como uma piedade admiráveis. Mas é claro que, em breve, chegará o momento no qual esse menino não poderá mais desfrutar essa unidade sem esforço e espontaneamente. Ele se tornará capaz de distinguir o aspecto espiritual do ritual e festivo da Páscoa: ovos de chocolate não serão mais sacramentais. E, uma vez feita a distinção, deve colocar um ou outro em primeiro lugar. Se o garoto colocar o espiritual em primeiro lugar, ainda poderá saborear algo da Páscoa nos ovos de chocolate; se colocar os ovos em primeiro lugar, eles logo não serão mais do que qualquer outra guloseima. Eles assumiram uma vida independente e, portanto, logo definharão. Seja em algum período do judaísmo, seja na experiência de alguns judeus, houve uma situação similar. A unidade se desfaz; os ritos de sacrifício tornam-se distinguíveis do

encontro com Deus. Infelizmente, isso não significa que eles deixarão de existir ou se tornarão menos importantes. Eles podem, de vários modos malignos, tornar-se ainda mais importantes do que antes. Eles podem ser valorizados como uma espécie de transação comercial com um Deus ganancioso que, de alguma forma, realmente quer ou precisa de grandes quantidades de carcaças e cujos favores não podem ser garantidos em outros termos. Pior ainda: eles podem ser considerados a única coisa que Deus deseja, de modo que sua realização pontual satisfaça a ele sem obediência às suas exigências de misericórdia, “juízo” ou verdade. Para os próprios sacerdotes, todo o sistema parecerá importante simplesmente porque é seu ofício e seu sustento; todo o seu pedantismo, todo o seu orgulho, toda a sua posição econômica estão ligados a isso. Eles vão elaborar seu ofício cada vez mais. E é claro que o corretivo para esses pontos de vista sobre o sacrifício pode ser encontrado dentro do próprio judaísmo. Os profetas continuamente censuraram-nos de forma violenta. Até mesmo o Saltério, embora, em grande parte, seja uma coleção do Templo, o fez; como no salmo 50, em que Deus diz ao seu povo que toda essa adoração no Templo, considerada em si mesma, não é o ponto real, e de modo particular ridiculariza a noção genuinamente pagã de que ele precisa de fato ser alimentado com carne assada: “Se eu tivesse fome, não *to* diria” (v. 12). Algumas vezes imaginei que ele poderia perguntar de maneira semelhante a certo tipo de clérigo moderno: “Se eu quisesse música, se eu estivesse conduzindo pesquisas sobre os detalhes mais recônditos da história do Rito Ocidental, [27] realmente acha que *você* é a fonte em que eu confiaria?”

Essa possível degradação do sacrifício e suas repreensões são, no entanto, tão conhecidas que não é necessário enfatizá-las aqui. Quero enfatizar algo de que nós (ou pelo menos eu) precisamos mais: a alegria e o deleite em Deus que nos encontramos no Saltério, mais indefinidos ou mais próximos, nesse ou naquele caso, podem estar ligados ao Templo. Ele é o centro vivo do judaísmo. Esses poetas conheciam muito menos razões do que nós para amar a Deus. Eles não sabiam que ele lhes oferecia alegria eterna; ainda menos que ele morreria para ganhá-la em favor deles. No entanto, eles expressam um anseio por Deus, por sua mera presença, que apenas os melhores cristãos ou os cristãos em seus melhores momentos experimentam. Eles desejam viver todos os seus dias no Templo para que possam

contemplar constantemente “a formosura do SENHOR” (27:4). Seu desejo de subir a Jerusalém e “comparecer diante de Deus” é como uma sede física (42:2). A partir de Jerusalém, sua presença resplandece em “perfeita formosura” (50:2). Na falta desse encontro com ele, a alma dos salmistas está seca como “terra árida” (63:1). Eles anseiam por estar “satisfeitos com a bondade de [sua] casa” (65:4). Só ali eles podem sentir-se à vontade, como um pássaro no ninho (84:3). Um dia desses “prazeres” é melhor do que uma vida inteira passada em outro lugar (84:10).

Prefiro — embora a expressão possa parecer dura para alguns — chamar isso de “apetite por Deus” do que de “amor a Deus”. O “amor a Deus” sugere, com muita facilidade, a palavra “espiritual”, em todos os sentidos negativos ou restritivos que infelizmente adquiriu. Esses poetas antigos não parecem pensar que são meritórios ou piedosos por terem tais sentimentos; nem, por outro lado, que são privilegiados por receberem a graça de tê-los. Eles são, ao mesmo tempo, menos arrogantes do que o pior de nós e menos humildes — quase se poderia dizer, menos surpresos — do que o melhor de nós. Isso representa toda a espontaneidade alegre de um desejo natural, mesmo físico. É jovial e prazenteiro. Eles se alegram e exultam (9:2). Seus dedos coçam pela harpa (43:4), pelo alaúde e pela harpa — “Desperta, alaúde e harpa!” (57:8); vamos cantar, trazer o tamborim, trazer a “harpa maviosa e o alaúde”, vamos cantar alegremente e fazer um barulho alegre (81:1,2). Barulho, você pode muito bem dizer. A mera música não é suficiente. Que todos, até mesmo os gentios ignorantes, [28] batam palmas (47:1). Vamos ter címbalos que se chocam, não apenas bem afinados, mas também *retumbantes* (150:5), e danças também. Que até as ilhas remotas (todas as ilhas eram remotas, pois os judeus não eram marinheiros) compartilhem a exultação (97:1). [29]

Não estou dizendo que esse entusiasmo — se você quiser, esse alvoroço — possa ou deva ser revivido. Alguns desses elementos não podem ser revividos porque não estão mortos, mas ainda estão conosco. Seria inútil fingir que nós, anglicanos, somos um exemplo notável. Os romanos, os ortodoxos e o Exército de Salvação retiveram todos eles, acho, mais do que nós. Temos uma preocupação terrível com o bom gosto. No entanto, nem mesmo nós podemos exultar. A segunda razão é muito mais profunda. Todos os cristãos sabem algo que os judeus não sabiam sobre como “custa muito a remissão de

suas almas” [49:8]. Nossa vida como cristãos começa por meio de sermos batizados na morte; nossos festivais mais alegres começam e centram-se no corpo partido e no sangue derramado. Há, portanto, uma profundidade trágica em nossa adoração que faltava ao judaísmo. Nossa alegria tem de ser o tipo de alegria que pode coexistir com isso; para nós, há um contraponto espiritual nos aspectos em que eles tinham uma melodia simples. Mas isso não cancela absolutamente a deleitosa dívida que eu, por exemplo, sinto ter para com os salmos mais apazíveis. Lá, apesar da presença de elementos que podemos agora achar difícil de considerar como religiosos, e da ausência de elementos que alguns poderiam considerar essenciais à religião, encontro uma experiência totalmente centrada em Deus, não pedindo a Deus nenhum dom com mais urgência do que sua presença, o dom de si mesmo, jubiloso ao mais alto grau e inconfundivelmente real. O que vejo (por assim dizer) no rosto desses velhos poetas me diz mais sobre o Deus que eles e nós adoramos.

Mas esse deleite, ou entusiasmo, tipicamente hebraico encontra também outro canal. Devemos segui-lo no próximo capítulo.



CAPÍTULO 5

“Mais doce do que o mel”

Em *Athalie*, tragédia de Racine, o coro de meninas judias canta uma ode sobre a entrega original da Lei no monte Sinai, que tem o notável refrão: “*ô charmante loi*” (Ato I, cena iv). É claro que não funciona — vai beirar o cômico — traduzir isso por: “Oh, charmosa [*charming*] Lei”. *Charming* em inglês tornou-se uma palavra enfadonha e até mesmo condescendente; usamo-la para uma bela cabana, para um livro que não é grande coisa ou para uma mulher que é algo menos que bela. Como devemos traduzir *charmante*, isso eu não sei: “encantadora?”, “cativante?”, “bonita?”. Nenhum desses termos se encaixa perfeitamente. O que é certo, no entanto, é que Racine (um poeta pujante e imerso na Bíblia) está aqui chegando mais perto do que qualquer escritor moderno que conheço de um sentimento bem típico de alguns salmos. E é um sentimento que, a princípio, considere totalmente desconcertante.

“São mais apreciáveis do que o ouro, sim, do que muito ouro apurado; e mais doces também do que o mel e o que os favos destilam” (19:10). Pode-se entender bem isso sendo dito sobre as misericórdias de Deus, as visitas de Deus, seus atributos. Mas o que o poeta está realmente mencionando é a lei de Deus, seus mandamentos; suas “decisões”, como bem traduz o Dr. Moffatt no versículo 9 (pois o termo “preceitos” aqui significa claramente decisões sobre conduta). O que está sendo comparado a ouro e mel são aqueles “preceitos” (na versão latina, “decretos”) que, segundo nos é dito, “alegram o coração” (v. 8). Pois todo o poema é sobre a Lei, não sobre “julgamento”, no sentido ao qual o Capítulo 2 se dedicou.

No começo, isso foi muito misterioso para mim. “Não furtoarás, não adulterarás” — posso entender que um homem pode e deve respeitar esses “estatutos”, e tentar obedecer-lhes e assentir com eles no coração. Mas é muito difícil entender como eles podem ser, por assim dizer, deliciosos, como nos revigoram. Se isso é difícil em qualquer momento, também o é duplamente quando a obediência a um deles se opõe a algum forte, e talvez inocente *em si mesmo*, desejo. Um homem impedido, por seu infeliz casamento anterior com alguma lunática ou criminosa que nunca morre, de estar com uma mulher a quem ele ama fielmente, ou um homem faminto deixado sozinho, sem dinheiro, em uma loja na qual se vê estimulado pelo cheiro e pela visão de pão novo, café torrado ou morangos frescos — acaso esses homens podem considerar a proibição do adultério ou do roubo como mel? Eles podem obedecer, eles ainda podem respeitar o “estatuto”. Mas com certeza ele seria mais apropriadamente comparado ao bisturi do dentista ou à linha de frente no campo de batalha do que a qualquer coisa agradável e doce.

Um bom cristão e grande erudito a quem certa vez fiz essa pergunta disse pensar que os poetas se referiam à satisfação que os homens sentiam ao saber que haviam obedecido à Lei; em outras palavras, aos “prazeres de uma boa consciência”. [30] Eles estariam, na opinião daquele cristão, referindo-se a algo muito parecido com o que Wordsworth sugeriu quando disse que não conhecemos nada mais belo do que o “sorriso” no rosto da Obrigação: seu sorriso quando suas ordens foram cumpridas. [31] É-me audacioso divergir de tal homem, e sua opinião certamente faz muito sentido. A dificuldade é que os salmistas nunca parecem dizer algo assim.

Em Salmos 1:2, é-nos dito que o homem ditoso “na lei do SENHOR se compraz e nela medita dia e noite”. Meditar nela aparentemente não significa obedecer a ela (embora, é claro, o homem bom também o faça), mas estudá-la, como diz o Dr. Moffatt: “Debruça-se sobre ela”. É claro que “a lei” não significa aqui simplesmente os Dez Mandamentos, mas toda a complexa legislação (religiosa, moral, civil, criminal e até constitucional) contida em Levítico, Números e Deuteronômio. O homem que “se debruça sobre ela” está obedecendo à ordem de Josué (Josué 1:8): “O livro da Lei não se apartará da tua boca; mas tu meditarás nele dia e noite”. Isso significa, entre outras coisas, que a Lei era um estudo ou, como diríamos, um “assunto”: uma coisa sobre a qual haveria comentários, palestras e exames. E, de fato, havia. Assim, parte (religiosa, a parte menos importante) do que um antigo judeu queria dizer ao falar que “deleitou-se com a Lei” era muito parecido com o que um de nós quer dizer ao mencionar que alguém “ama” história, física ou arqueologia. Isso pode implicar um prazer totalmente inocente — embora, é claro, meramente natural — com o assunto favorito; ou, por outro lado, os prazeres da vaidade, o orgulho da própria aprendizagem e o conseqüente desprezo pelos estranhos que não compartilham esse prazer, ou mesmo uma admiração venal pelos estudos que garantem os próprios estipêndio e posição social.

O perigo desse segundo desenvolvimento é, sem dúvida, dez vezes maior quando o estudo em questão é, desde o início, carimbado como sagrado. Pois, então, o perigo do orgulho espiritual é adicionado ao do mero pedantismo e da presunção comuns. A pessoa às vezes (não frequentemente) fica feliz por não ser um grande teólogo; pode-se facilmente confundir isso com ser um bom cristão. As tentações a que um grande filólogo ou um grande químico estão expostos são, comparativamente, triviais. Quando o assunto é sagrado, homens orgulhosos e inteligentes podem pensar que os estranhos que não os conhecem não são apenas inferiores a eles em habilidade, mas também inferiores aos olhos de Deus; como os sacerdotes disseram (João 7:49): “Seja maldita toda aquela rale que não é especialista na Torá”. E, à medida que esse orgulho vai aumentando, o “assunto”, ou estudo, que confere tal privilégio se tornará cada vez mais complicado, a lista de coisas proibidas aumentará, até que passar um único dia sem tal suposto pecado se torne um elaborado sapateado, e essa rede horrível gera

autojustiça em alguns e ansiedade assombrosa em outros. Enquanto isso, as “questões mais importantes da Lei” [Mateus 23:23], a própria justiça, encolhem em insignificância sob esse vasto crescimento excessivo, de modo que os legalistas coam um mosquito e engolem um camelo [v. 24].

Assim, a Lei, a exemplo do sacrifício, pode tornar-se uma vida cancerosa por si só e agir contra a coisa pela qual ela existiu. Como Charles Williams escreveu: “Quando os meios são autônomos, são mortais”. [32] Essa condição mórbida da Lei contribuiu para — não sugiro que seja a causa única ou a principal — a jubilosa sensação que Paulo tem de Cristo como o Libertador da Lei. É contra essa mesma condição mórbida que Nosso Senhor pronunciou algumas de suas palavras mais severas; é o pecado e, simultaneamente, o castigo de escribas e fariseus. Mas esse não é o lado da questão que quero enfatizar aqui, nem o que precisa ser enfatizado neste momento. Prefiro deixar que os salmos me mostrem novamente a coisa boa da qual essa coisa ruim é a corrupção.

Como todos sabem, o salmo especialmente dedicado à Lei é o 119, o mais longo de toda a coletânea. E todos já devem ter notado que, do ponto de vista literário ou técnico, é o mais formal e elaborado de todos. A técnica consiste em tomar uma série de palavras que são todas, para os propósitos deste poema, mais ou menos sinônimas (*palavra, estatutos, mandamentos, testemunhos* etc.) — e fazer soar as trocas entre elas ao longo de cada uma das seções de oito versículos, as quais correspondem às letras do alfabeto [hebraico]. [33] (Isso pode ter dado a um ouvido antigo algo do mesmo tipo de prazer que temos com a métrica italiana denominada *Sestina*, na qual, em vez de rimas, temos as mesmas palavras finais repetidas em ordens variadas em cada estrofe.) Em outras palavras, esse poema não é, nem pretende ser, um súbito derramamento do coração, como, digamos, o salmo 18. É um padrão, uma coisa feita como bordado, ponto a ponto, durante longas e tranquilas horas, por amor ao assunto e para o deleite em um artesanato disciplinado e vagaroso.

Ora, isso, por si só, parece-me muito importante, pois nos deixa entrar na mente e no humor do poeta. Podemos adivinhar de pronto que ele se sentia em relação à Lei um pouco como se sentia em relação à sua poesia: ambas envolviam a conformidade exata e amorosa a um padrão intrincado. De imediato, isso sugere uma atitude da qual a concepção farisaica poderia,

mais tarde, crescer, mas que, em si mesma, embora não necessariamente religiosa, é bastante inocente. Parecerá presunção ou pedantismo (ou, então, algo como uma neurótica complicação) para aqueles que não conseguem simpatizar com isso, mas não precisa ser nenhuma dessas coisas. Pode ser o deleite na Ordem, o prazer em conseguir uma coisa “simplesmente assim” — como dançar um minueto. É claro que o poeta está bem ciente de que algo incomparavelmente mais sério que um minueto está em questão aqui. Ele também está ciente de que é muito improvável, ele mesmo, alcançar essa perfeição de disciplina: “Quisera meus caminhos *fossem* tão retos, de forma que eu *pudesse* guardar teus preceitos” (v. 5 [trad. livre]). No momento, eles não são, e ele não pode. Mas seu esforço para fazê-lo não nasce do medo servil. A Ordem da Mente Divina, incorporada na Lei Divina, é bela. O que um homem deve fazer senão tentar reproduzi-la, na medida do possível, em sua vida diária? Seu deleite está nesses estatutos (v. 16); estudá-los é como encontrar um tesouro (v. 14); eles o afetam como música, são seus “cânticos suaves” (v. 54); têm gosto de mel (v. 103); são melhores que prata e ouro (v. 72). À medida que os olhos do poeta vão-se abrindo cada vez mais, ele vê cada vez mais neles, e isso provoca admiração (v. 18). Isso não é vaidade, nem mesmo escrupulosidade; é a linguagem de um homem arrebatado por uma beleza moral. Se não pudermos compartilhar a experiência dele, seremos os perdedores. No entanto, não posso deixar de imaginar que um cristão chinês — alguém cuja cultura tradicional tenha sido o “mestre que o trouxe a Cristo” [Gálatas 3:24] — apreciaria esse salmo mais do que a maioria de nós, pois é uma ideia antiga naquela cultura que a vida deveria, acima de todas as coisas, ser ordenada e que sua ordem deveria reproduzir uma ordem Divina.

Há algo mais para nosso propósito nesse poema solene. Em três ocasiões, o poeta afirma que a Lei é “verdadeira” ou “a verdade” (v. 86,138,142). [34] Encontramos o mesmo em 111:7b,8b: “Todos os seus preceitos [...] feitos em verdade”. (A palavra [hebraica], segundo entendo, também pode ser traduzida como “fiel” ou “saudável”; o que é “verdadeiro”, no sentido hebraico, é o que “retém a água”, o que não “cede” ou desmorona.) Um lógico moderno diria que a Lei é uma ordem e que chamar uma ordem de “verdadeira” não faz sentido: a declaração “A porta está fechada” pode ser verdadeira ou falsa, mas “Feche a porta”, não. Mas acho que todos vemos

muito bem o que os salmistas querem dizer. Eles estão dizendo que, na Lei, você encontra as direções “reais”, “corretas” ou estáveis, bem fundamentadas, para viver. A lei responde à seguinte pergunta: “Como pode um mancebo guardar puro o seu caminho?” (119:9). É como uma lâmpada, um guia (v. 105). Há muitas direções rivais para a vida, como mostram as culturas pagãs ao nosso redor. Quando os poetas chamam as instruções ou “decisões” de Javé de “verdadeiras”, estão expressando a certeza de que estas, e não aquelas outras, são as “reais”, “válidas” ou inatacáveis, que se baseiam na própria natureza das coisas e na própria natureza de Deus.

Mediante essa certeza, eles se colocaram, de forma implícita, no lado certo de uma controvérsia que surgiu muito mais tarde entre os cristãos. No século 18, havia maus teólogos sustentando que “Deus não ordenou certas coisas porque são certas, mas certas coisas são certas porque Deus as ordenou”.^[35] Para deixar a posição perfeitamente clara, um deles até disse que, embora Deus tenha, eventualmente, ordenado que os homens o amassem e que amassem uns aos outros, ele poderia igualmente ter ordenado que o odiássemos e que odiássemos uns aos outros, e o ódio teria sido certo. Foi aparentemente a partir de um mero sorteio que ele decidiu. Essa visão, é claro, faz de Deus um simples tirano arbitrário. Seria melhor e menos irreligioso deixar de crer em Deus e não ter ética do que ter uma ética e uma teologia dessa natureza. Os judeus, é claro, nunca discutem isso em termos abstratos e filosóficos. Mas, de pronto, e completamente, eles assumem a visão correta, acertando mesmo sem saber. Eles sabem que o Senhor (não apenas a obediência ao Senhor) é “justo” e ordena a “justiça” porque a ama (11:7). Ele ordena o que é bom porque a justiça é boa, porque ele é bom. Portanto, suas leis têm *emeth*, “verdade”, validade intrínseca, realidade inabalável, sendo enraizadas em sua própria natureza e, portanto, são tão sólidas quanto a Natureza que ele criou. Mas os próprios salmistas podem apresentar isso de maneira melhor: “Tua justiça é como as mais altas montanhas; teus juízos são um abismo profundo” (36:6).^[36] O deleite que eles têm na Lei é por ter tocado a firmeza, como o deleite do pedestre ao sentir o solo firme sob os pés depois de um atalho falso o haver enredado por muito tempo em campos lamacentos.

Pois havia outros caminhos aos quais faltava a “verdade”. Os judeus tinham como vizinhos imediatos, próximos em raça e em posição, pagãos da

pior espécie, pagãos cuja religião não era marcada por nada daquela beleza ou (às vezes) da sabedoria que podemos encontrar entre os gregos. Esse pano de fundo tornou mais visível a “beleza” ou a “doçura” da Lei; até porque esses paganismos vizinhos consistiam em uma tentação constante para o judeu e podiam, em alguns de seus aspectos exteriores, não ser diferentes da própria religião dele. A tentação era recorrer a esses ritos terríveis em tempos de terror — quando, por exemplo, os assírios o estavam pressionando. Nós, que há pouco tempo esperávamos diariamente a invasão de inimigos,^[37] como os assírios, hábeis e constantes na crueldade sistemática, sabemos como eles podem ter-se sentido. Eles foram tentados, já que o Senhor parecia surdo, a dar oportunidade àquelas divindades terríveis que exigiam muito mais e talvez pudessem dar mais em troca. Mas, quando um judeu em alguma hora mais feliz, ou um judeu melhor mesmo naquela hora, olhava para esses cultos — quando ele pensava em prostituição sagrada, sodomia sagrada e nos bebês atirados ao fogo por Moloque —, sua própria “Lei”, ao se voltar para ela, deve ter-lhe brilhado com um fulgor extraordinário. Mais doce que o mel; ou, se essa metáfora não combina conosco, que não gostamos tanto de doces quanto todos os povos antigos (em parte, por termos açúcar em excesso), digamos: como a água da montanha, como o ar fresco depois de uma masmorra, como a sanidade depois de um pesadelo. Porém, mais uma vez, a melhor imagem está em um salmo, o décimo nono.^[38]

Considero esse o mais grandioso poema do Saltério, e uma das mais grandiosas composições do mundo. A maioria dos leitores se lembrará de sua estrutura: seis versículos sobre a Natureza, cinco sobre a Lei e quatro sobre oração pessoal. As presentes palavras não fornecem nenhuma conexão lógica entre o primeiro e o segundo movimento. Dessa forma, sua técnica se assemelha à da poesia mais moderna. Um poeta moderno passaria com igual brusquidão de um tema para outro e deixaria que você descobrisse por si mesmo a ligação entre eles. Mas ele possivelmente estaria fazendo isso de um modo deliberado; ele pode ter, embora tenha escolhido esconder, um elo perfeitamente claro e consciente na própria mente, podendo ser expresso a você em prosa lógica, se quisesse. Duvido que o poeta antigo fosse assim. Acho que ele sentiu, sem esforço e sem refletir muito a respeito, uma conexão tão estreita, de fato (para sua imaginação) uma identidade tão

grande, entre seu primeiro tema e o segundo que passou de um para o outro sem se dar conta de que havia feito qualquer transição. Em primeiro lugar, ele pensa no céu: como, dia após dia, o esplendor que vemos ali nos mostra o esplendor de seu Criador. Então, ele pensa no sol, na alegria nupcial de seu nascer, na velocidade inimaginável de sua viagem diária de leste a oeste. Por fim, em seu calor; não, claro, no calor ameno de nosso clima, mas nos raios sem nuvens, ofuscantes e tirânicos martelando as colinas, vasculhando cada recanto. A frase-chave da qual todo o poema depende é: “Nada há que se furte a seu calor” (v. 6). Ele penetra em todos os lugares com seu ardor forte e límpido. Então, imediatamente, no versículo 7, ele está falando de outra coisa, que dificilmente lhe parece outra coisa, porque é muito parecida com a luz do sol, a qual tudo penetra e tudo detecta. A Lei é “perfeita”, a Lei dá luz, é reta e eterna, é “doce”. Ninguém pode melhorar isso, e nada pode apresentar-nos mais plenamente ao velho sentimento judaico sobre a Lei: luminosa, severa, desinfetante, exultante. Nem é preciso acrescentar que esse poeta está totalmente livre de justiça própria e que a última seção trata de seus “erros ocultos”. Assim como sentiu o sol, talvez no deserto, procurando-o em cada recanto de sombra em que tentou esconder-se dele, o salmista sente a Lei, procurando todos os esconderijos de sua alma.

E, como essa ideia da beleza, da doçura ou da preciosidade da Lei surgiu do contraste com os paganismos circundantes, logo poderemos encontrar ocasião para recuperá-la. Os cristãos vivem cada vez mais em uma ilha espiritual: modos de vida novos e rivais os cercam em todas as direções, e as marés deles avançam cada vez mais sobre a praia. Nenhuma dessas novas formas ainda é tão suja ou cruel quanto algum paganismo semítico. Mas muitas delas ignoram todos os direitos individuais e já são suficientemente cruéis. Algumas dão à moralidade um significado totalmente novo, que não podemos aceitar; outras negam sua possibilidade. Talvez todos aprendamos, com bastante nitidez, a valorizar o ar puro e a “doce razoabilidade” [39] da ética cristã, que, em uma era mais cristã, poderíamos ter dado como certa. Mas é claro que, se o fizermos, estaremos expostos ao risco da presunção. Podemos chegar a “dar graças a Deus que não somos como os demais homens”. [40] Isso introduz a maior dificuldade que Salmos suscitou em minha mente.



CAPÍTULO 6

Conivência

Todo leitor atento dos salmos deve ter notado que eles nos falam severamente não apenas sobre nós mesmos fazermos o mal, mas também sobre outra coisa. Em 26:4, o homem bom não está apenas livre da “ vaidade ” (falsidade), como também nem mesmo se assentou ou esteve em conversas particulares com aqueles que são “ dissimulados ”. Ele os odiou (v. 5), assim como em 31:6 ele odiou os idólatras. Em 50:18, Deus culpa um homem não por ser ladrão, mas por se mancomunar com um ladrão (no Dr. Moffatt: “ Tu és amigo de qualquer ladrão que vês ”). Em 141:4-6, em que nossa tradução parece estar bastante errada, o sentido geral, no entanto, surge e expressa a mesma atitude. De uma forma quase cômica, o autor do salmo 139 pergunta: “ Não odeio eu, ó SENHOR, aqueles que te odeiam? [...] tenho-os por inimigos! ” (v. 21,22, ACF).

Agora, obviamente, tudo isso — assumir a responsabilidade de odiar aqueles que são considerados inimigos de Deus, evitar fazer sociedade com

aqueles que são considerados maus, julgar os vizinhos, considerar-se “bom demais” para alguns deles (não de maneira esnobe, que, em comparação, é um pecado trivial, mas no sentido mais profundo das palavras “bom demais”) — é um jogo extremamente perigoso, quase fatal. Leva diretamente ao “farisaísmo”, no sentido que o próprio ensinamento de Nosso Senhor deu a essa palavra. Conduz não apenas à maldade, mas também ao absurdo daqueles que, em tempos posteriores, passaram a ser chamados de “*unco guid*”.^[41] Assumo isso desde o início, e acho que mesmo em Salmos esse mal já está em ação. Mas não devemos ser farisaicos nem para os fariseus. É tolice ler tais passagens sem perceber que está envolvido um problema bastante genuíno. E não estou nada confiante com respeito à solução.

Ouvimos dizer repetidas vezes que o editor de certo jornal é um patife, que certo político é um mentiroso, que certo oficial é um tirânico e insolente funcionário, e até desonesto, que alguém tratou sua esposa de forma abominável, que alguma celebridade (estrela de cinema, autor ou qualquer outra coisa) leva uma vida vil e pernicioso. E a regra na sociedade moderna é que ninguém se recuse a conhecer qualquer uma dessas pessoas nem a se comportar com elas da maneira mais amigável e cordial. As pessoas vão até mesmo desviar-se do caminho para conhecê-las. Não vão nem mesmo deixar de comprar o ignóbil jornal, fazendo, assim, com que o dono pague pelas mentiras, pelas detestáveis intromissões na vida privada e na tragédia privada, pelas blasfêmias e pela pornografia que professam condenar.

Eu disse que há um problema aqui, mas, na verdade, são dois. Um é social e quase político. Pode-se perguntar se aquele estado da sociedade em que o que é reprovável não sofre nenhuma penalidade social é saudável; se não seríamos um país mais feliz se algumas pessoas importantes fossem párias como o carrasco já foi — rejeitado em todos os clubes, ignorado por todos os conhecidos e sujeito a marcas de chicote ou a dedos na cara se fosse suficientemente ousado para falar com uma mulher respeitável. Isso remete à questão maior: será que o grande mal de nossa vida civil não é o fato de que agora parece não haver meio-termo entre a submissão sem esperança e a revolução formal? Os tumultos morreram, os tumultos moderados. Pode-se argumentar que, se as janelas de vários ministérios e jornais fossem quebradas com mais frequência, se certas pessoas fossem postas com mais

frequência sob perquirição e (suavemente: com lama, não com pedras) bombardeadas com palavras nas ruas, nós viveríamos muito melhor. Não é totalmente desejável que qualquer homem tenha, ao mesmo tempo, os prazeres de um tirano ou de um fora da lei e os de um homem livre honesto entre seus iguais. Não tenho resposta a essa pergunta. Os perigos de uma mudança na direção que delineei são muito grandes; assim como os males de nossa mansidão atual.

Estou preocupado aqui apenas com o problema que aparece em nossa vida individual e privada. Como devemos nos comportar na presença de pessoas muito más? Vou limitar isso mudando “pessoas muito más” para “pessoas muito más que são poderosas, prósperas e impenitentes”. Se elas são párias, pobres e miseráveis, pessoas cuja maldade obviamente não compensou, então todo cristão sabe a resposta. Cristo falando com a mulher samaritana no poço; Cristo com a mulher flagrada em adultério; Cristo jantando com os publicanos — esses são nossos exemplos. Quero dizer, é claro que sua humildade, seu amor e sua total indiferença ao descrédito social e à deturpação em que ele poderia incorrer são exemplos para nós; não, Deus sabe, que qualquer um de nós que não fosse especialmente qualificado para fazê-lo pelo sacerdócio, por idade, pela familiaridade ou pelo pedido sincero dos próprios pecadores poderia assumir, sem insolência ou presunção, o menor vestígio de sua autoridade para repreender e perdoar. (É preciso ter muito cuidado, sob o risco de deixarmos o desejo de ser paternalistas e a coceira de ser intrometidos se disfarçarem como uma vocação para ajudar os “caídos”, ou, então, de deixarmos isso obscurecer nosso conhecimento de que somos nós mesmos caídos — talvez muito mais aos olhos de Deus.) Mas é claro que provavelmente havia outros que se associavam igualmente a “publicanos e pecadores” e cujos motivos eram muito diferentes dos de Nosso Senhor.

Os publicanos eram os membros mais baixos do que pode ser chamado de movimento Vichy ou Colaboracionista^[42] na Palestina: homens que despojaram seus compatriotas a fim de conseguir dinheiro para a potência ocupante em troca de uma porcentagem polpuda dos ganhos. Como tal, eles eram como o carrasco, mantidos fora de qualquer relação social decente. Mas alguns deles se saíram financeiramente muito bem e, sem dúvida, a maioria contou, até certo ponto, com a proteção e os favores desdenhosos do

governo romano. Pode-se adivinhar que algumas pessoas se associaram a eles por razões muito ruins — para obter “lucros” ou para ter boas relações com vizinhos tão perigosos. Além de Nosso Senhor, haveria, entre seus convidados, bajuladores e aqueles que queriam ser populares; pessoas, na verdade, como um jovem que conheci.

Ele tinha sido um socialista estrito em Oxford. Tudo deve ser administrado pelo Estado; a iniciativa privada e as profissões independentes eram, para ele, o grande mal. Ele, então, foi embora e se tornou professor. Cerca de dez anos depois nessa função, ele veio me ver. Ele disse que suas opiniões políticas haviam sido totalmente invertidas. Nunca se ouviu uma retratação mais completa. Ele agora via que a interferência do Estado era fatal. O que o convertera fora sua experiência como professor do Ministério da Educação — um grupo de intrometidos ignorantes e armados com poderes detestáveis para importunar, dificultar e interromper o trabalho de professores reais e práticos que conheciam as disciplinas que ensinavam, que conheciam os alunos, os pais e todas as condições reais de seu trabalho. Não faz diferença para o que importa na história se você concorda com a visão dele sobre o Ministério; o importante é que ele tinha essa visão. Pois o que, de fato, importa na história, e na visita dele, quando se revelou, quase me tirou o fôlego. Embora pensando dessa forma, ele veio ver se eu tinha alguma influência que pudesse ajudá-lo a conseguir um emprego no Ministério da Educação.

Aqui está a pessoa que dança perfeitamente conforme a música. Imediatamente após a decisão “Essa é uma tirania revoltante”, segue-se a pergunta: “Como posso deixar o mais rápido possível de ser uma das vítimas e me tornar um dos tiranos?”. Se eu pudesse apresentar o jovem a alguém do Ministério, penso que podemos ter certeza de que suas maneiras para com aquele odiado grupo “intrometido” teriam sido cordiais e amigáveis ao extremo. Assim, alguém que tivesse ouvido sua invectiva anterior contra a intromissão e depois testemunhado seu comportamento real em relação ao intrometido, possivelmente (pois o amor “tudo crê”)^[43] teria concluído que esse jovem estava cheio do mais puro cristianismo e havia amado uma pessoa que considerava pecadora, enquanto odiava o que pensava ser o pecado dela.

Claro que esse é um exemplo tão grosseiro e despudorado da busca pelo que está em voga que chega a ser ridículo. Talvez não muitos entre nós se comportem como esse jovem. Mas existem formas mais sutis, mais sociais ou intelectuais de busca pelo que está em voga que são capazes de nos enganar. Muitas pessoas têm o forte desejo de conhecer gente célebre ou “importante”, incluindo aquelas a quem desaprovam, por curiosidade ou vaidade. Isso lhes dá algo para falar ou mesmo (qualquer um pode produzir um livro de reminiscências) para escrever. Parece que confere distinção se o grande, embora odioso, homem o reconhece na rua. E, se tais motivações estão em jogo, é melhor ainda conhecê-lo muito bem, ser íntimo dele. Seria maravilhoso se ele gritasse “Oi, Fulano” enquanto você caminha pela Strand^[44] com um primo influenciável vindo do interior. Não sei se o desejo é, em si, um defeito muito grave. Mas estou inclinado a pensar que um cristão seria sábio em evitar, desde que pudesse fazê-lo de forma decente, qualquer encontro com quem é valentão, lascivo, cruel, desonesto, rancoroso e assim por diante.

Não porque somos “bons demais” para essas pessoas. Em certo sentido, é porque não somos bons o suficiente. Não somos bons o suficiente para lidar com todas as tentações, nem inteligentes o suficiente para lidar com todos os problemas que uma noite passada em tal companhia produz. A tentação é tolerar, ser conivente; por meio de nossas palavras, olhares e risos, “consentir”. A tentação nunca foi maior do que agora, quando todos nós (e com razão) temos tanto medo de ser arrogantes ou “presunçosos”. E, é claro, mesmo que não procuremos, estaremos constantemente em tal companhia, quer queiramos, quer não. Essa é a real e inevitável dificuldade.

Ouviremos histórias vis contadas como engraçadas; não apenas histórias licenciosas, mas (para mim, muito mais sérias e menos notadas) histórias que o contador não poderia contar a menos que estivesse traíndo a confiança de alguém. Ouviremos infames depreciações dos ausentes, muitas vezes disfarçadas de compaixão ou de humor. Coisas que consideramos sagradas serão ridicularizadas. A crueldade será astutamente defendida pela suposição de que seu único oposto é o “sentimentalismo”. Os próprios pressupostos de qualquer vida boa possível — todos os motivos desinteressados, todo heroísmo, todo perdão genuíno — serão, não explicitamente negados (pois,

nesse caso, o assunto poderia ser discutido), mas assumidos como ilusórios, estúpidos e acreditados apenas pelas crianças.

O que se deve fazer? Por um lado, certamente, há um grau de participação sem protesto em tal conversa que é muito ruim. Estamos fortalecendo as mãos do inimigo. Estamos encorajando-o a acreditar que “aqueles cristãos”, uma vez que você os pega desprevenidos e à volta da mesa de jantar, de fato pensam e se sentem exatamente como ele. Por implicação, estamos negando nosso Mestre; comportando-nos como se não conhecêssemos o Homem. Por outro lado, deve-se mostrar que, como a rainha Vitória, a pessoa “não acha graça em nada”? [45] Deve-se ser contencioso, interrompendo o fluxo da conversa a cada instante com “não concordo, não concordo”? Ou o certo é levantar-se e ir embora? Mas, por meio dessas ações, também podemos confirmar algumas de suas piores suspeitas sobre “aqueles cristãos”. Nós somos exatamente o tipo de pedante mal-educado que eles sempre disseram que éramos.

O silêncio é um bom refúgio. As pessoas não vão notar isso tão facilmente quanto tendemos a supor. E (melhor ainda) poucos de nós gostam disso, pois, eventualmente, corremos o risco de gostar de métodos mais violentos. Algumas vezes, o desacordo pode, imagino, ser expresso sem a aparência de pedantismo, se for feito de modo argumentativo e não ditatorial; o apoio frequentemente virá de algum membro mais improvável do grupo, ou de mais de um, até descobrirmos que aqueles que eram silenciosamente dissidentes eram, na verdade, a maioria. Uma discussão de interesse real pode vir à luz. É claro que o lado correto pode ser derrotado nela. Isso importa muito menos do que eu costumava pensar. Por vezes, será descoberto, anos mais tarde, que o mesmo homem que argumentou com você foi influenciado pelo que você disse.

É claro que existe um nível de mal contra o qual um protesto terá de ser feito, por menor que seja a chance de sucesso. Existem acordos alegres no cinismo ou na brutalidade dos quais devemos nos desvencilhar inequivocamente. Se isso não pode ser feito sem parecermos pedantes, então pedantes devemos parecer.

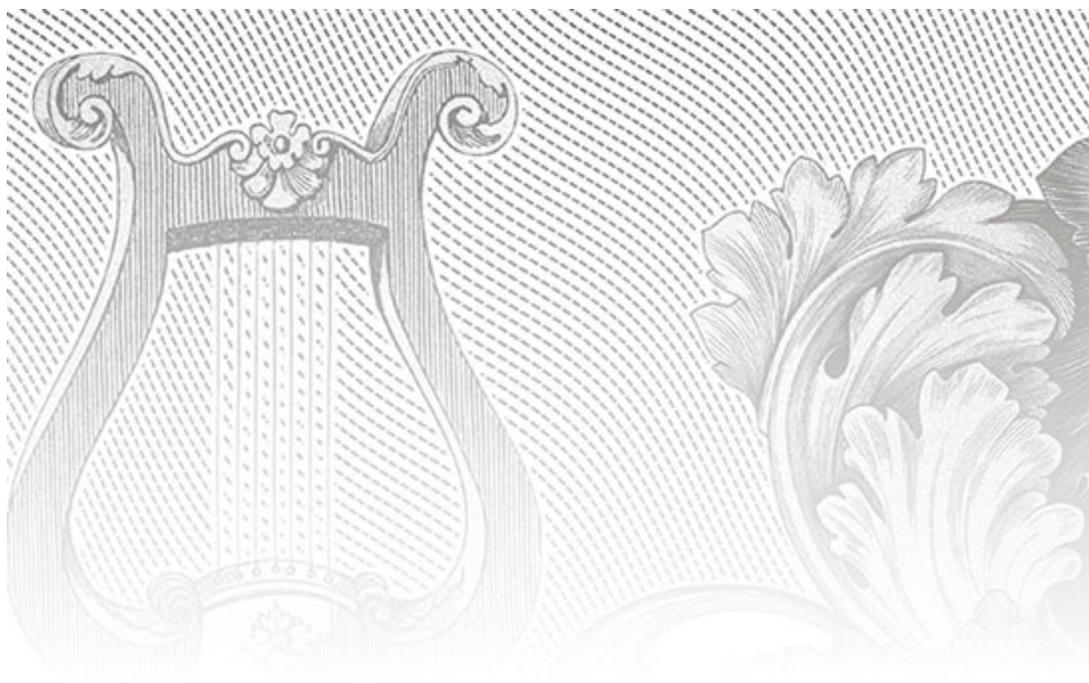
Pois o que realmente importa não é parecer pedante, mas ser pedante. Se não gostamos suficientemente de fazer o protesto, se nos sentimos fortemente tentados a não fazê-lo, é improvável que sejamos, de fato,

pedantes. Aqueles que positivamente gostam, como eles chamam, de “testemunhar” estão em uma posição diferente e mais perigosa. Quanto à mera aparência — bem, embora seja muito ruim ser pedante, existem ambientes sociais tão sórdidos que neles é quase um sintoma alarmante se um homem nunca foi chamado de pedante. Da mesma forma, embora o pedantismo seja uma loucura, e o esnobismo, um vício, existem círculos em que apenas um homem indiferente a toda exatidão escapará de ser chamado de pedante, e outros círculos em que as maneiras são tão grosseiras, chamativas e desavergonhadas que um homem (qualquer que seja sua posição social) de bom gosto natural será chamado de esnobe.

O que torna tão difícil esse contato com pessoas perversas é que obter sucesso ao lidar com a situação requer não apenas boas intenções, mesmo com humildade e coragem adicionadas; pode exigir talento social e até mesmo intelectual que Deus não nos deu. Portanto, não é presunção, mas mera prudência, evitá-la sempre que pudermos. Os salmistas não estavam muito errados quando desprezaram o homem bom como evitando a “roda dos zombadores” [Salmos 1:1] e temendo associar-se ao ímpio para não “comer” (devemos dizer: rir, admirar, aprovar, justificar?) “de seus manjares”. Como de costume em suas atitudes, com todos os perigos relacionados, há um núcleo de muito bom senso. “Não nos induzas à tentação” [Mateus 6:13, ARC] muitas vezes significa, entre outras coisas: “Negue-me esses convites gratificantes, esses contatos altamente interessantes, essa participação nos fulgurosos movimentos de nossa época, que tantas vezes, com tanto risco, desejo”.

Intimamente ligados a essas advertências contra o que chamei de “conivência” estão os protestos do Saltério^[46] contra outros pecados da língua. Acho que, quando comecei a lê-lo, isso me surpreendeu um pouco; eu esperava que, em uma era mais simples e mais violenta, quando o mal fosse praticado mais com faca, porrete e tição, menos seria feito por meio do diálogo. Mas, na realidade, os salmistas dificilmente mencionam qualquer tipo de mal com mais frequência do que este, que as sociedades mais civilizadas compartilham. “A sua garganta é um sepulcro aberto; lisonjeiam com a sua língua” (5:9, ACF); “em sua língua se esconde a perversão e a vaidade” ou “o perjúrio”, como traduz o Dr. Moffatt (10:7); “lábios lisonjeiros” (12:3), “lábios mentirosos” (31:18); “suas palavras são

iniquidades e dolo” (36:3); as “murmurações” de homens maus (41:7, ACF); mentira cruel, “qual afiada navalha” (52:3), palavras “que eram mais brandas do que o azeite” e ferirão como uma espada (55:22); zombaria impiedosa (102:8). Está em todo o Saltério. Quase se ouvem o murmúrio incessante, a fofoca, a mentira, a repreensão, a bajulação e a circulação de boatos. Nenhum ajuste histórico é necessário aqui: estamos no mundo que conhecemos. Até detectamos naquele coro murmurante e bajulador vozes que nos são familiares. Uma delas pode ser familiar demais para ser reconhecida.



CAPÍTULO 7

Natureza

Dois fatores determinam o modo como os salmistas tratam a Natureza. Eles compartilham o primeiro fator com a maioria dos escritores antigos; o segundo foi em seu tempo, se não absolutamente único, extremamente raro.

(1) Eles pertencem a uma nação principalmente de camponeses. Para nós, o próprio nome judeu está associado a finanças, lojas, empréstimos de dinheiro e coisas do gênero. Isso, no entanto, data da Idade Média, quando os judeus não tinham permissão para possuir terras e eram levados a ocupações distantes do solo. Quaisquer que sejam as características que o judeu moderno tenha adquirido ao longo de milênios dessas ocupações, elas não podem ter sido as de seus ancestrais. Esses eram camponeses ou fazendeiros. Quando até mesmo um rei cobiça um pedaço da propriedade de seu vizinho, o pedaço é um vinhedo; ele é mais como um nobre rural perverso do que como um rei perverso. Todos estavam próximos da terra, todos vividamente conscientes de nossa dependência do solo e do clima. Até uma época posterior, assim eram todo grego e todo romano. Desse modo, parte do que deveríamos chamar agora, talvez, de “apreciação da natureza”

não poderia existir naquela época — toda aquela parte que é realmente o deleite do “campo” em contraste com a cidade. Onde as cidades são poucas e muito pequenas e onde quase todo mundo está na terra, não se tem conhecimento de nenhuma coisa especial chamada “o campo”. Assim, certo tipo de “poesia da natureza” nunca existiu no mundo antigo, até que surgiram cidades realmente vastas, por exemplo, a Alexandria; após a queda da civilização antiga, isso não mais existiu até o século 18. Em outros períodos, o que chamamos de “o campo” era simplesmente o mundo, o que a água é para o peixe. No entanto, a apreciação da Natureza pode existir, um deleite ao mesmo tempo utilitário e poético. Homero pode gostar de uma paisagem, mas o que ele chama de uma bela paisagem é aquela que é útil: solo bom e profundo, muita água fresca, pasto que deixará as vacas realmente gordas e boas árvores. Sendo de uma raça navegante, ele acrescenta, como um judeu não faria, um bom porto. Os salmistas, que escrevem versos, e não romances, naturalmente nos dão pouca paisagem. O que eles nos dão, muito mais sensível e prazerosamente do que qualquer coisa que eu já tenha visto em grego, é a própria sensação do clima — o clima visto pelos olhos de um verdadeiro camponês, apreciado quase como um vegetal poderia apreciá-lo. “Visitas a terra e a refrescas [...] Rega-lhes os sulcos [...] amolece-as com chuvas [...] De júbilo se revestem os outeiros. [...] Os vales se revestem de trigo; eles se regozijam e cantam” (65:9-14). Em 104:16 (melhor no Dr. Moffatt do que no *Livro de oração*), “as grandes árvores bebem até se saciar”.

(2) Os judeus, como todos sabemos, criam em um Deus, criador do céu e da terra. Natureza e Deus eram distintos; Um havia feito o outro; Um governava, enquanto o outro obedecia. Isso, eu digo, todos nós sabemos. Mas, por várias razões, seu significado real pode facilmente escapar a um leitor moderno, se seus estudos não o conduziram em certas direções.

Em primeiro lugar, isso é para nós uma platitude. Nós o tomamos como certo. Na verdade, suspeito que muitas pessoas supõem que alguma doutrina clara da criação subjaz a todas as religiões: que, no paganismo, os deuses — ou um dos deuses — geralmente criavam o mundo; que as religiões normalmente começam respondendo à seguinte pergunta: “Quem fez o mundo?”. Na realidade, a criação, em qualquer sentido inequívoco, parece ser uma doutrina surpreendentemente rara; e, quando histórias a seu

respeito ocorrem no paganismo, muitas vezes são religiosamente sem importância, nem um pouco centrais para as religiões nas quais as encontramos. Elas estão à margem, no ponto em que a religião se reduz ao que talvez fosse percebido, mesmo à época, como um conto de fadas. Em uma história egípcia, um deus chamado Atum saiu da água e, aparentemente, sendo um hermafrodita, gerou e deu à luz os dois deuses seguintes; depois disso, as coisas se seguiram. Em outra, todo o senado dos deuses surgiu de Nun, o Abismo. De acordo com um mito babilônico, antes que o céu e a terra fossem feitos, um ser chamado Apsu gerou, e um ser chamado Tiamat deu à luz Lahmu e Lahamu, que, por sua vez, produziram Anshar e Kishar. Dizem-nos expressamente que esse casal era maior que os pais, de modo que é mais como um mito de evolução do que de criação. No mito nórdico, começamos com gelo e fogo, e, de fato, com um norte e um sul, em meio a tudo isso, de alguma forma, um gigante ganha vida, dando à luz (de sua axila) um filho e uma filha. A mitologia grega começa com o céu e a terra já existindo.

Não menciono esses mitos para rir de desprezo por sua imperfeição. Toda a nossa linguagem sobre essas coisas, tanto a do teólogo como a da criança, é imperfeita. A questão real é que os mitos, mesmo em seus próprios termos, não atingem a ideia de Criação em nosso sentido. As coisas “surgem” de alguma coisa ou “são formadas em” alguma coisa. Se as histórias pudessem, por um momento, ser consideradas verdadeiras, ainda seriam histórias sobre eventos muito incipientes, em um processo de desenvolvimento, uma história mundial que já estava em curso. Quando a cortina se levanta nesses mitos, há sempre algumas “propriedades” já no palco e algum tipo de drama está acontecendo. Você pode dizer que eles respondem à pergunta: “Como a peça começou?”. Mas essa é uma pergunta ambígua. Indagado pelo homem que chegou dez minutos atrasado, ela seria devidamente respondida, digamos, com as seguintes palavras: “Ah, primeiro três bruxas entraram, e depois houve uma cena entre um velho rei e um soldado ferido”. [47] Esse é o tipo de pergunta a que os mitos estão de fato respondendo. Mas estas perguntas completamente diferentes — “Como uma peça se origina? Ela escreve a si mesma? Os atores vão inventando à medida que avançam? Ou existe alguém (não no palco, não como as pessoas

no palco; alguém que não vemos) que inventou tudo e fez com que acontecesse?” — raramente são feitas ou têm uma resposta.

É evidente que encontramos em Platão uma clara Teologia da Criação no sentido judaico e cristão; todo o universo — as próprias condições de tempo e de espaço sob as quais existe — é produzido pela vontade de um Deus perfeito, atemporal e incondicionado, um Deus que está acima e fora de tudo o que faz. Mas esse é um salto surpreendente (embora não feito sem a ajuda daquele que é o Pai das luzes) feito por um gênio teológico esmagador; não é a religião pagã comum.

Bem, todos nós entendemos, é claro, a importância dessa peculiaridade no pensamento judaico de um ponto de vista estrito e obviamente religioso. Mas suas consequências totais, os modos pelos quais isso muda toda a mente e a imaginação de um homem, podem escapar-nos.

Dizer que Deus criou a Natureza, ao mesmo tempo que relaciona Deus e a Natureza, também os separa. O que faz e o que é feito devem ser dois, não um. Assim, a doutrina da Criação, em certo sentido, esvazia a Natureza de divindade. Não percebemos facilmente quão difícil foi fazer isso e, mais ainda, continuar fazendo. Uma passagem de Jó (não sem sua própria tempestuosa poesia) pode ajudar-nos: “Se eu vi o sol brilhando, ou a lua andando em claridade, e meu coração foi secretamente seduzido, ou minha boca beijou minha mão, isso também seria iniquidade” (31:26-28). Não se trata aqui de recorrer, em um momento de necessidade desesperada, a deuses diabólicos. O orador está, claro, referindo-se a um impulso totalmente espontâneo, a respeito do qual você pode se ver agindo quase sem perceber. Prestar alguma reverência ao sol ou à lua é, aparentemente, algo natural, aparentemente inocente. Talvez em certas épocas e em certos lugares tenha sido realmente inocente. Eu acreditaria de bom grado que o gesto de homenagem oferecido à lua às vezes era aceito pelo Criador dela, naqueles tempos de ignorância que Deus “não levou em conta” (Atos 17:30). O autor de Jó, no entanto, não estava nessa ignorância. Se ele tivesse beijado a mão para a lua, isso teria sido iniquidade. O impulso era uma tentação do tipo que nenhum europeu sentiu nos últimos mil anos.

Mas, em outro sentido, a mesma doutrina que esvazia a Natureza de sua divindade também a torna um índice, um símbolo, uma manifestação, do Divino. Devo recordar duas passagens citadas em um capítulo anterior. Uma

é a do salmo 19, em que o sol que busca e purifica se torna uma imagem da Lei que busca e purifica. A outra é do salmo 36: “Ó SENHOR, tua benignidade chega até os céus; tua fidelidade alcança até o firmamento. Tua justiça é como as mais altas montanhas; teus juízos são um abismo profundo” (v. 5,6). Isso certamente só ocorre porque os objetos naturais não são mais considerados divinos e, agora, podem ser símbolos magníficos da Divindade. Há pouco sentido em comparar um deus-sol com o sol, ou Netuno com o grande abismo; faz muito mais sentido comparar a Lei com o sol ou dizer que os juízos de Deus são um abismo e um mistério como o mar.

Mas é claro que a doutrina da Criação deixa a Natureza cheia de manifestações que mostram a presença de Deus e de energias criadas que servem a ele. A luz é sua vestimenta, a coisa pela qual o vemos parcialmente (104:2), e o trovão pode ser sua voz (29:3-5). Ele habita na escura nuvem de tempestade (18:11), a erupção de um vulcão vem em resposta ao seu toque (104:32). O mundo está cheio de seus emissários e executores. Ele faz dos ventos seus mensageiros, e das chamas, seus ministros (104:4), monta em querubins (18:10, ACF), comanda o exército de anjos.

Tudo isso, é claro, de certa forma, está muito próximo do paganismo. Thor e Zeus também falaram no trovão; Hermes ou Íris eram mensageiros dos deuses. Mas a diferença entre ouvir no trovão a voz de Deus ou a voz de um deus é bem significativa, embora sutil. Como vimos, mesmo nos mitos da criação, os deuses têm começos. A maioria tem pai e mãe; de muitos, o local de nascimento é conhecido. Não se fala de autoexistência ou de atemporalidade. O ser é imposto a eles, como a nós, por causas precedentes. Eles são, como nós, criaturas ou produtos, embora tenham mais sorte do que nós, por serem mais fortes, mais belos e isentos da morte. Eles são, como nós, atores do drama cósmico, e não seus autores. Platão compreendeu isso plenamente. Seu Deus cria os deuses e os preserva da morte por seu próprio poder, pois eles não têm imortalidade inerente. Em outras palavras, a diferença entre crer em Deus e em muitos deuses não é aritmética. Como já disse alguém, “deuses” não é realmente o plural de Deus: Deus não tem plural. Assim, quando ouve no trovão a voz de um deus, você fica aquém, pois a voz de um deus não é realmente uma voz de além do mundo, proveniente do incriado. Ao afastar a voz do deus — ou

conceber o deus como um anjo, um servo desse Outro —, você vai mais longe. O trovão não se torna menos divino; torna-se mais. Ao esvaziar a Natureza de divindade — ou, digamos, de divindades —, você pode preenchê-la com a Deidade, pois ela, a Natureza, agora é a portadora de mensagens. Há um sentido segundo o qual a adoração da Natureza a silencia — como se uma criança ou um selvagem ficassem tão impressionados com o uniforme do carteiro que ele se omitisse de recolher as cartas.

Outro resultado de crer na Criação é ver a Natureza não como um mero dado, mas como uma conquista. Alguns dos salmistas se deleitam com suas meras solidez e permanência. Deus deu às suas obras seu próprio caráter de *emeth*; são seguras, fiéis, confiáveis, nada vagas ou fantasmagóricas. “Quanto Ele faz é com fidelidade. [...] Como Ele falou, assim se cumpriu; o que ordenou, ficou estabelecido” (33:4,9). Por seu poder (versão do Dr. Moffatt), “as montanhas são feitas firmes e fortemente fixadas” (65:6). Deus lançou os fundamentos da terra com perfeita eficácia (104:5). Ele tornou tudo firme e permanente, e impôs fronteiras que limitam a operação de cada coisa (148:6). Observe como no salmo 136 o poeta passa da criação da Natureza, por parte de Deus, para a libertação de Israel do Egito: ambos são feitos igualmente grandes, com vitórias estrondosas.

No entanto, o resultado mais surpreendente de todos ainda está para ser mencionado. Eu disse que os judeus, como quase todos os antigos, eram agricultores e lidavam com a Natureza com um interesse de jardineiro e de agricultor, preocupados com a chuva, com a erva “de que tira o homem seu sustento”, o vinho para animar o homem e o azeite para fazer-lhe o rosto brilhar (104:14,15) — para fazê-lo parecer, como Homero diz em algum lugar, com uma cebola descascada.^[48] Mas nós os encontramos sendo levados para além disso. Seu gosto, ou mesmo sua gratidão, abrange coisas que não servem para o homem. No grande salmo especialmente dedicado à Natureza, o qual acabei de citar (104),^[49] não temos apenas o gado útil, a videira alegre e o milho nutritivo. Temos nascentes nas quais os animais do campo matam a sede (v. 11), ciprestes para as aves (v. 17), altos montes para as cabras selvagens e “penhascos para os coelhos” (v. 18), e, por fim, até leões (v. 21); e mesmo dando uma espiada para o distante mar, aonde nenhum

judeu de bom grado foi, as grandes baleias brincando, se divertindo (v. 26). [50]

É claro que essa apreciação, a quase simpatia por criaturas inúteis ou prejudiciais ou totalmente irrelevantes para o homem, não é a moderna “bondade para com os animais”. Essa é uma virtude mais facilmente praticada por aqueles que nunca, cansados e famintos, tiveram de trabalhar com animais para um viver despojado e que habitam um país no qual todos os animais selvagens perigosos foram exterminados. [51] O sentimento judaico, no entanto, é vívido, revigorante e imparcial. Nas histórias nórdicas, uma criatura pestilenta como um dragão tende a ser concebida como inimiga não apenas dos homens, mas também dos deuses. Nas histórias clássicas, o que é mais inquietante, ela costuma ser enviada por um deus para a destruição dos homens de quem ele guarda rancor. A visão clara e objetiva do salmista — observando os leões e as baleias lado a lado com homens e seus gados — é incomum. E acho que certamente é alcançada mediante a ideia de Deus como Criador e sustentador de tudo. Em 104:21, o ponto sobre os leões é que eles, como nós, estão clamando a Deus por sustento. Todas essas criaturas, como nós, “esperam de” Deus o alimento (v. 27). É o mesmo em 147:9 — embora o corvo fosse uma ave impura para os judeus, Deus “dá alimento [...] aos filhotes de corvos quando mal piam”. O pensamento que dá a essas criaturas um lugar no entusiasmo do salmista pela Natureza é certamente óbvio. Elas são nossas companheiras e dependentes; todos nós, como os leões, as cegonhas, os corvos, as baleias, vivemos, como diziam nossos pais, “aos cuidados de Deus”, e a menção de todos igualmente redundante em seu louvor.

Uma curiosa evidência fortalece minha crença de que existe tal conexão entre esse tipo de poesia da natureza e a doutrina da criação, e que também é tão interessante em si mesma, que acho que vale a pena uma digressão. Eu disse que o paganismo em geral não consegue extrair da natureza algo que os judeus obtiveram. Há um exemplo aparente em contrário; um antigo poema gentio que fornece um paralelo bastante próximo ao salmo 104. Mas então, quando vamos examiná-lo, descobrimos que esse poema não é pagão no sentido de politeísta. É dirigido a um Deus monoteísta e o saúda como o Criador de toda a terra. Portanto, não é exceção à minha generalização. Onde a literatura gentia antiga (em certa medida) antecipa a poesia natural

dos judeus, ela também (em certa medida) antecipou-lhes a teologia. E isso, a meu ver, já era esperado.

O poema em questão é um “Hino ao Sol” egípcio, que data do século 14 a.C. Seu autor é aquele faraó cujo nome verdadeiro era Amenhotep IV, mas que adotou o nome de Akhenaton. Muitos de meus leitores já conhecem sua história. Ele era um revolucionário espiritual. Ele rompeu com o politeísmo de seus pais e quase esfacelou o Egito com seus esforços para estabelecer, por meio da força, a adoração de um único Deus. Aos olhos do sacerdócio estabelecido, cuja propriedade ele transferiu para o serviço dessa nova religião, ele deve ter parecido um monstro; uma espécie de Henrique VIII saqueando as abadias. Seu monoteísmo parece ter sido de um tipo extremamente puro e conceitual. Ele, como seria possível esperar que um homem daquela época fizesse, nem mesmo identificou Deus com o sol. O disco visível era apenas a manifestação daquele. É um salto surpreendente, mais surpreendente em alguns aspectos do que o de Platão e, como o de Platão, em nítido contraste com o paganismo comum. E, até onde podemos ver, foi um fracasso total. A religião de Akhenaton morreu com ele. Nada, aparentemente, veio dela.

A menos, é claro, como é possível, que o próprio judaísmo em parte tenha vindo disso. É concebível que as ideias derivadas do sistema de Akhenaton fizessem parte daquela “Sabedoria” egípcia na qual Moisés foi criado. Não há nada que nos inquiete em tal possibilidade. Qualquer que tenha sido a verdade no credo de Akhenaton, ela veio a ele, de uma forma ou de outra, como toda verdade vem a todos os homens: de Deus. Não há razão para que as tradições derivadas de Akhenaton não estivessem entre os instrumentos que Deus usou para se dar a conhecer a Moisés. Mas não temos nenhuma evidência de que foi isso que realmente aconteceu. Tampouco sabemos até que ponto o akhenatonismo teria sido realmente adequado como instrumento para se alcançar esse propósito. Seu interior, sua espiritualidade, a qualidade de vida de que nasceu e que encorajou, tudo isso nos escapa. O próprio homem ainda tem o poder, depois de 34 séculos, de evocar as reações mais violentas e contraditórias. Para um estudioso moderno, ele é o “primeiro indivíduo” registrado pela história; para outro, ele é um excêntrico, um modista, meio insano, alguém possivelmente portador de cretinismo. Podemos muito bem esperar que ele tenha sido

aceito e abençoado por Deus; mas que sua religião, pelo menos no nível histórico, não foi tão abençoada e tão aceita, isso está bastante claro. Talvez a semente fosse boa, mas caiu em terreno pedregoso. Ou talvez não fosse exatamente o tipo certo de semente. Para nós, modernos, sem dúvida, um monoteísmo tão simples, esclarecido e razoável se assemelha muito mais à boa semente do que aqueles primeiros documentos do judaísmo nos quais Javé parece ser pouco mais que uma divindade tribal. Podemos estar errados. Talvez se o Homem finalmente conhecer o Fundamento incorpóreo, atemporal e transcendente de todo o universo, não como mera abstração filosófica, mas como o Senhor que, apesar dessa transcendência, “não está longe de cada um de nós” [Atos 17:27], como um Ser totalmente concreto (muito mais concreto do que nós), a quem o homem pode temer, amar, dirigir-se e “saborear”, ele deve começar muito mais humildemente e muito mais perto de casa, com o altar local, a festa tradicional e as memórias preciosas dos julgamentos, das promessas e das misericórdias de Deus. É possível que certo tipo de esclarecimento venha muito cedo e com muita facilidade. Nesse estágio inicial, talvez não seja frutífero tipificar Deus por algo tão remoto, tão neutro, tão internacional e (por assim dizer) interdenominacional, tão desprovido de características, como o disco solar. Já que no final vamos chegar ao batismo e à Eucaristia, ao estábulo de Belém, ao monte do Calvário e à tumba vazia na pedra, talvez seja melhor começar pela circuncisão, a Páscoa, a Arca e o Templo. Pois “o mais alto não existe sem o apoio do inferior”. [52] Não existe, não permanece; antes, sobe, e se expande, e finalmente se perde no espaço sem-fim. Pois a entrada é baixa: devemos nos abaixar até não sermos mais altos do que crianças para entrar.

Seria, portanto, precipitado supor que o monoteísmo de Akhenaton fosse, naqueles aspectos que são religiosamente mais importantes, uma antecipação exata do judaico; de modo que, se apenas os sacerdotes e o povo do Egito o tivessem aceitado, Deus poderia ter dispensado Israel totalmente e se revelado a nós daí em diante, por meio de uma longa linhagem de profetas egípcios. O que nos importa no momento, no entanto, é simplesmente notar que a religião de Akhenaton, sendo certamente em alguns aspectos como a dos judeus, o deixa livre para escrever poesia da natureza em algum grau como a deles. O grau pode ser exagerado. O “Hino

ao Sol” permanece diferente dos salmos. O poema lembra magnificamente o salmo 139 (v. 13-16), quando louva a Deus por fazer o embrião crescer no corpo da mãe, de modo que ele é “nossa ama-seca ainda no ventre”; ou por ensinar o pintinho a quebrar a casca do ovo e sair “piando tão alto quanto ele pode”. No verso “Tu criaste a terra, segundo o teu desejo”, Akhenaton até mesmo antecipa o Novo Testamento: “Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade são e foram criadas” (Apocalipse 4:11). Mas ele não vê os leões como nossos companheiros de pensão. Ele os menciona, com certeza, mas observe de que forma: “Quando tu te assentas, o mundo está em trevas como os mortos. Saiam os leões: todas as serpentes picam”. Assim, juntamente com a morte e as cobras venenosas, os leões são claramente vistos em sua condição de inimigos. Quase soa como se a própria noite fosse um inimigo, fora do alcance de Deus. Há apenas um traço de dualismo. Mas, se há diferença, a semelhança também é real. E a semelhança é o elemento relevante para o tema deste capítulo. Em Akhenaton, como em Salmos, certo tipo de poesia parece combinar com certo tipo de teologia. Mas o desenvolvimento pleno e permanente de ambos é judaico.

(Enquanto isso, que coração gentil pode deixar o assunto sem uma oração que esse provável antigo rei solitário, excêntrico e idealista há muito viu e já desfruta a verdade que até agora transcende seu próprio vislumbre dela?)



CAPÍTULO 8

Uma palavra sobre o louvor

É possível (e até esperado) que este capítulo seja desnecessário para a maioria das pessoas. Quem nunca foi cabeça-dura o suficiente para encontrar a dificuldade de que ele trata pode até achar graça. Não faço a menor objeção ao riso deles — um pouco de alívio cômico em uma discussão não faz mal, por mais sério que o assunto possa ser. (Segundo minha própria experiência, as coisas mais engraçadas ocorreram nas conversas mais sérias e sinceras.)

Quando comecei a me aproximar da crença em Deus, e mesmo por algum tempo depois que ela me foi dada, encontrei uma pedra de tropeço na exigência tão clamorosa feita por todas as pessoas religiosas de que deveríamos “louvar” a Deus, mais ainda na sugestão de que o próprio Deus exigia isso. Todos nós desprezamos o homem que exige garantia contínua de sua própria virtude, de sua inteligência ou de seu encanto; desprezamos ainda mais a multidão de pessoas em torno de cada ditador, cada milionário, cada celebridade, que satisfaça a essa demanda. Assim, uma imagem ao

mesmo tempo ridícula e horrível, tanto de Deus como de seus adoradores, ameaçou surgir em minha mente. O Saltério é especialmente problemático neste sentido: “Louvai ao Senhor”, “Louvai ao Senhor comigo”, “Louvai-o”. (E por que, aliás, louvar a Deus com tanta frequência consistia em dizer a outras pessoas para louvá-lo? Mesmo em dizer às baleias, tempestades de neve etc. para continuarem fazendo o que certamente fariam, quer lhes disséssemos, quer não?). A declaração colocada na própria boca de Deus, “O que oferece ação de graças, esse me honra” (50:23), era como dizer: “O que eu mais quero é que me digam que sou bom e grandioso”. O pior de tudo foi isso sugerir a mais tola barganha pagã: a do selvagem que faz oferendas ao seu ídolo quando a pesca é boa e fica desconcertado quando não pesca nada. Mais de uma vez, os salmistas pareciam estar dizendo: “Tu gostas de louvor. Faz isso por mim, e tu terás um pouco”. Assim, no salmo 54, o poeta começa com “Salva-me” (v. 1) e, no versículo 6, acrescenta um incentivo: “Eu te oferecerei voluntariamente sacrifícios; louvarei o teu Nome”. Repetidas vezes, o orador pede para ser salvo da morte com base no fato de que, se Deus permitir que os que lhe suplicam morram, não receberá mais louvor deles, pois os espíritos no *Sheol* não podem louvar (30:9; 88:10; 119:175). E a mera quantidade de louvor parecia contar: “Louvo-te sete vezes por dia” (119:164). Isso foi extremamente angustiante. Fez-me pensar o que menos eu queria pensar. Gratidão a Deus, reverência e obediência a ele: pensei que eu conseguia entender isso, mas não esse elogio perpétuo. As questões também não haviam sido corrigidas por um autor moderno que teria falado do “direito” de Deus ser louvado.

Ainda acho que “direito” é uma maneira ruim de expressar isso, mas creio que agora entendo o que esse autor quis dizer. Talvez seja mais fácil começar com objetos inanimados que não podem ter direitos. O que temos em mente quando dizemos que uma pintura é “admirável”? Certamente não queremos dizer que é admirada (assim como pode ser) porque o trabalho ruim é admirado por milhares e o bom trabalho pode ser ignorado. Nem que “mereça” admiração no sentido em que um candidato “merece” uma nota alta dos examinadores — ou seja, que um ser humano terá sofrido injustiça se não for premiado. O sentido no qual a pintura “merece” ou “exige” admiração é mais este: que a admiração é a resposta correta, adequada ou apropriada a ela, que, se for paga, a admiração não será “jogada

fora”, e que, se não a admirarmos, seremos estúpidos, insensíveis e grandes perdedores — teremos deixado de compreender algo. Dessa forma, pode-se dizer que muitos objetos, tanto na Natureza como na Arte, merecem, ou são dignos de, ou exigem admiração. Foi a partir dessa conclusão, que, para alguns, parecerá irreverente, que achei melhor tratar da ideia de que Deus “exige” louvor. Ele é aquele Objeto que, para se admirar (ou, se preferir, para se apreciar), basta estar desperto, ter entrado no mundo real; não apreciá-lo é ter perdido a maior experiência e, no final, ter perdido tudo. A vida incompleta e mutilada de quem é incapaz de apreciar uma sinfonia, de quem nunca se apaixonou, de quem nunca conheceu a verdadeira amizade, de quem nunca se importou com um bom livro, de quem nunca apreciou a sensação do ar matinal no rosto, de quem nunca (eu sou um desses) gostou de futebol, são tênues imagens disso.

Mas é claro que isso não é tudo. Deus não apenas “exige” louvor na condição de Objeto supremamente belo e totalmente satisfatório. Ele aparentemente ordena isso como legislador. Os judeus foram instruídos a sacrificar. Temos a obrigação de ir à igreja. Mas essa era uma dificuldade apenas porque eu não entendia nada do que tentei dizer antes, no Capítulo 6. Não compreendia que é no processo de ser adorado que Deus comunica sua presença aos homens. É claro que esse não é o único caminho. Mas, para muitas pessoas, muitas vezes, a “formosura do Senhor” é revelada principalmente, ou apenas, enquanto elas o adoram juntas. Mesmo no judaísmo, a essência do sacrifício não era realmente os touros e bodes que os homens davam a Deus, mas que, ao fazerem isso, Deus dava a si mesmo aos homens; no ato central de nossa própria adoração, sem dúvida, isso está muito mais claro — ali estão manifestamente, até mesmo fisicamente, “Deus que dá” e “nós que recebemos”. A ideia infeliz de que, de alguma forma, Deus precisaria ou ansiaria por nossa adoração como uma mulher vaidosa querendo elogios, ou como um autor vaidoso apresentando seus novos livros a pessoas que não o conhecem ou nunca ouviram falar dele, é respondida, de forma implícita, pelas seguintes palavras: “Se eu tivesse fome, não *to* diria” (50:12). Mesmo que uma tão absurda Divindade fosse concebida, dificilmente ele viria a nós, a mais baixa das criaturas racionais, para satisfazer seu apetite. Não quero que meu cachorro ladre aprovando

meus livros. Agora que penso nisso, há alguns humanos cujas críticas entusiasticamente favoráveis não me gratificariam muito.

Mas o fato mais óbvio sobre o louvor — seja a Deus, seja a qualquer coisa — estranhamente me escapou. Pensei nisso em termos de elogio, aprovação ou dar honra. Eu nunca havia notado que todo prazer transborda espontaneamente em louvor, a menos que (às vezes apesar de) a timidez ou o medo de aborrecer os outros sejam deliberadamente trazidos para reprimir isso. O mundo ressoa com elogios: amantes elogiando a mulher amada; leitores, seu poeta favorito; caminhantes elogiando o campo; jogadores elogiando seu jogo predileto; louvores a clima, vinhos, pratos, atores, motores, cavalos, faculdades, países, personagens históricos, crianças, flores, montanhas, selos raros, besouros raros e, às vezes, até mesmo a políticos ou estudiosos. Eu não havia notado como as mentes mais humildes e, ao mesmo tempo, mais equilibradas e vastas elogiam mais, enquanto as excêntricas, desajustadas e descontentes elogiam menos. Os bons críticos encontraram algo para elogiar em muitas obras imperfeitas; os maus reduziam continuamente a lista de livros que poderíamos ler. O homem saudável e despreocupado, ainda que educado com luxo e muito experiente na boa gastronomia, pode elogiar uma refeição muito modesta; o dispéptico e o esnobe criticam tudo. Exceto onde as circunstâncias intoleravelmente adversas interferem, o louvor quase parece ser a saúde interior tornada audível. Nem deixa de sê-lo quando, por falta de habilidade, as formas de sua expressão são muito grosseiras ou até mesmo ridículas. Deus sabe que muitos poemas de louvor dirigidos a um amado terreno são tão ruins quanto nossos hinos ruins, e uma antologia de poemas de amor para uso público e perpétuo provavelmente seria uma prova tão dolorosa para o gosto literário quanto *Hinos antigos e modernos*.^[53] Eu também não havia notado que, assim como os homens louvam espontaneamente tudo o que valorizam, incitam-nos, espontaneamente, a nos juntarmos a eles em seu louvor: “Ela não é adorável? Não foi glorioso? Você não acha isso magnífico?”. Os salmistas, ao dizerem a todos que louvem a Deus, estão fazendo o que todos os homens fazem quando falam do que lhes interessa. Toda a minha dificuldade, mais geral, sobre o louvor a Deus dependia de eu absurdamente negar a nós, no que diz respeito ao supremamente Valioso, o que nos

deleitamos em fazer, o que de fato não podemos deixar de fazer, a respeito de tudo aquilo que valorizamos.

Acho que nos deleitamos em louvar aquilo de que gostamos porque o elogio não apenas expressa, como também completa o prazer; é sua ordenada consumação. Não é por expressão de cortesia que cada amante diz ao outro como ele é lindo; o deleite é incompleto enquanto isso não é expresso. É frustrante descobrir um novo autor e não poder dizer a ninguém quão bom ele é; chegar de repente, na curva da estrada, em algum vale montanhoso de grandeza inesperada, e ter de ficar calado porque as pessoas em sua companhia se importam com isso tanto quanto se importam com uma lata na vala; ou ouvir uma boa piada e não encontrar ninguém com quem compartilhá-la (o ouvinte perfeito morreu há um ano). Isso acontece mesmo quando nossas expressões são inadequadas, como, é claro, geralmente são. Mas e se alguém pudesse real e plenamente louvar até mesmo essas coisas com perfeição — expressar, de forma plena, na poesia, na música ou na pintura o apreço que quase o consome? Então, de fato, o objeto seria plenamente apreciado e nosso deleite teria atingido um desenvolvimento perfeito. Quanto mais valioso fosse o objeto, mais intenso seria esse deleite. Se fosse possível para uma alma criada plenamente (quero dizer, até a medida plena concebível em um ser finito) “apreciar”, ou seja, amar e deleitar-se com o objeto mais valioso de todos, e simultaneamente em cada momento dar a esse deleite a expressão perfeita, aquela alma, então, estaria em suprema bem-aventurança. É nessa linha que considero mais fácil compreender a doutrina cristã de que o “Céu” é um estado no qual os anjos agora, e os homens no futuro, estão perpetuamente envolvidos com o ato de louvar a Deus. Isso não significa, como pode tão desanimadoramente sugerir, que seja como “estar na igreja”. Pois nossos “cultos”, tanto em sua conduta como em nossa capacidade de participação, são meras tentativas de adoração, nunca totalmente bem-sucedidas, muitas vezes 99,9% falhas, às vezes inteiramente falhas. Não somos cavaleiros, mas alunos da escola de equitação; para a maioria de nós, quedas e contusões, músculos doloridos e a severidade do exercício superam em muito aqueles poucos momentos em que estávamos, para nosso próprio espanto, realmente galopando sem temor e sem desastre. Para ver o que essa doutrina realmente significa, devemos supor que estamos em perfeito amor com Deus — embriagados, afogados,

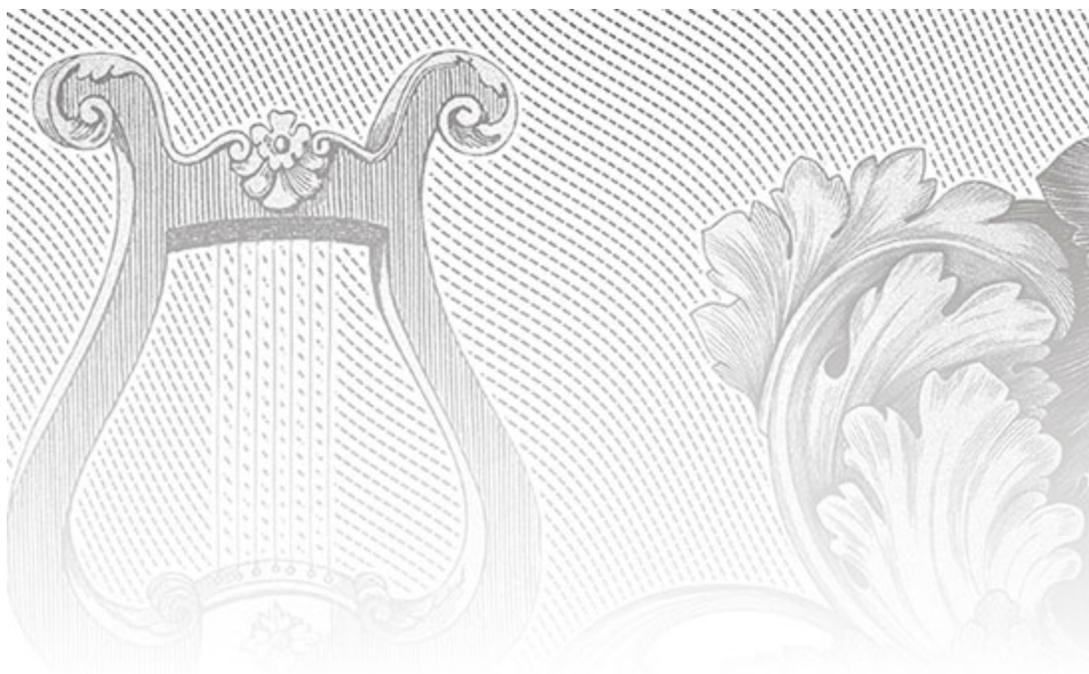
dissolvidos por esse deleite, que, longe de permanecer confinado em nosso íntimo como um êxtase incomunicável, portanto dificilmente tolerável, flui de nós incessantemente, em uma expressão espontânea e perfeita; nossa alegria tão inseparável do louvor, no qual se liberta e se expressa, quanto a luz que um espelho recebe é inseparável da luz que reflete. O Catecismo Escocês diz que o objetivo principal do homem é “glorificar a Deus e regozijá-lo para sempre”. Mas, então, saberemos que são a mesma coisa. Regozijar plenamente é glorificar. Ao nos ordenar a glorificá-lo, Deus está nos convidando a regozijá-lo.

Enquanto isso, é claro que estamos apenas, como diz Donne, ajustando nossos instrumentos. [54] A afinação da orquestra pode ser prazerosa, mas apenas para aqueles que, em alguma medida, ainda que pouca, conseguem antecipar a sinfonia. Os sacrifícios judaicos, e até mesmo nossos próprios ritos mais sagrados, como verdadeiramente ocorrem na experiência humana, são como a afinação: uma promessa, não um desempenho. Assim como na afinação, eles podem ter muito dever e pouco ou nenhum prazer. Mas o dever existe para o deleite. Quando cumprimos nossos “deveres religiosos”, somos como pessoas cavando canais em uma terra sem água, para que, quando, por fim, a água chegar, ela os encontre prontos. Quero dizer, em sua maior parte. Há momentos felizes, mesmo agora, em que um fio de água se move lentamente ao longo dos leitos secos, e almas felizes a quem isso acontece com relativa frequência.

Quanto ao elemento de barganha em Salmos (Faz isso, e eu te louvarei), aquele toque bobo de paganismo certamente existia. A chama não sobe pura do altar. Mas as impurezas não são sua essência. E não estamos todos em posição de desprezar até mesmo os salmistas mais cruéis a esse respeito. É claro que não cometeríamos erros graves em nossas palavras como eles. Mas existe, tanto para o bem como para o mal, uma oração sem palavras. Muitas vezes, de joelhos, fico chocado ao descobrir que tipo de pensamento tenho, por um momento, dirigido a Deus; que apaziguamento infantil eu estava realmente oferecendo, que afirmações eu realmente fiz, até mesmo que ajustes ou compromissos absurdos eu estava, meio conscientemente, propondo. Em algum lugar, há um coração pagão e selvagem em mim. Pois, infelizmente, a tolice e a astúcia idiota do paganismo parecem ter muito mais poder de sobrevivência do que seus elementos inocentes ou até mesmo

belos. É fácil, uma vez que se tem poder, silenciar as gaitas, cessar as danças, desfigurar as estátuas e esquecer as histórias; mas não é fácil matar o selvagem, a criatura gananciosa e amedrontada que ora se encolhe, ora é ruidosa, em sua alma — a criatura a quem Deus pode muito bem dizer: “Pensavas que eu seria teu cúmplice” (50:21).

Mas tudo isso, como eu disse, será esclarecedor apenas para alguns de meus leitores. Para os outros, tal qual uma comédia de erros, uma jornada tão tortuosa para chegar ao óbvio fornecerá ocasião para caridosas risadas.



CAPÍTULO 9

Segundos significados

Agora devo voltar-me para algo muito mais difícil. Até o momento, temos tentado ler os salmos do modo como supomos — ou do modo que eu suponho — que seus poetas pretendiam que fossem lidos. Mas é claro que essa não é a maneira pela qual eles têm sido usados principalmente pelos cristãos. Tem-se acreditado que os salmos contêm um segundo significado oculto, um sentido “alegórico”, relacionado com as verdades centrais do cristianismo: com a Encarnação, a Paixão, a Ressurreição, a Ascensão e com a Redenção do homem. Todo o Antigo Testamento é tratado da mesma maneira. O significado total do que os escritores estão dizendo é, segundo esse ponto de vista, aparente apenas à luz dos eventos que se passaram depois de sua morte.

Tal doutrina, não sem razão, desperta profunda desconfiança em uma mente moderna. Porque, como sabemos, quase tudo pode ser interpretado em qualquer livro se você for determinado o suficiente. Isso ficará especialmente evidente para qualquer um que tenha escrito ficção fantástica.

Ele encontrará críticos, tanto favoráveis como hostis, lendo em suas histórias todo tipo de significados alegóricos que ele nunca pretendeu. (Algumas das alegorias assim impostas a meus próprios livros foram tão engenhosas e interessantes que muitas vezes eu gostaria de ter pensado nelas.) Aparentemente, é impossível para a inteligência do homem conceber uma narrativa na qual a inteligência de outro homem não pode, de forma plausível, encontrar um sentido oculto.

O campo do autoengano, uma vez que aceitemos tais métodos de interpretação, é obviamente muito amplo. No entanto, apesar disso, acho impossível — por uma razão que apresentarei mais tarde — abandonar por completo o método quando estamos lidando, como cristãos, com a Bíblia. Temos, portanto, uma colina íngreme à nossa frente. Não vou tentar os penhascos. Devo tomar uma rota circular que, a princípio, parecerá como se nunca fosse capaz de nos levar ao topo.

Começo longe das Escrituras e até mesmo do cristianismo, com exemplos de algo dito ou escrito que assume um novo significado à luz de eventos posteriores.

Um dos historiadores romanos fala de um incêndio ocorrido em uma cidade da província que se pensava ter começado nos locais de banho público. O que deu alguma cor à suspeita de incêndio deliberado foi o fato de que, mais cedo naquele dia, um senhor se queixara de que a água do banho quente estava apenas morna e recebeu de um atendente a seguinte resposta: “Logo estará quente o suficiente”.^[55] Agora, é claro, se realmente houvesse um complô, e o escravo estivesse envolvido, e fosse bastante tolo para arriscar ser descoberto por essa ameaça velada, a história não nos interessaria. Mas vamos supor que o incêndio tenha sido um acidente (ou seja, que não foi planejado por ninguém). Nesse caso, o escravo teria dito algo mais verdadeiro, ou mais notavelmente verdadeiro, do que ele próprio supunha. Claro está que não precisa haver nada aqui além de uma coincidência casual. A resposta do escravo é justificada de modo satisfatório considerando a reclamação do cliente; é exatamente o que qualquer atendente de banho diria. O significado mais profundo que suas palavras acabaram tendo nas próximas horas foi, como devemos dizer, acidental.

Agora vamos dar um exemplo um pouco mais difícil. (O leitor não clássico precisa saber que, para um romano, a “era”, ou o “reinado”, de

Saturno significava a era perdida de inocência e paz. Ou seja, correspondia aproximadamente ao Jardim do Éden antes da Queda; embora nunca tenha sido, exceto entre os estoicos, de importância comparável.) Virgílio, escrevendo pouco antes do nascimento de Cristo, começa um poema assim: “A grande procissão das eras começa de novo. Agora a Virgem retorna, o reino de Saturno retorna e a nova criança é enviada do alto céu”. [56] E continua descrevendo a era paradisíaca que essa natividade inaugurará. É claro que, durante toda a Idade Média, considerou-se que algum obscuro conhecimento profético do nascimento de Cristo tinha chegado a Virgílio, provavelmente por meio dos Livros Sibílicos. Ele foi classificado como um profeta pagão. Alguns estudiosos modernos, suponho, ririam dessa ideia. Eles podem divergir sobre qual casal nobre ou imperial estava sendo tão extravagantemente elogiado por um poeta da corte a respeito do nascimento de um filho; mas a semelhança com o nascimento de Cristo seria considerada, mais uma vez, acidental. Para dizer o mínimo, porém, esse é um acidente muito mais impressionante do que as palavras do escravo para o homem nos banhos. Se isso é sorte, é uma sorte extraordinária. Se alguém fosse um oponente fanático do cristianismo, eu me sentiria tentado a dizer, em um momento de descuido, que foi diabolicamente sortudo.

Passo agora a dois exemplos que penso estarem num nível diferente. Neles, como naqueles que estamos considerando, alguém diz algo que é mais verdadeiro e mais importante do que sabe; mas não me parece que pudesse ter feito isso por acaso. Apresso-me a acrescentar que a alternativa que tenho em mente ao acaso não é “profecia” no sentido de uma previsão clara, concedida milagrosamente. Também não tenho a menor intenção de usar os exemplos que citarei como evidências da verdade do cristianismo. Evidências não são aqui o nosso assunto. Estamos apenas considerando o modo de encarar esses segundos significados que as coisas ditas ou escritas às vezes assumem à luz de um conhecimento mais completo do que aquele que seu autor possuía. E estou sugerindo que diferentes instâncias exigem que as consideremos de maneiras também diferentes. Às vezes, podemos considerar essa implicação o resultado de uma simples coincidência, por mais impressionante que seja. Mas há outros casos em que a verdade posterior (que o falante não conhecia) está intimamente relacionada à verdade que ele conhecia; de modo que, ao acertar algo parecido, ele estava

em contato com essa mesma realidade na qual a verdade mais completa está enraizada. Lendo suas palavras à luz dessa verdade mais plena e ouvindo-as como uma implicação ou um segundo significado, não estamos impingindo algo estranho à mente do autor, uma espécie de acréscimo arbitrário. Estamos prolongando o significado do que ele disse em uma direção congenial a esse significado. A realidade básica por trás das palavras do autor e por trás da verdade plena é a mesma.

O status que reivindico para tais coisas, então, não é o de coincidência, por um lado, nem o de previsão sobrenatural, por outro. Tentarei ilustrar isso com três casos imagináveis. (1) Uma pessoa santa, afirmando explicitamente que profetiza pelo Espírito, diz-nos que existe no universo determinada criatura. Mais tarde, aprendemos (que Deus proíba!) a viajar pelo espaço e distribuir em novos mundos o vômito de nossa própria corrupção; e, com certeza, no planeta remoto de alguma estrela remota, encontramos a criatura predita. Isso seria profecia no sentido mais estrito. Isso seria evidência do dom miraculoso do profeta e forte evidência presumível da verdade de qualquer outra coisa que ele dissesse. (2) Um escritor de fantasias totalmente não científico inventa uma criatura por razões puramente artísticas. Mais tarde, encontramos uma criatura nitidamente parecida com ela. Essa seria apenas a sorte do escritor. Um homem que não sabe nada sobre corridas pode uma vez na vida apostar em um vencedor. (3) Um grande biólogo, ilustrando a relação entre os organismos animais e o ambiente à sua volta, inventa um animal hipotético adaptado a um ambiente hipotético. Mais tarde, encontramos uma criatura muito semelhante (claro que em um ambiente muito parecido com o que ele havia suposto). Essa semelhança não é nem um pouco acidental. Percepção e conhecimento, e não sorte, levaram à invenção do biólogo. A verdadeira natureza da vida explica por que existe tal criatura no universo e também por que havia tal criatura em suas palestras. Se, enquanto relemos as palestras, pensamos na realidade, não estamos trazendo nossas próprias fantasias arbitrárias para sustentar o texto. Esse segundo significado é congenial para ele. Os exemplos que tenho em mente correspondem a esse terceiro caso; exceto, é claro, por estar envolvido algo mais sensível e pessoal do que o conhecimento científico: o que o escritor ou orador era, e não apenas o que ele sabia.

Platão, em sua obra *República*, argumenta que a justiça é frequentemente louvada pelas recompensas que traz — honra, popularidade e coisas do gênero —, mas que, para vê-la em sua verdadeira natureza, devemos separá-la de tudo isso, desnudá-la. Ele nos pede, portanto, para imaginar um homem perfeitamente justo tratado por todos ao seu redor como um monstro de maldade. Devemos imaginá-lo, ainda perfeito, enquanto é amarrado, açoitado e finalmente empalado (o equivalente persa da crucificação). Nessa passagem, um leitor cristão sobressalta-se e esfrega os olhos. O que está acontecendo? Mais uma dessas coincidências que ocorrem por sorte? Mas logo ele vê que há algo aqui que não pode ser chamado de sorte.

Virgílio, no poema que citei, pode ter estado, e o escravo nos banhos quase certamente estava, “falando de outra coisa”, de algum assunto diferente daquele sobre o qual suas palavras eram mais significativamente verdadeiras. Platão está falando, e sabe que está falando, sobre o destino da bondade em um mundo perverso e equivocado. Mas isso não é algo simplesmente diferente da Paixão de Cristo. É a mesma coisa da qual essa Paixão é a ilustração suprema. Se Platão fora, em certa medida, levado a escrever sobre isso pela morte recente — podemos quase dizer, pelo martírio — de seu mestre, Sócrates, então isso, outra vez, não é algo simplesmente diferente da Paixão de Cristo. A bondade imperfeita, mas muito venerável, de Sócrates o levou à morte fácil de cicuta, e a bondade perfeita de Cristo o levou à morte de cruz, não por acaso, mas pela mesma razão: porque a bondade é o que é, e porque o mundo caído é o que é. Se Platão, a partir de um exemplo e de sua compreensão da natureza da bondade e da natureza do mundo, foi levado a ver a possibilidade de um exemplo perfeito, de modo a retratar algo extremamente parecido com a Paixão de Cristo, isso não aconteceu porque ele era sortudo, mas porque era sábio. Se um homem que conhecesse apenas a Inglaterra e tivesse observado que, quanto mais alta uma montanha, mais tempo retinha a neve no início da primavera, fosse levado a imaginar uma montanha tão alta que retivesse a neve durante todo o ano, a semelhança entre sua montanha fictícia e os Alpes de verdade não seria apenas um acidente de sorte. Ele pode não saber que existem tais montanhas na realidade, assim como Platão, provavelmente, não sabia que o exemplo idealmente perfeito da bondade crucificada que ele havia retratado se

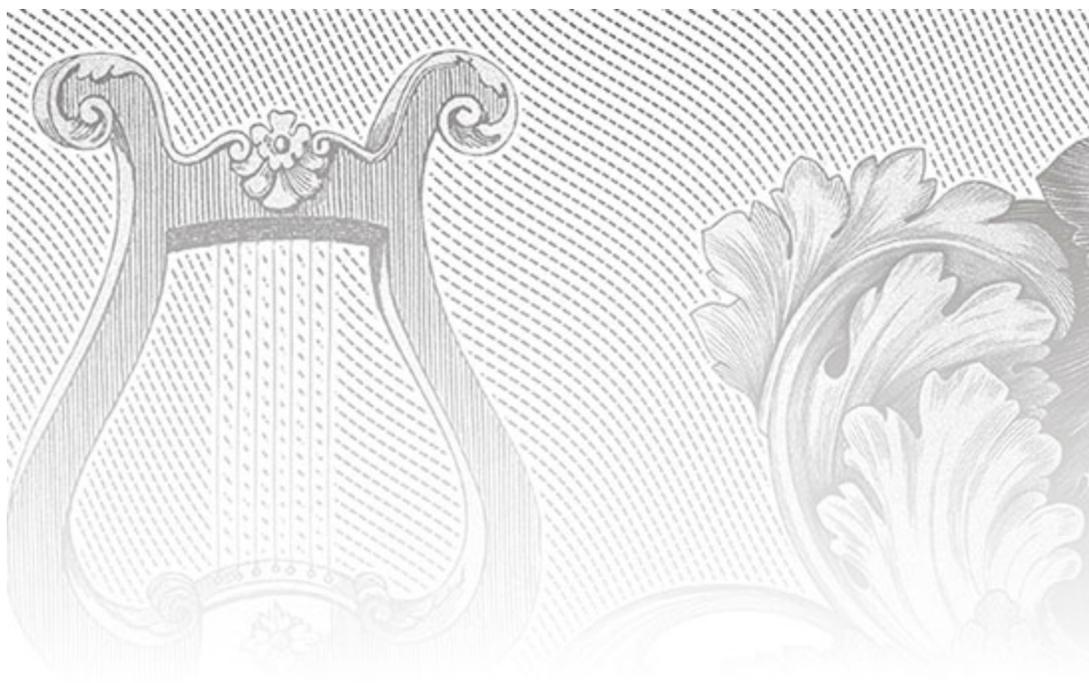
tornaria real e histórico. Mas, se aquele homem visse os Alpes, não diria: “Que curiosa coincidência!”. Seria mais provável que ele dissesse: “Pronto! O que eu lhe disse?”.

E o que dizer daqueles deuses em várias mitologias pagãs que são mortos e ressuscitam e que, assim, renovam ou transformam a vida de seus adoradores ou da natureza? O estranho é que aqui os antropólogos mais hostis à nossa fé concordariam com muitos cristãos ao dizer: “A semelhança não é acidental”. É claro que as duas partes diriam isso por razões distintas. Os antropólogos querem dizer: “Todas essas superstições têm uma fonte comum na mente e na experiência, especialmente a experiência agrícola, do homem primitivo. Seu mito de Cristo é como o mito de Balder,^[57] porque tem a mesma origem. A semelhança é uma semelhança de família”. Os cristãos se dividiriam em duas escolas de pensamento. Os pais da Igreja (ou alguns deles), que criam que o paganismo nada mais era que o trabalho direto do Diabo, diriam: “O Diabo tentou desde o início enganar a humanidade com mentiras. Como todos os mentirosos talentosos fazem, ele torna suas mentiras o mais parecidas possível com a verdade; desde que desviem o homem sobre a questão principal, quanto mais de perto imitarem a verdade, mais eficazes serão. Por isso nós o chamamos de Macaco de Deus: ele está sempre imitando Deus. A semelhança de Adônis^[58] com Cristo não é, portanto, acidental; é a semelhança que esperamos encontrar entre uma falsificação e a coisa real, entre uma paródia e o original, entre pérolas de imitação e pérolas reais”. Outros cristãos que pensam, como eu, que na mitologia os elementos divinos, diabólicos e humanos (o desejo de uma boa história), todos desempenham um papel, diriam: “Não é acidental. Na sequência da noite e do dia, na morte e no renascimento anual das colheitas, nos mitos que esses processos geram, no sentimento forte, ainda que semiarticulado, (encarnado em muitos ‘Mistérios’ pagãos) de que o próprio homem deve sofrer algum tipo de morte para realmente viver, já existe uma semelhança permitida por Deus com essa verdade da qual tudo depende. A semelhança entre esses mitos e a verdade cristã é tão acidental quanto a semelhança entre o sol e o reflexo do sol em uma lagoa, ou entre um fato histórico e a versão um tanto distorcida dele que vive no relato popular, ou entre as árvores e colinas do mundo real e as árvores e colinas de nossos sonhos”. Assim, todos os três pontos de vista considerariam os

“Cristos pagãos” e o verdadeiro Cristo como coisas realmente relacionadas e considerariam a semelhança significativa.

Em outras palavras, quando examinamos coisas ditas que assumem, à luz do conhecimento posterior, um significado que não poderiam ter para quem as disse, elas se revelam de formas diferentes. Com certeza, de qualquer tipo que sejam, muitas vezes podemos lê-las proveitosamente se tivermos esse segundo significado em mente. Se penso (como não posso deixar de pensar) no nascimento de Cristo enquanto leio aquele poema de Virgílio, ou mesmo se o torno parte regular de minha leitura de Natal, isso pode ser uma coisa bastante sensata e edificante a ser feita. Mas a semelhança que torna possível essa leitura pode, afinal de contas, ser uma mera coincidência (embora eu não tenha certeza de que seja). Posso ler em Virgílio o que é totalmente irrelevante para tudo o que ele foi, fez e pretendia ser e fazer; tão irrelevante quanto o significado sinistro que a palavra do homem no banho na história romana adquiriu a partir de eventos posteriores pode ter sido para qualquer coisa que o escravo fosse ou significasse. Mas, quando medito na Paixão enquanto leio a imagem do Justo feita por Platão, ou na Ressurreição enquanto leio sobre Adônis ou Balder, o caso é alterado. Há uma conexão real entre o que Platão e os criadores de mitos mais profundamente eram e queriam dizer e o que creio ser a verdade. Eu conheço essa conexão; eles, não. Mas ela está realmente lá. Não é uma fantasia arbitrária de minha própria autoria sobre as velhas palavras. É possível, sem nenhum absurdo, imaginar Platão ou os criadores de mitos, se tivessem aprendido a verdade, dizendo: “Entendo... Então era disso que eu estava realmente falando. É claro. É isso que minhas palavras realmente significavam, e eu nunca soube disso”. O atendente do banho, se inocente, ao ouvir o segundo significado atribuído às suas palavras, sem dúvida teria dito: “Então me ajude. Eu nunca pretendi dizer nada disso. Nunca me veio à cabeça. Eu não tinha a menor ideia”. O que Virgílio teria dito, se soubesse a verdade, não faço ideia. (Ou podemos falar mais caridosamente, não do que Platão e Virgílio e os criadores de mitos “teriam dito”, mas do que disseram? Pois podemos interceder com boa esperança para que eles agora conheçam e tenham recebido a verdade há muito tempo. “Muitos virão do oriente e do ocidente e se assentarão no reino” [Mateus 8:11].)

Assim, muito antes de chegarmos a Salmos ou à Bíblia, há boas razões para não jogar fora, como tolice, todos os segundos significados. Keble disse sobre os poetas pagãos: “Pensamentos além de seus pensamentos àqueles altos bardos foram dados”. [59] Mas, agora, vamos nos voltar para a própria Escritura.



CAPÍTULO 10

Escrituras

Se até mesmo as declarações pagãs podem ter um segundo significado, não acidentalmente, mas porque, no sentido que sugeri, têm uma espécie de direito a isso, devemos esperar que, em relação às Escrituras, isso ocorra ainda com mais força e frequência. Temos dois motivos para esperá-lo se somos cristãos.

Para nós, esses escritos são “santos”, ou “inspirados”, ou, como diz o apóstolo Paulo, são “os oráculos de Deus” [Romanos 3:2, ARA]. Mas isso foi entendido de mais de uma forma, e devo tentar explicar como o entendo, pelo menos no que diz respeito ao Antigo Testamento. Sou suspeito de ser o que se chama de fundamentalista. Isso porque nunca considero nenhuma narrativa como não histórica simplesmente pelo fato de incluir o miraculoso.[60] Algumas pessoas acham o miraculoso tão difícil de acreditar que não conseguem imaginar razão alguma para minha aceitação a não ser a crença prévia de que cada sentença do Antigo Testamento tem uma verdade histórica ou científica. Mas eu não defendo isso, assim como Jerônimo fez quando disse que Moisés descreveu a Criação “à maneira de

um poeta popular” (como deveríamos dizer: de forma mítica) ou como Calvino quando ficou em dúvida quanto à narrativa de Jó ser história ou ficção. [61] A verdadeira razão pela qual posso aceitar como histórica uma narrativa em que ocorre um milagre é que nunca encontrei nenhum fundamento filosófico para a proposição negativa universal de que milagres não acontecem. Tenho de decidir por outros motivos (se eu decidir) se determinada narrativa é histórica ou não. O Livro de Jó me parece não histórico porque começa tratando de um homem totalmente desvinculado de toda a história, ou mesmo de uma lenda, sem genealogia, vivendo em um país sobre o qual a Bíblia em outros lugares quase nada tem a dizer; porque, de fato, o autor, obviamente, escreve como um contador de histórias, e não como um cronista.

Portanto, não tenho dificuldade em aceitar, digamos, o ponto de vista daqueles estudiosos que nos dizem que o relato da Criação em Gênesis é derivado de narrativas semíticas anteriores, as quais eram pagãs e míticas. É evidente que devemos ser bastante claros sobre o que significa “derivado de”. Narrativas não reproduzem sua espécie como camundongos. Elas são contadas por homens. Cada recontador ou repete exatamente o que seu antecessor lhe disse ou muda o que ouviu. Ele pode mudar por ignorância ou de forma deliberada. Se muda deliberadamente, sua inventividade, seu senso de forma, sua ética, suas ideias do que é adequado, ou edificante, ou meramente interessante, tudo vem à tona. Se o faz por ignorância, então seu inconsciente (que é o grande responsável por nossos esquecimentos) está em ação. Assim, em cada passo do que é chamado, um pouco enganosamente, de “evolução” de uma narrativa, um homem, tudo o que ele é e todas as suas atitudes estão envolvidos. E nenhuma boa obra é feita em qualquer lugar sem a ajuda do Pai das Luzes. Quando uma série de tais recontares transforma uma narrativa da criação que, a princípio, quase não tinha significado religioso ou metafísico em uma história que alcança a ideia da verdadeira Criação e de um Criador transcendente (como Gênesis o faz), então nada me fará crer que alguns dos recontadores, ou que um deles em particular, não foram guiados por Deus.

Assim, algo que, em sua origem, era meramente natural — o tipo de mito que é encontrado entre a maioria das nações — terá sido elevado acima de si mesmo por Deus, qualificado e compelido por ele para servir a propósitos

aos quais, por si, não teria servido. Generalizando isso, entendo que todo o Antigo Testamento consiste no mesmo tipo de material que qualquer outra literatura — crônica (algumas, obviamente, bastante precisas), poemas, diatribes morais e políticas, romances e outras coisas; mas tudo levado ao serviço da palavra de Deus. Nem todos, suponho, da mesma maneira. Há profetas que escrevem com a mais clara consciência de que a compulsão divina está sobre eles. Há cronistas cuja intenção pode ter sido meramente registrar. Há poetas, como o do Cântico dos Cânticos, que provavelmente nunca sonharam com nada além de um propósito secular e natural no que compunham. Existe (e isso não é menos importante) o trabalho primeiro da Igreja Judaica e depois da Igreja Cristã em preservar e canonizar apenas esses livros. Há o trabalho de redatores e editores em modificá-los. Em tudo isso, pressuponho uma força de coação divina, da qual nem todos precisavam estar conscientes.

As qualidades humanas das matérias-primas transparecem. Ingenuidade, erro, contradição, até mesmo (como nos salmos de maldição) maldade não são removidos. O resultado total não é “a Palavra de Deus” no sentido de que cada passagem, em si mesma, apresenta ciência ou história impecáveis, mas que carrega a Palavra de Deus; e nós (sob a graça, com atenção à tradição e aos intérpretes mais sábios do que nós, e com o uso da inteligência e do conhecimento que possamos ter) recebemos essa palavra não usando-a como uma enciclopédia ou encíclica, mas mergulhando-nos em seu matiz ou temperamento, de modo a aprender sua mensagem geral.

Para uma mente humana, essa elaboração (em certo sentido, imperfeita), essa sublimação (incompleta) de material humano, parece, sem dúvida, um veículo desordenado e mal vedado. Esperaríamos — podemos pensar até mesmo que preferiríamos — uma luz não refratada nos dando a verdade última de forma sistemática — algo que poderíamos ter tabulado, memorizado e confiado como a tabuada de multiplicação. Pode-se respeitar, e às vezes até mesmo invejar, tanto a visão fundamentalista da Bíblia como a visão católica romana da Igreja. Mas há um argumento que devemos ter cuidado ao usar quanto a qualquer posição: Deus deve ter feito o que é melhor — isso é o melhor, portanto Deus o fez. Pois somos mortais e não sabemos o que é o melhor para nós, e é perigoso prescrever o que Deus

deveria ter feito — especialmente quando não podemos, por causa do limite de nossa vida, ver o que ele obterá depois de tudo o que fez.

Podemos observar que o ensinamento do Nosso Senhor, no qual não há imperfeição, não nos é dado da maneira conforme planejamos, à prova de acidentes, sistemática, que esperaríamos ou desejaríamos. Ele não escreveu livro algum. Temos somente o relato de ditos, a maioria deles pronunciados em resposta a perguntas, moldados em algum grau por seu contexto. E, quando os coletamos todos, não podemos reduzi-los a um sistema. Ele prega, mas não faz preleções. Ele usa paradoxo, provérbio, exagero, parábola, ironia e até mesmo (quero dizer sem irreverência) o “dito chistoso”. Ele profere máximas que, como provérbios populares, se tomadas com rigor, podem parecer contraditórias. Seu ensinamento, portanto, não pode ser apreendido apenas pelo intelecto, não pode ser “organizado” como se fosse um “assunto”. Se tentarmos fazer isso com o ensino de Cristo, vamos encontrar nele o mais evasivo dos professores. Ele raramente dava uma resposta direta a uma pergunta direta. Ele não será, da maneira que queremos, “apanhado”. A tentativa é (de novo, não quero sugerir irreverência) como tentar engarrafar um raio de sol.

Descendo mais, encontramos dificuldade um tanto semelhante com o apóstolo Paulo. Não posso ser o único leitor que se perguntou por que Deus, tendo-lhe dado tantos dons, negou-lhe (o que nos pareceria tão necessário para o primeiro teólogo cristão) a lucidez e a exposição ordenada.

Assim, em três níveis, em graus apropriados, encontramos a mesma recusa do que poderíamos ter pensado ser o melhor para nós: no próprio Verbo de Deus, no apóstolo dos gentios, na Escritura como um todo. Já que foi isso que Deus fez, isso, devemos concluir, foi o melhor. Pode ser que o que gostaríamos de ter fosse fatal para nós caso concedido. Pode ser indispensável que o ensinamento de Nosso Senhor, por essa esquiva (ao nosso intelecto sistematizador), exija uma resposta do homem todo, uma resposta que deixe bastante claro que não se trata de aprender um assunto, mas de mergulhar em uma Personalidade, adquirindo um novo olhar e um novo temperamento, respirando uma nova atmosfera, permitindo que ele, à sua maneira, reconstrua em nós a imagem desfigurada de si mesmo. O mesmo ocorre no texto paulino. Talvez o tipo de obras que eu gostaria que ele escrevesse fosse inútil. A rispidez, a confusão de estilo, a aparência de

incongruência e até mesmo de sofisma, a mistura turbulenta de detalhes insignificantes, queixas pessoais, conselhos práticos e êxtase lírico, tudo isso, por fim, transmitiu algo que importa mais do que ideias: toda uma vida cristã em operação — melhor dizer, o próprio Cristo operando na vida de um homem. E, da mesma forma, o valor do Antigo Testamento pode depender do que parece ser sua imperfeição. Isso pode repelir certa aplicação para que sejamos forçados a usar de outra maneira: encontrar a Palavra nele, não sem uma leitura repetida e vagarosa, nem sem discriminações feitas por nossa consciência e por nossas faculdades críticas, para reviver, enquanto lemos, toda a experiência judaica da autorrevelação gradual e graduada de Deus, para sentir as próprias contendas entre a Palavra e o material humano pelo qual ela opera. Pois aqui, novamente, é nossa resposta total que deve ser obtida.

Certamente, parece-me que, por ter tido de alcançar o que é realmente a Voz de Deus nos salmos imprecatórios ao longo de todas as horríveis distorções da instrumentalidade humana, ganhei algo que talvez não tivesse ganho com uma exposição ética e impecável. As sombras indicaram (pelo menos para meu coração) algo mais sobre a luz. Nem eu (agora) voluntariamente dispensaria de minha Bíblia algo em si tão antirreligioso quanto o niilismo de Eclesiastes. Temos aí uma imagem clara e fria da vida do homem sem Deus. Essa declaração é, em si, parte da palavra de Deus. Precisamos tê-la ouvido. Até mesmo haver assimilado Eclesiastes e nenhum outro livro da Bíblia seria ter avançado mais em direção à verdade do que alguns homens.

Mas é claro que essas conjecturas sobre o motivo pelo qual Deus faz o que faz provavelmente têm tanto valor quanto as ideias do meu cachorro sobre o que faço quando sento e leio. Mas, embora possamos apenas imaginar essas razões, podemos pelo menos observar a consistência de seus caminhos. Lemos em Gênesis 2:7 que Deus formou o homem do pó da terra e soprou vida nele. Por tudo o que o primeiro escritor sabia sobre o assunto, essa passagem poderia meramente ilustrar a sobrevivência, mesmo em uma história verdadeiramente criacional, da incapacidade pagã de conceber a verdadeira Criação, a tendência selvagem e pictórica de imaginar Deus fazendo coisas “de” algo, como o oleiro ou o carpinteiro fazem. No entanto, seja por acaso, seja (como penso) pela orientação de Deus, ela incorpora um

princípio profundo. Pois, sob qualquer ponto de vista, o homem é, em certo sentido, claramente feito “a partir de” outra coisa. Ele é um animal, mas um animal chamado para ser, ou criado para ser, ou (se você preferir) destinado a ser, algo mais do que um animal. Do ponto de vista biológico comum (as dificuldades que tenho quanto à evolução não são religiosas), um dos primatas é mudado para se tornar homem, mas ele continua a ser um primata e um animal. Ele é levado para uma nova vida sem abandonar a antiga. Da mesma forma, toda a vida orgânica adota e utiliza processos meramente químicos. Mas podemos identificar tanto o princípio mais elevado como o mais baixo. Pois somos ensinados que a própria Encarnação se deu “não porque a divindade se tenha convertido em humanidade, mas porque Deus assumiu a humanidade”; [62] nela, a vida humana torna-se o veículo da vida divina. Se as Escrituras procedem não pela conversão da palavra de Deus em literatura, mas pela adoção de uma literatura como veículo da palavra de Deus, isso não é anômalo.

Sem dúvida, em quase todos os níveis, esse método nos parece precário ou, como eu já disse, mal vedado. Nenhuma dessas elevações é, como teríamos desejado, autoevidente. Porque a natureza inferior, ao ser assumida e carregada com um novo fardo e elevada a um novo privilégio, permanece, e não é aniquilada, sempre será possível ignorar a elevação e ver nada além do inferior. Assim, os homens podem ler a vida de Nosso Senhor (porque é uma vida humana) como nada mais que uma vida humana. Muitas, talvez a maioria, das filosofias modernas interpretam a vida humana meramente como uma vida animal de complexidade incomum. Os cartesianos interpretam a vida animal como um mecanismo. Da mesma forma, as Escrituras podem ser lidas como literatura meramente humana. Nenhuma nova descoberta, nenhum novo método, nada disso jamais dará vitória final a qualquer interpretação. Pois o que é requerido, em todos esses níveis, não é apenas conhecimento, mas alguma percepção, o foco correto. Aqueles que podem ver em cada uma dessas instâncias apenas o inferior sempre serão razoáveis. Alguém que afirmasse que um poema não passa de marcas pretas em papel branco não seria refutado caso se dirigisse a um público que não saiba ler. Olhe-o através de microscópios, analise a tinta da impressora e o papel, estude-o (dessa forma) o tempo que quiser: você nunca encontrará algo além e acima de todos os produtos da análise dos quais você possa dizer

“Isso é o poema”. Aqueles que sabem ler, no entanto, continuarão a dizer que o poema existe.

Se o Antigo Testamento é uma literatura assim “utilizada”, feita veículo do que é mais que humano, é claro que não podemos estabelecer limites para o peso ou a multiplicidade de significados que podem ter sido atribuídos a ele. Se algum escritor pode dizer mais do que sabe e significar mais do que pretendia, então esses escritores estarão especialmente propensos a fazê-lo. E não por acaso.

A segunda razão para aceitar o Antigo Testamento dessa maneira pode ser apresentada de forma mais simples e é, claro, muito mais coercitiva. Estamos comprometidos com isso, em tese, pelo próprio Nosso Senhor. Naquela famosa viagem a Emaús, ele criticou os dois discípulos por não crerem no que os profetas haviam dito. Eles deveriam saber pela Bíblia que o Ungido, quando viesse, entraria em sua glória mediante o sofrimento. Ele então explicou, de “Moisés” (ou seja, o Pentateuco) em diante, todos os lugares no Antigo Testamento “relativos a si mesmo” (Lucas 24:25-27). Ele se identificou com uma figura frequentemente mencionada nas Escrituras; apropriou-se de muitas passagens em que um estudioso moderno não veria tal referência. Nas previsões de sua própria Paixão que havia feito anteriormente aos discípulos, ele, é óbvio, estava fazendo a mesma coisa. Ele aceitou — de fato, vindicou ser — o segundo significado das Escrituras.

Não sabemos, ou pelo menos eu não sei, quais eram todas essas passagens. Podemos ter certeza sobre uma delas. O eunuco etíope que conheceu Filipe (Atos 8:27-38) estava lendo Isaías 53. Ele não sabia se naquela passagem o profeta estava falando de si mesmo ou de outra pessoa. Filipe, ao responder à pergunta do eunuco, “anunciou-lhe Jesus”. A resposta, de fato, foi: “Isaías está falando de Jesus”. Não há razões para duvidar que a autoridade de Filipe para essa interpretação era Nosso Senhor. (Nossos ancestrais teriam pensado que Isaías previu conscientemente os sofrimentos de Cristo como as pessoas veem o futuro no tipo de sonhos registrados pelo Sr. Dunne. [63] Estudiosos modernos diriam que, no nível consciente, Isaías estava se referindo ao próprio Israel, a toda a nação. Não me parece importar a opinião que adotamos.) Podemos, novamente, ter certeza, pelas palavras na cruz (Marcos 15:34), que Nosso Senhor se identificou com o sofredor do salmo 22. Ou quando ele perguntou (Marcos 12:35,36) como Cristo

poderia ser filho de Davi e senhor de Davi, e claramente identificou Cristo e, portanto, a si mesmo, com o “meu Senhor” do salmo 110, estava de fato insinuando o mistério da Encarnação ao apontar uma dificuldade que só ela poderia resolver. Em Mateus 4:6, as palavras de Salmos 91:11,12 “Ele dará ordens aos seus anjos a respeito de ti [...] para que não machuques o teu pé contra uma pedra” são aplicadas a ele, e podemos ter certeza de que a aplicação foi dele, pois somente ele poderia ser a fonte da narrativa da tentação. Em Marcos 12:10, ele implicitamente se apropria das palavras de Salmos 118:22 sobre a pedra que os construtores rejeitaram. A passagem “Não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (16:11) é tratada como uma profecia a respeito de sua Ressurreição em Atos 2:27, e sem dúvida foi tomada por ele mesmo, uma vez que é possível encontrá-la como aceita na tradição cristã primitiva, ou seja, por pessoas que provavelmente estavam mais próximas tanto do espírito como da letra de suas palavras do que qualquer erudição (não digo “qualquer santidade”) trará a um moderno. No entanto, talvez seja inútil falar aqui de espírito e letra. Quase não há “letra” nas palavras de Jesus. Tomado por um literalista, ele sempre se mostrará o mais evasivo dos mestres. Os sistemas não conseguem acompanhar essa dardejante iluminação. Nenhuma rede menos larga do que o coração de um homem ou uma malha mais fina do que o amor conterão o Peixe sagrado.



CAPÍTULO 11

Segundos significados em Salmos

Em certo sentido, a interpretação de Salmos por Nosso Senhor tinha alguns pontos em comum com seus oponentes. A pergunta que mencionamos há pouco — como Davi pode chamar Cristo de “meu Senhor” (Marcos 12:35-37) — perderia seu objetivo a menos que fosse endereçada àqueles que tomavam como certo que o “meu Senhor” referido no salmo 110 era o Messias, o libertador régio e ungido que sujeitaria o mundo a Israel. Esse método foi aceito por todos. Todas as “escrituras” tinham um sentido “espiritual” ou secundário. Até mesmo um gentio “temente a Deus”^[64] como o eunuco etíope (Atos 8:27-38) sabia que os livros sagrados de Israel não podiam ser compreendidos sem um guia, por alguém treinado na tradição judaica que pudesse desvendar os significados ocultos. Provavelmente todos os judeus instruídos no primeiro século viram referências ao Messias na maioria das passagens em que Nosso Senhor as viu; o que foi controverso foi o fato de ele identificar o Rei messiânico com outra figura do Antigo Testamento e ambos consigo mesmo.

Encontramos duas figuras em Salmos: a do sofredor e a do rei conquistador e libertador. Nos salmos 13, 28, 55 ou em 102, temos o Sofredor; no salmo 2 ou no 72, o Rei. O Sofredor era, penso eu, nessa época, geralmente identificado com (e às vezes pode ter sido originalmente pretendido assim) toda a nação, Israel — os judeus teriam dito “ele mesmo”. O Rei era o sucessor de Davi, o Messias vindouro. Nosso Senhor se identificou com ambos os personagens.

Em tese, então, o modo alegórico de ler Salmos pode reivindicar a mais alta autoridade possível. Mas é claro que isso não significa que todas as inúmeras aplicações dessa leitura sejam frutíferas, legítimas ou mesmo racionais. O que vemos ao pensar que estamos olhando para as profundezas das Escrituras pode, eventualmente, ser apenas o reflexo de nosso próprio rosto tolo. Muitas interpretações alegóricas que já foram populares me parecem, como talvez para a maioria dos modernos, forçadas, arbitrárias e ridículas. Acho que podemos ter certeza de que algumas delas realmente são; não temos muita certeza, porém, sobre quais. O que parece forçado — um mero triunfo de perversa inventividade — para uma época parece claro e óbvio para outra, de modo que nossos ancestrais muitas vezes se perguntariam como podemos perder aquilo que, imaginamos, eles foram tolos o suficiente para encontrar. E entre diferentes épocas não há juiz imparcial na terra, pois ninguém fica fora do processo histórico; e é claro que ninguém está tão completamente escravizado a ele quanto aqueles que consideram nossa própria época, não mais um período, mas uma plataforma final e permanente a partir da qual podemos ver todas as outras épocas de forma objetiva.

É claro que as interpretações que já foram estabelecidas no Novo Testamento têm um apelo especial à nossa atenção. Encontramos em nosso *Livro de oração* que o salmo 110 [65] é um dos indicados para o dia de Natal. [66] Podemos, a princípio, ficar surpresos com isso. Não há nada nele sobre paz e boa vontade, nada remotamente sugestivo do estábulo em Belém. Parece ter sido originalmente uma ode de coroação a um novo rei, prometendo conquista e império, ou um poema dirigido a algum rei na véspera de uma guerra, prometendo vitória. Está cheio de ameaças. O “cetro” do poder do rei deve sair de Jerusalém, os reis estrangeiros devem ser feridos, os campos de batalha devem ser cobertos com carnificina, e os

crânios, rachados. A nota não é “Paz e boa vontade”, mas: “Cuidado. Ele está vindo”. Duas coisas o ligam a Cristo com uma autoridade muito além daquela do *Livro de oração*. A primeira, claro (já mencionada), é que ele mesmo a estabeleceu; ele é o “senhor” a quem “Davi” chama de “meu Senhor”. A segunda é a referência a Melquisedeque (v. 4). A identificação dessa pessoa muito misteriosa como um símbolo ou uma profecia de Cristo é feita em Hebreus 7. A forma exata do comentário ali feito sobre Gênesis 14 é obviamente estranha à nossa mente, mas acho que o essencial pode ser mantido em nosso idioma. Certamente não devemos argumentar a partir da deficiência de Gênesis em dar a Melquisedeque qualquer genealogia ou mesmo país se ele não tem começo nem fim (se for o caso, Jó também não tem genealogia); mas devemos estar nitidamente cientes de que sua aparição não relacionada, não explicada, diferencia-o estranhamente da textura da narrativa circundante. Ele vem de lugar algum, abençoa em nome do “Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra” [Gênesis 14:19, ACF] e desaparece por completo. Isso lhe dá o efeito de pertencer, se não *ao* Outro Mundo, pelo menos *a* outro mundo, para além da história de Abraão em geral. Ele assume, sem dúvida, como o escritor de Hebreus discerniu, uma superioridade sobre Abraão que Abraão aceita. Ele é uma figura augusta, “numinosa”. O que o narrador, ou o último recontador, de Gênesis teria dito se lhe perguntássemos por que ele trouxe esse episódio ou de onde o obteve, eu não sei. Eu acho, como já expliquei, que uma coação da parte de Deus recaiu sobre essas narrativas e renarrativas. E um dos efeitos que o episódio de Melquisedeque deveria ter é bastante claro. Ele coloca, de modo inesquecivelmente impressionante, a ideia de um sacerdócio, não pagão, mas um sacerdócio para o único Deus, muito anterior ao sacerdócio judaico que descende de Arão, independente do chamado a Abraão, de alguma forma superior à vocação de Abraão. E esse sacerdócio mais antigo, pré-judaico, está unido à realeza: Melquisedeque é um rei-sacerdote. Em algumas comunidades, era normal haver reis-sacerdotes, mas não em Israel. Assim, é simplesmente um fato que Melquisedeque se assemelha (à sua maneira peculiar, ele é o único personagem do Antigo Testamento que se assemelha) ao próprio Cristo. Pois, como Melquisedeque, Jesus afirma ser Sacerdote, embora não da tribo sacerdotal, e também Rei. Melquisedeque realmente aponta para Jesus; da mesma forma, o herói do salmo 110, que é rei, mas também tem o mesmo tipo de sacerdócio.

Para um judeu convertido ao cristianismo, isso era extremamente importante e eliminava uma dificuldade. Ele podia ser levado a ver como Cristo foi o sucessor de Davi; seria impossível dizer que Cristo foi, em sentido semelhante, o sucessor de Arão. A ideia de seu sacerdócio, portanto, envolvia o reconhecimento de um sacerdócio independente e superior ao de Arão. Melquisedeque estava lá para dar a essa concepção a sanção das Escrituras. Para nós, cristãos gentios, é bem o contrário. É mais provável que comecemos pelo caráter sacerdotal, sacrificial e intercessor de Cristo, e subestimemos o de rei e conquistador. O salmo 110, com outros três salmos de Natal, corrige isso. No 45, temos novamente um tom quase ameaçador: “Cinge a tua espada à coxa, ó valente, [...] a tua destra te ensinará coisas terríveis. As tuas flechas são agudas” (v. 3-5, ACF). No salmo 89, temos as promessas feitas a Davi (que certamente significaria todos os sucessores de Davi, ou qualquer um dentre eles, assim como “Jacó” pode significar todos os seus descendentes). Os inimigos devem cair diante dele (v. 23). “Davi” chamará Deus de “Pai”, e Deus diz: “Eu o farei meu primogênito” (v. 26,27), ou seja: “Farei dele um filho mais velho, farei dele meu herdeiro, eu lhe darei todo o mundo”. No salmo 132, temos, mais uma vez, “Davi”: “Vestirei os seus inimigos de vergonha; mas sobre ele florescerá a sua coroa” (v. 18, ACF). Tudo isso enfatiza um aspecto da Natividade ao qual nosso sentimento posterior sobre o Natal (excelente em si mesmo) faz menos do que justiça. Para aqueles que primeiro leram esses salmos como poemas sobre o nascimento de Cristo, esse nascimento significava principalmente algo muito militar: o herói, o “juiz” ou campeão ou matador de gigantes, que deveria lutar e vencer a morte, o inferno e os demônios, finalmente havia chegado, e as evidências sugerem que Nosso Senhor também pensava em si mesmo nesses termos. (O poema de Milton sobre a *Natividade* retoma bem esse lado do Natal.) [67]

A atribuição do salmo 68 [68] ao Domingo de Pentecostes [69] tem algumas razões óbvias, mesmo numa primeira leitura. O versículo 8, “Tremeu a terra e gotejaram os céus, à tua presença; até o Sinai se abalou à presença de Deus”, foi, sem dúvida, para o escritor original uma referência aos milagres mencionados em Êxodo e, portanto, prenuncia a descida muito diferente de Deus, que veio com as línguas de fogo. O versículo 11 é um belo exemplo da maneira como os textos antigos, quase inevitavelmente,

encontram-se carregados com o novo peso de significado. O *Livro de oração* verte a passagem nos seguintes termos: “O Senhor proclamou a sua palavra; grande é o número dos que anunciam as boas-novas”. A “palavra” seria a ordem para a batalha, e seus anunciadores (em um sentido bastante sombrio), os triunfantes guerreiros judeus. Mas essa tradução parece estar errada. O versículo realmente significa que havia muitos para espalhar a “palavra” (ou seja, as notícias) da vitória. Isso também servirá para Pentecostes. Mas eu penso que a verdadeira autoridade do Novo Testamento para atribuir este salmo ao Domingo de Pentecostes aparece no versículo 18 (no *Livro de oração*: “Subiste ao alto, levaste cativos os prisioneiros; recebeste tributos dos homens”). De acordo com os estudiosos, o texto hebraico aqui significa que Deus, tendo os exércitos de Israel como seus agentes, tomou enorme quantidade de prisioneiros e recebeu “tributos” (despojos ou presentes) *dos* homens. No entanto, Paulo cita uma leitura diferente, em Efésios 4:8: “Quando ele subiu ao alto, levou cativo o cativo e *deu* dons *aos* homens”. Essa deve ser a passagem que pela primeira vez associou o salmo à vinda do Espírito Santo, pois o texto paulino está fazendo referência aos dons do Espírito (v. 4-7) e enfatizando o fato de que eles vêm depois da Ascensão. Depois de ascender, e como resultado disso, Cristo dá esses dons aos homens, ou recebe esses dons (observe como a versão do *Livro de oração* [em inglês] agora se sairá bem) de seu Pai “para os homens”, para uso dos homens, a fim de transmiti-los aos homens. E essa relação entre a Ascensão e a vinda do Espírito está, obviamente, de acordo com as próprias palavras de Nosso Senhor: “É conveniente a vós que Eu vá, porque, se Eu não for, o Consolador não virá a vós” (João 16:7); como se um fosse impossível sem o outro, como se a Ascensão, a retirada do espaço-tempo em que nossos sentidos atuais operam, do Deus encarnado fosse a condição necessária da presença de Deus em outro modo. Há um mistério aqui que nem tentarei sondar.

Esse salmo nos levou a algumas complicações; aqueles em que Cristo aparece como o sofredor são muito mais fáceis. E é aqui também que o segundo significado é mais inevitável. Se Cristo “provou a morte por todos os homens” [Hebreus 2:9], tornou-se o sofredor arquetípico, então as expressões de todos os que já sofreram no mundo estão, pela própria natureza das coisas, relacionadas a ele. Aqui (para falar em termos

ridiculamente humanos) sentimos que não era necessário contar com a orientação divina para dar aos textos antigos seu segundo significado, mas seria necessário um milagre especial para mantê-lo fora. No salmo 22, o terrível poema que Cristo citou em sua tortura final, não é “Traspassaram minhas mãos e meus pés” (v. 16), por mais impressionante que essa antecipação seja, o que realmente importa. É a união da privação total com a adesão total a Deus, a um Deus que não responde, simplesmente pelo que Deus é: “E, contudo, tu és santo” (v. 3). Todos os sofrimentos dos justos falam aqui; mas, em 40:12, todos os sofrimentos dos culpados também: “Meus pecados se apoderaram de mim de tal forma que não sou capaz de olhar para cima”. Mas isso também é para nós a voz de Cristo, pois fomos ensinados que aquele que estava sem pecado se tornou pecado por nossa causa, sondando a profundidade do pior sofrimento que vem aos homens maus, que, por fim, conhecem o próprio mal. Observe como isso, no sentido original ou literal, dificilmente é consistente com os versículos 8 e 9, e que contraponto de verdade essa aparente contradição assume quando se entende que o falante é Cristo.

Mas continuar a falar desses salmos de sofrimento seria laborar o óbvio. O que eu, de qualquer forma, demorei mais para ver foi toda a riqueza daquele salmo de Natal que já mencionamos, o salmo 45,^[70] que nos mostra tantos aspectos da Natividade que nunca poderíamos obter dos cânticos natalinos ou mesmo (com facilidade) dos Evangelhos. Na intenção original, ele era obviamente uma ode laureada em um casamento real. (Hoje nos surpreendemos ao descobrir que uma obra tão oficial, feita “sob encomenda” por um poeta da corte para uma ocasião especial, poderia ser boa poesia. Mas, nas épocas em que as artes gozavam de plena saúde, ninguém teria entendido nossa surpresa. Todos os grandes poetas, pintores e músicos de antigamente podiam produzir grandes obras “por encomenda”. Quem não pudesse teria sido tão bom quanto um embusteiro no papel de capitão que sabia navegar ou um fazendeiro que só cultivasse quando sentisse vontade.) E simplesmente como uma ode de casamento — o que os gregos chamavam de epitalâmio — é algo magnífico. No entanto, é muito mais valioso pela luz que lança sobre a Encarnação.

Poucas coisas me pareceram mais insípidas e rebuscadas do que essas interpretações, seja desse salmo, seja do Cântico dos Cânticos, que

identificam o Esposo com Cristo e a noiva com a Igreja. De fato, quando lemos a poesia erótica franca desse último e a contrastamos com as manchetes edificantes em nossa Bíblia, é fácil ser movido a um sorriso, mesmo um sorriso cínico de quem entende, como se os intérpretes piedosos estivessem fingindo uma absurda inocência. Eu ainda acharia muito difícil acreditar que algo como o sentido “espiritual” tenha sido remotamente pretendido pelos escritores originais. Mas ninguém agora (eu imagino) que aceita esse sentido espiritual ou secundário está negando, ou dizendo algo contra, o sentido muito claro que os escritores pretendiam. O salmo continua sendo um epitalâmio rico e festivo, e Cântico dos Cânticos permanece como um belo, às vezes requintado, poema de amor, e isso não é nem um pouco obliterado pelo peso do novo significado. (O homem ainda é um dos primatas; um poema ainda são marcas pretas no papel branco.) E, mais tarde, comecei a ver que o novo significado não é arbitrário e brota de profundezas das quais eu não suspeitava.

Em primeiro lugar, a linguagem de quase todos os grandes místicos, nem mesmo em uma tradição comum — alguns deles pagãos, alguns islâmicos, a maioria dos cristãos —, nos confronta com a evidência de que a imagem do casamento, da união sexual, não é apenas profundamente natural, mas quase inevitável como meio de expressar a união desejada entre Deus e o homem. A própria palavra “união” já impõe tal ideia. Em segundo lugar, o deus como noivo, seu “santo casamento” com a deusa, é tema e ritual recorrentes em muitas formas de paganismo — não o paganismo no que poderíamos chamar de sua forma mais pura ou mais iluminada, mas talvez em sua forma mais religiosa, séria e convicta. E se, como creio, Cristo, ao transcender e assim ab-rogar, também cumpre tanto o paganismo como o judaísmo, podemos, então, esperar que ele cumpra esse aspecto também. Isso, assim como tudo o mais, deve ser “sumarizado” nele. Em terceiro lugar, a ideia aparece, de forma ligeiramente diferente, no judaísmo. Para os místicos, Deus é o Noivo da alma individual. Para os pagãos, o deus é o noivo da deusa-mãe, a terra, mas sua união com ela também torna fértil toda a tribo e seu gado, de modo que, em certo sentido, ele é também o noivo deles. A concepção judaica está, de certa maneira, mais próxima da pagã do que a dos místicos, pois nela a Noiva de Deus é toda a nação, Israel. Isso é desenvolvido em um dos capítulos mais comoventes e vívidos de todo o

Antigo Testamento (Ezequiel 16). Por fim, isso é transferido no Apocalipse do antigo Israel para o novo, e a Noiva se torna a Igreja, “a bendita companhia de todos os fiéis”.^[71] Essa companhia foi, como a noiva indigna de Ezequiel, resgatada, lavada, vestida e casada por Deus — um casamento como o do rei Cophetua.^[72] Assim, a alegoria que, a princípio, parecia tão arbitrária — a inventividade de algum comentarista pudico que estava determinado a fazer brotar ensinamentos insípidos a partir dos textos menos promissores — veio a ter, quando foi seriamente rastreada, raízes em toda a história da religião, a ser carregada de poesia, para produzir percepções. Rejeitá-la porque não apela imediatamente à nossa época é ser provinciano, ter a cegueira autocomplacente de quem fica em casa.

Lido nesse sentido, o salmo restitui o Natal à sua própria complexidade. O nascimento de Cristo é a chegada do grande guerreiro e do grande rei. Também do Amante, do Noivo, cuja beleza supera a do homem. Mas não apenas o Noivo como o amante, o desejado; o Noivo também como aquele que se faz frutífero, o pai dos filhos ainda por gerar e nascer. (Certamente a imagem de um Menino em uma manjedoura de modo algum nos sugere um rei, um matador de gigantes, um noivo e um pai. Mas também não sugeriria a Palavra eterna — se não soubéssemos. Todos são igualmente aspectos do mesmo paradoxo central.) Então, o poeta se volta para a Noiva, com a seguinte exortação: “Esquece teu povo e a casa de teu pai” (Salmos 45:10). É evidente que isso tem um sentido claro, e para nós doloroso, quando lemos o salmo como o poeta provavelmente o pretendeu. Pensa-se na saudade de casa, de uma menina (provavelmente uma mera criança) chorando em segredo em um estranho harém, em todas as misérias que podem estar subjacentes a qualquer casamento dinástico, especialmente um oriental. O poeta (que, obviamente, sabia tudo sobre isso — talvez tivesse uma filha) a consola: “Não importa: você perdeu seus pais, mas agora terá filhos, e filhos que serão grandes homens” [cf. v. 16]. Mas tudo isso também tem sua pungente relevância quando a Noiva é a Igreja. A vocação é uma coisa tremenda. Ser chamado para fora da natureza e para dentro da vida sobrenatural é, a princípio (ou talvez não exatamente a princípio, pois a ruptura da separação pode ser sentida mais tarde), uma honra de alto custo. Mesmo ser chamado de um nível natural para outro é tanto perda como ganho. O homem tem dificuldades e tristezas das quais os outros primatas

escapam. Mas ser chamado para um lugar elevado custa ainda mais. “Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai”, disse Deus a Abraão (Gênesis 12:1). É uma ordem terrível: virar as costas para tudo que você conhece. A consolação (se é que isso consolará naquele momento) é muito semelhante à que o salmista oferece à noiva: “Farei de ti uma grande nação”. Esse “virar as costas” é, sem dúvida, seriamente repetido, pode-se dizer agravado, por Nosso Senhor: “Aquele que não odeia pai e mãe e a própria vida” [Lucas 14:26]. Ele fala, como tantas vezes, de maneira proverbial e paradoxal: o ódio (em prosa fria) não é ordenado; apenas a rejeição resoluta, aparentemente implacável, das reivindicações naturais quando, e se, a escolha terrível chega a esse ponto. (Mesmo assim, esse texto é, creio, proveitoso apenas para aqueles que o leem com horror. O homem que acha fácil odiar o pai, a mulher cuja vida é uma longa luta para não odiar a mãe, provavelmente melhor será manterem-se longe disso.) O consolo da Noiva, nessa alegoria, consiste não (onde os místicos o colocariam) nos abraços do Esposo, mas na fecundidade dela. Se ela não dá frutos, não é mãe de santos e de santidade, pode-se supor que o casamento foi uma ilusão — pois “os abraços de um deus nunca são em vão”. [73]

A escolha do salmo 8 [74] para o Dia da Ascensão [75] novamente depende de uma interpretação encontrada no Novo Testamento. Em seu sentido literal, essa poesia curta e requintada é a própria simplicidade: uma expressão de admiração pelo homem e pelo lugar do homem na Natureza (há um coro em Sófocles não muito diferente dele) [76] e, portanto, por Deus, que designou tal lugar. Deus é maravilhoso tanto como campeão ou “juiz” quanto como Criador. Quando alguém eleva os olhos para o céu, e para todas as estrelas, que são sua obra, parece estranho que ele se preocupe com coisas como o homem. No entanto, de fato, embora ele nos tenha feito inferiores aos seres celestiais, ele, aqui na terra, nos deu uma honra extraordinária: fez-nos senhores de todas as outras criaturas. Mas para o escritor de Hebreus (2:6-9) isso sugeria algo que nós, por nós mesmos, nunca teríamos pensado. O salmista disse: “Deste-lhe [ao homem] domínio sobre as tuas obras; e tudo a ele submeteste” (Salmos 8:6). O escritor cristão observa que, no estado atual do universo, isso não é estritamente verdade. (Muitas vezes o homem é morto, e ainda mais frequentemente derrotado, por bestas, vegetais venenosos, clima, terremotos etc.) Parece-nos apenas

perverso e capcioso tomar assim uma expressão poética como se fosse destinada a ser um universal científico. Podemos chegar mais perto do ponto de vista se imaginarmos o comentarista não argumentando que (como acho que ele realmente faz): “Já que isso não é verdade no presente, e já que todas as Escrituras devem ser verdadeiras, a afirmação deve de fato referir-se ao futuro”, mas, sim: “Isso é verdade no sentido poético — e, portanto, para um lógico, no sentido lato —, que o poeta pretendia. Mas... e se fosse muito mais verdadeiro do que ele pensava?”. Isso nos levará, por um caminho que é mais fácil para nossos hábitos mentais, para o que ele pensa ser o verdadeiro significado — ou devo dizer, o “sobre-significado”, o novo peso colocado sobre as palavras do poeta. Cristo subiu ao céu. E no devido tempo todas as coisas, estritamente todas, serão submetidas a ele. É ele que, tendo sido feito (por um tempo) “menor que os anjos”, se tornará o conquistador e governante de todas as coisas, incluindo a morte e (o patrono da morte) o diabo.

Para a maioria de nós, isso parecerá uma alegoria intrincada ao extremo. Mas é essa a mesma que ocorre no pensamento expresso por Paulo em 1Coríntios 15:20-28. Essa passagem, com a de Hebreus, torna bem certo que essa interpretação estava estabelecida na tradição cristã mais antiga. Pode até ter vindo de Nosso Senhor. Afinal, não havia descrição de si mesmo em que ele se deleitasse mais do que o “Filho do Homem”; e, claro, assim como “filha de Babilônia” significa Babilônia, também “Filho do Homem” significa Homem, o Homem, o Homem arquetípico, de cujos sofrimento, ressurreição e vitórias todos os homens (a menos que se recusem) podem compartilhar.

E é disso, creio, que os cristãos modernos, em sua maioria, precisam ser lembrados. Parece-me que raramente encontro um sentimento forte ou exultante da continuada, que nunca será abandonada, Humanidade de Cristo em glória, na eternidade. Enfatizamos a Humanidade muito exclusivamente no Natal, e a Deidade muito exclusivamente após a Ressurreição; quase como se Cristo uma vez se tenha tornado homem e depois tenha voltado a ser apenas Deus. Pensamos na Ressurreição e na Ascensão (corretamente) como grandes atos de Deus; menos frequentemente como o triunfo do Homem. A antiga interpretação do salmo 8, como quer que seja, é um corretivo animador. Em considerações

adicionais, a analogia do lugar da humanidade no universo (sua grandeza e sua pequenez, suas origens humildes e, mesmo no nível natural, seu sublime destino) com a humilhação e as vitórias de Cristo também não é realmente forçada e artificial. Pelo menos, não me parece ser. Como já indiquei, parece-me haver algo mais do que analogia entre considerar a animalidade no homem e considerar o homem em Deus.

Mas eu percorro maravilhas maiores do que eu. É hora de concluir com uma breve observação sobre algumas coisas mais simples.

Uma é a aparente (e muitas vezes, sem dúvida, real) justiça própria dos salmos: “não encontras em mim nenhuma iniquidade” (17:3, NAA); “Tenho andado em minha sinceridade” (26:1, ACF); “Preserva a minha alma, pois eu sou piedoso” (86:2, ARA). Para muitas pessoas, não melhorará muito se dissermos, como provavelmente podemos dizer com verdade, que às vezes o orador pretendia desde o início ser Israel, não o indivíduo; e, mesmo dentro de Israel, o remanescente fiel. No entanto, isso faz alguma diferença; até certo ponto, esse remanescente era santo e inocente em comparação com algumas das culturas pagãs circunvizinhas. Muitas vezes era um “sofredor inocente” no sentido de que não merecia o que lhe fora infligido, nem o merecia nas mãos daqueles que o infligiam. Mas é claro que viria um Sofredor que era de fato santo e inocente. O caso imaginário de Platão se tornaria real. Todas essas afirmações se tornariam verdadeiras na boca do Sofredor. E, se fossem verdadeiras, era necessário que fossem feitas. A lição de que a inocência perfeita, implacável e perdoadora pode conduzir a forma como o mundo é, não ao amor, mas às maldições gritantes da turba e à morte, é essencial. Nosso Senhor, portanto, torna-se, por direito, o orador nessas passagens quando um cristão as lê — seria um obscurecimento da questão real se ele não o fizesse. Pois ele negou todo pecado de si mesmo. (Isso, de fato, não é um pequeno argumento de sua divindade. Pois ele não tem muitas vezes provocado até mesmo nos inimigos do cristianismo a impressão de arrogância; muitos deles não parecem tão chocados quanto esperaríamos na afirmação que ele fez de ser “manso e humilde de coração” [Mateus 11:28]. No entanto, Jesus disse coisas que, em qualquer hipótese, exceto uma, seriam a arrogância de um paranoico. É como se, mesmo onde a hipótese é rejeitada, algo da realidade que implica sua verdade “se espalhasse”.)

Dos salmos imprecatórios, suponho que a maioria de nós faça as próprias alegorias morais — bem cientes de que são pessoais e em um nível bem diferente dos assuntos elevados com os quais venho tentando lidar. Conhecemos o objeto apropriado da hostilidade total — a maldade, especialmente a nossa. Assim, no salmo 36, “A transgressão do ímpio repercute em meu coração” [v. 1], cada um pode refletir que o próprio coração é o espécime daquela maldade bem conhecida dele. Depois disso, a imersão ascendente, no versículo 5, na misericórdia alta como os céus e na justiça sólida como as montanhas [v. 6] adquire ainda mais força e beleza. Desse ponto de vista, posso usar até mesmo a aterrorizante passagem do salmo 137 sobre arremessar os bebês da Babilônia contra as pedras [v. 9]. Conheço coisas do mundo interior que são como bebês: os começos infantis de pequenas indulgências, pequenos ressentimentos, que podem um dia tornar-se dipsomania ou ódio estabelecido, mas que nos cortejam e nos adulam com súplicas especiais e parecem tão pequenos, tão impotentes que, resistindo a eles, sentimos que estamos sendo cruéis com os animais. Eles começam a choramingar para nós: “Eu não peço muito, mas...” ou “Eu pelo menos esperava que você...” ou “Você *deve* alguma consideração a si mesmo”. Contra todas essas crianças bonitas (elas têm maneiras tão vitoriosas!), o conselho do salmo é o melhor. Acabe com os pequenos bastardos. E “feliz” [v. 9] é quem pode, pois é mais fácil falar do que fazer.

Às vezes, sem o estímulo da tradição, um segundo significado se impõe irresistivelmente ao leitor. Quando o poeta do salmo 84 disse (v. 10) “Porque um dia em teus átrios vale mais do que mil”, ele, sem dúvida, quis dizer que um dia houve melhor do que mil em outro lugar. Acho impossível excluir, enquanto leio isso, o pensamento de que, tanto quanto sei, o Antigo Testamento nunca chegou a alcançar isso. Está lá, no Novo, maravilhosamente introduzido não por dar um novo peso às velhas palavras, mas simplesmente por adicioná-las. No salmo 90 (v. 4), foi dito que mil anos eram para Deus como um simples ontem; em 2Pedro 3:8 — não é o primeiro lugar no mundo em que alguém teria procurado uma teologia tão metafísica —, lemos não apenas que mil anos são como um dia, mas também que “um dia é como mil anos”. O salmista quis dizer apenas, penso, que Deus era eterno, que sua vida era infinita no tempo. Mas a epístola nos tira completamente da série temporal. Assim como nada sobrevive a Deus,

nada escapa dele indo para o passado. A concepção posterior (posterior no pensamento cristão — Platão a alcançou) do atemporal como um eterno presente foi alcançada. Sempre depois, para alguns de nós, o “um dia” nos átrios de Deus que é melhor do que mil deve ter um duplo significado. O Eterno pode encontrar-nos no que é, por nossas medidas atuais, um dia, ou, mais provavelmente, um minuto ou um segundo; mas temos tocado no que não é de forma alguma comensurável em extensões de tempo, sejam longas ou curtas. Daí nossa esperança de finalmente emergir, se não inteiramente do tempo (que pode não servir à nossa humanidade), pelo menos da tirania, da pobreza unilinear, do tempo, de montá-lo para não ser montado por ele, e assim curar aquela sempre dolorida ferida (“a ferida para a qual o homem nasceu”)[77] que as meras sucessão e mutabilidade nos infligem, quase igualmente quando estamos felizes e quando estamos infelizes. Pois estamos tão pouco reconciliados com o tempo que até nos espantamos com ele. “Como ele cresceu!”, exclamamos, “Como o tempo voa!”, como se a forma universal de nossa experiência fosse sempre uma novidade. É tão estranho quanto se um peixe fosse repetidamente surpreendido com a umidade da água. E isso seria realmente estranho; a menos, é claro, que o peixe estivesse destinado a se tornar, um dia, um animal terrestre.



APÊNDICE A

Salmos selecionados

SALMO 8

Domine, Dominus noster [78]

1. Ó Deus, SENHOR nosso, que puseste a tua glória nos céus,* [79] quão admirável é o teu Nome em toda a terra!
2. Da boca dos pequeninos fazes brotar a força,* para que se calem o odiento e o vingativo.
3. Quando contemplo os teus céus, obra das tuas mãos,* a lua e as estrelas, que formaste;
4. Que é o mortal, para que te lembres dele?* E o filho do homem, para que o visites?
5. Fizeste-o um pouco abaixo dos anjos,* e de glória e de honra o coroaste.
6. Deste-lhe domínio sobre as tuas obras;* e tudo a ele submeteste:
7. Ovelhas e bois* e todos os animais do campo;
8. As aves do céu, os peixes do mar* e tudo quanto passa pelo caminho das grandes águas.
9. Ó Deus, SENHOR nosso,* quão admirável é o teu Nome em toda a terra!

SALMO 19

Cæli enarrant

1. Os céus proclamam a glória de Deus;* e o firmamento manifesta as obras de suas mãos.
2. Um dia a outro dia canta uma canção;* e uma noite aviva conhecimento a outra noite.

3. Sem fala, e sem palavras,* sem se lhes ouvir a voz.
4. Contudo, suas palavras vão até as extremidades do mundo;* aí pôs uma tenda para o sol;
5. É ele, qual noivo, que sai de sua câmara* e se alegra, como herói, a percorrer o seu caminho.
6. Parte dum extremo dos céus e faz seu curso até o outro extremo;* e nada há que se furte a seu calor.
7. A lei do SENHOR é perfeita e refrigera a alma;* o testemunho do SENHOR é verdadeiro e dá sabedoria aos simples.
8. Os preceitos do SENHOR são retos e alegam o coração;* o mandamento do SENHOR é puro e esclarece os olhos.
9. O temor do SENHOR é sem mácula e permanece eternamente;* justos e verdadeiros são os seus preceitos.
10. São mais apreciáveis do que o ouro, sim, do que muito ouro apurado;* e mais doces do que o mel e o que os favos destilam.
11. Por eles é teu povo advertido;* e em os guardar há grande galardão.
12. Quem pode discernir seus próprios erros?* Purifica-me dos que me são ocultos.
13. Guarda também da soberba o teu servo;* então ficarei isento de grande pecado.
14. Sejam bem aceitas as palavras de minha boca, e o meditar de meu coração, perante a tua face;* ó SENHOR, rocha minha e redentor meu!

SALMO 36

Dixit injustus

1. A transgressão do ímpio repercute em meu coração;* não existe a seus olhos temor de Deus.
2. Mas a seus olhos se lisonjeia,* até que sua iniquidade seja descoberta.
3. Suas palavras são iniquidades e dolo:* recusa instruir-se e fazer o bem.
4. Maquina a iniquidade no seu leito;* detém-se no caminho mau e nele persevera.
5. Ó SENHOR, tua benignidade chega até os céus;* tua fidelidade alcança até o firmamento.
6. Tua justiça é como as mais altas montanhas; teus juízos são um abismo profundo;* ó SENHOR, cuidas dos homens e das alimárias.
7. Quão preciosa é tua benignidade, ó Deus!* À sombra de tuas asas se acolhem os filhos dos homens.
8. São eles saciados com a fartura da tua casa;* e da torrente de tuas delícias lhes dás de beber.
9. Porque em ti está a fonte da vida;* na tua luz é que nós vemos a luz.
10. Continua tua benignidade aos que te conhecem,* e a tua justiça aos que têm o coração puro.
11. Não venha sobre mim o pé dos soberbos,* e não me mova a mão dos ímpios.
12. Ali caem os que praticam a iniquidade;* cairão e não se poderão levantar.

SALMO 45

Eructavit cor meum

1. Meu coração ferve de palavras boas e digo: Meus versos são para o Rei;* minha língua é pena de destro escriba.
2. Tu és o mais formoso dentre os filhos dos homens;* a graça se esparziu em teus lábios; por isso, Deus te abençoará para sempre.
3. Cinge a tua espada, ó lidador,* com majestade e glória.

4. Em tua magnificência, avança prosperamente a favor da verdade e da justiça;* e tua destra te conduza a tremendos feitos!
5. Tuas setas são aceradas no coração dos inimigos do Rei;* debaixo de ti caem povos.
6. Teu trono, ó Deus, permanece para todo o sempre;* e o cetro de teu reino é de justiça.
7. Amas a justiça e aborreces a maldade;* por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria acima de teus companheiros.
8. Tuas vestes recendem mirra, aloés e cássia;* de palácios ebúrneos partem harmonias que te alegrem.
9. Filhas de reis te cercam;* à tua direita estava a rainha ataviada de ouro de Ofir.
10. Ouve, filha, considera e inclina os teus ouvidos;* esquece teu povo e a casa de teu pai.
11. Assim o Rei atentará para a tua formosura;* pois ele é teu senhor, presta-lhe homenagem.
12. A ti virá com oferendas a filha de Tiro;* os poderosos suplicarão o teu favor.
13. A filha do Rei esplende em seu palácio;* sua vestimenta é recamada de ouro.
14. Com ricas vestes será levada em triunfo;* donzelas lhe farão companhia.
15. Serão conduzidas com alegria e regozijo;* assim entrarão no palácio real.
16. Em lugar de teus pais serão teus filhos;* a quem farás príncipes por toda a terra.
17. Faça eu, pois, lembrado o teu nome a todas as gerações;* louvar-te-ão os povos para todo o sempre.

SALMO 68

Exsurgat Deus

1. Levante-se Deus e se dispersem seus inimigos;* afastem-se de sua presença os que o aborrecem.
2. Como ao fogo se derrete a cera,* assim perecerão os ímpios na presença de Deus.
3. Mas alegrem-se os justos e folguem na presença de Deus;* sim, exultem de alegria.
4. Cantai a Deus, cantai louvores a seu Nome; louvai o que domina sobre os céus;* exultai diante dele.
5. O Pai dos órfãos e o juiz das viúvas* é Deus em sua morada santa.
6. Deus faz com que o solitário more em família; liberta os cativos;* só os rebeldes habitam em terra árida.
7. Ó Deus, ao partires à frente do teu povo,* ao marchares pelo deserto,
8. Tremeu a terra e gotejaram os céus, à tua presença;* até o Sinai se abalou à presença de Deus.
9. Tu, ó Deus, mandaste a chuva em abundância;* confortaste o teu povo quando estava cansado.
10. Ali habitou a tua grei;* da tua bondade, ó Deus, fizeste provisão para os aflitos.
11. O Senhor proclamou a sua palavra;* grande é o número dos que anunciam as boas-novas.
12. Reis de exércitos fugiram;* e quem ficou em casa repartiu os despojos.
13. Embora vos deiteis junto aos apriscos,* sois como as asas da pomba, cobertas de prata, com penas de ouro.
14. Quando o Todo-poderoso ali dispersou os seus reis,* ela ficou alva como a neve em Salmom.
15. Elevado é o monte de Bazã;* grandíssimo é o monte de Bazã.
16. Por que vós, montes elevados, olhais com inveja para o monte que Deus escolheu para sua habitação?* O SENHOR habitará nele para sempre.
17. Os carros do Senhor são milhares de milhares.* O Senhor está no meio deles, como em Sinai, no lugar santo.
18. Subiste ao alto, levaste cativos os prisioneiros; recebeste tributo dos homens,* mesmo dos rebeldes, para o SENHOR Deus habitar entre eles.
19. Bendito seja o Senhor, que diariamente suporta a nossa carga;* o Deus que é a nossa salvação.

20. Aquele que é nosso Deus é um Deus para salvar;* ao SENHOR se deve o escaparmos da morte.
21. Seus inimigos serão feridos,* e também a cabeça do que teima em suas culpas.
22. Disse o Senhor: Eu os farei voltar de Bazã;* farei tornar o meu povo das profundezas do mar.
23. Para que o teu pé mergulhe na ruína dos teus inimigos* e também a língua de teus cães.
24. Eles viram, ó Deus, os teus caminhos;* os caminhos do meu Deus, meu Rei, no santuário.
25. Iam à frente os cantores e atrás, os tocadores de instrumentos de cordas;* entre eles, as donzelas batendo adufes.
26. Bendizei a Deus nas congregações;* ao SENHOR, vós que sois da fonte de Israel.
27. Ali está o pequeno Benjamim, seu chefe,* os príncipes de Judá com seu séquito, os príncipes de Zebulom e os de Naftali.
28. O teu Deus ordena que sejas forte;* estabelece, ó Deus, o que fizeste por nós.
29. Por causa do teu templo em Jerusalém,* os reis te trarão dádivas.
30. Repreende a fera dos caniçais, a multidão dos irracionais calcando aos pés pedaços de prata;* dissipa os povos que desejam a guerra.
31. Embaixadores reais virão do Egito;* a Etiópia se dará pressa em estender as mãos para Deus.
32. Reinos da terra, cantai a Deus;* cantai louvores ao Senhor.
33. Aquele que se assenta sobre o mais alto dos céus desde a antiguidade;* eis que faz ouvir a sua voz, uma voz poderosa.
34. Atribuí a Deus fortaleza;* a sua grandeza é sobre o seu povo e a sua força está nos céus.
35. Tremendo és tu, ó Deus, em teus santuários, tu, poderoso Deus de Israel!* Ele dá força e poder a seu povo. Bendito seja Deus!

SALMO 104

Benedic, anima mea

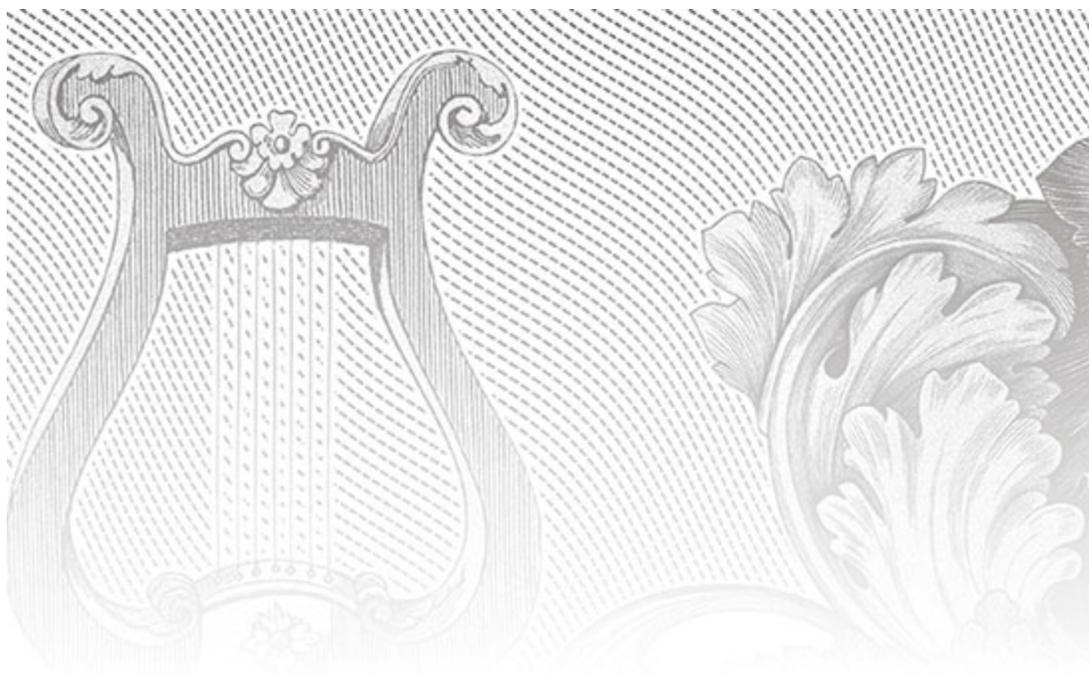
1. Bendize, ó minha alma, ao SENHOR;* tu és sumamente grande, SENHOR, Deus meu; estás revestido de esplendor e majestade.
2. Tu te cobres de luz, como dum manto;* estendes os céus qual uma cortina.
3. Pões fundamentos nas águas;* tu fazes das nuvens teu carro e andas sobre as asas do vento.
4. Tu és quem faz dos ventos seus mensageiros;* e do fogo flamejante, seus ministros.
5. Estabeleceste a terra em seus fundamentos,* para que não fosse jamais abalada.
6. Cobriste-a dum abismo como duma vestidura;* as águas ficaram acima das montanhas.
7. À tua repreensão, fugiram;* à voz do teu trovão puseram-se em retirada.
8. Sobem aos montes e descem aos vales,* até o lugar para elas preparado.
9. Firmaste-lhes barreiras, para que não ultrapassassem,* e não tornassem a cobrir a terra.
10. Fazes brotar fontes nos vales,* as quais correm entre os montes.
11. Dão de beber aos animais do campo,* que nelas matam a sua sede.
12. Junto delas têm as aves o seu pouso,* dentre a ramagem fazem ouvir o seu canto.
13. Regas os montes,* a terra se farta do fruto de tuas obras.
14. Fazes crescer a relva para o gado,* e as plantas de que tira o homem seu sustento.
15. O vinho, que alegra o coração,* o azeite e o pão que lhe dão novas forças.
16. As árvores fartam-se de seiva,* os cedros do Líbano, que ele plantou.
17. Nos quais fazem ninhos as aves,* e sua morada nos ciprestes.
18. Os altos montes são refúgio para as cabras,* e os penhascos, para os coelhos.
19. Designaste a lua para marcar as estações,* o sol conhece seu ocaso.
20. Ordenas a escuridão e vem a noite,* na qual saem os animais da selva.

21. Os leões novos rugem em busca da presa* clamando por sustento.
22. Mal nasce o sol, recolhem-se,* e vão deitar-se nos seus covis.
23. Sai o homem para o seu rebanho,* e para a sua ocupação até a tarde.
24. Ó SENHOR, quão numerosas são as tuas obras!* Todas elas fizeste com sabedoria; cheia está a terra de tuas riquezas.
25. Eis aí o mar grande e vasto,* onde se movem seres imutáveis.
26. Ali andam os navios,* e o leviatã que formaste para nele folgar.
27. Todos esperam de ti,* que a tempo lhes dêes o seu sustento.
28. Tu lhes distribuis, e eles recolhem;* abres a mão, e ficam saciados.
29. É ocultares tua face, e ficam eles perturbados;* se lhes tiras o fôlego, se finam e tornam-se no pó que eram.
30. Envias-lhes teu espírito, e eles são criados;* e assim renovas a face da terra.
31. Seja para sempre a glória do SENHOR!* Regozije-se o SENHOR em suas obras!
32. Olha Deus para a terra, e ela estremece;* toca as montanhas, e elas fumegam.
33. Cantarei ao SENHOR enquanto eu viver;* cantarei louvores ao meu Deus enquanto eu tiver existência.
34. Seja-lhe aceitável a minha meditação;* eu me alegrarei no SENHOR.
35. Sejam da terra eliminados os pecadores, e os perversos não subsistam.* Bendize, ó minha alma, ao SENHOR. Louvai ao SENHOR.

SALMO IIO

Dixit Dominus

1. Disse o SENHOR ao meu Senhor:* Assenta-te à minha direita, até que ponha teus inimigos por escabelo dos teus pés.
2. De Sião, o SENHOR enviará o cetro de teu poder, dizendo:* Domina no meio de teus adversários.
3. Teu povo se apresentará voluntário no dia de teu poder,* com vestes santas, virá a ti a tua juventude, como o rocio que sai do seio da madrugada.
4. Jurou o SENHOR e não mudará:* Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.
5. O Senhor está à tua direita;* reis e potentados hão de servi-lo.
6. Ministrará justiça entre as nações;* o SENHOR é poderoso e a própria equidade.
7. Pelo que o exaltarão os povos,* e glorificarão seu santo Nome.



APÊNDICE B

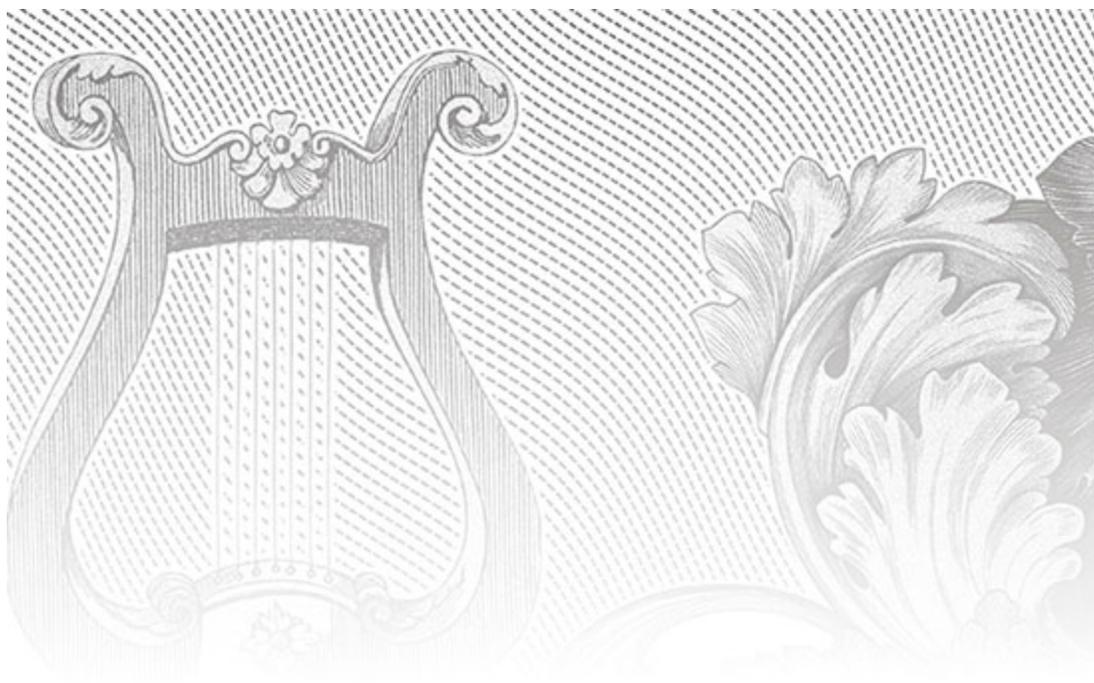
Salmos discutidos ou mencionados

SALMO

1. Bem-aventurado o homem (*Baetus vir*)
2. Por que as nações (*Quare fremuerunt*)
5. Dá ouvidos às minhas palavras (*Verba mea auribus*)
6. Ó SENHOR, não me repreendas (*Domine, ne in furore*)
7. Ó SENHOR, meu Deus (*Domine, Deus Meus*)
8. Ó Deus, Senhor nosso (*Domine, Dominus noster*)
9. Louvar-te-ei (*Confitebor tibi*)
10. Por que te conservas afastado (*Ut quid, Domine?*)
11. Em Deus tenho posto a minha confiança (*In Domino confido*)
12. Salva-me, SENHOR (*Salvum me fac*)
13. Até quando te olvidarás (*Usquequo, Domine?*)
16. Guarda-me, ó Deus (*Conserua me, Domine*)
17. Escuta, ó SENHOR, o que é justo (*Exaudi, Domine*)
18. Com fervor te amo (*Diligam te, Domine*)
19. Os céus proclamam (*Cæli enarrant*)
22. Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (*Deus, Deus meus*)

23. O SENHOR é meu pastor (*Dominus regit me*)
26. Julga-me, SENHOR (*Judica me, Domine*)
27. O SENHOR é minha luz (*Dominus illuminatio*)
28. A ti clamo (*Ad te, Domine*)
29. Tributai ao SENHOR (*Afferte Domino*)
30. Exaltar-te-ei (*Exaltabo te, Domine*)
31. Em ti, SENHOR (*In te, Domine, speravi*)
33. Exultai de júbilo no SENHOR (*Exultate, justi*)
35. Defende-me, SENHOR (*Judica, Domine*)
36. A transgressão do ímpio (*Dixit injustus*)
37. Não te indignes (*Noli æmulari*)
39. Disse eu: Terei cuidado (*Dixi, Custodiam*)
40. Tenho esperado com perseverança (*Expectans expectavi*)
41. Feliz o que atende (*Beatus qui intelligit*)
42. Como a corça (*Quemadmodum*)
43. Faze-me justa, ó Deus (*Judica me, Deus*)
45. Meu coração ferve (*Eructavit cor meum*)
47. Todos os povos, batei palmas (*Omnes gentes, plaudite*)
49. Ouve isto (*Audite hæc, omnes*)
50. O Deus dos deuses (*Deus deorum*)
52. Por que te glorias (*Quid gloriaris?*)
54. Ó Deus, salva-me (*Deus, in Nomine*)
55. Inclina, ó Deus, teus ouvidos à minha oração (*Exaudi, Deus*)
57. Tem misericórdia de mim (*Miserere mei, Deus*)
58. Acaso proferis (*Si vere utique*)
63. Ó Deus, tu és meu Deus (*Deus, Deus meus*)
65. A ti, ó Deus, espera o louvor (*Te decet hymnus*)
67. Deus tenha misericórdia de nós (*Deus misereatur*)
68. Levante-se Deus (*Exurgat Deus*)
69. Salva-me, ó Deus (*Salvum me fac*)
72. Ó Deus, concede ao Rei teus juízos (*Deus, judicium*)
76. Conhecido é Deus em Judá (*Notus in Judæa*)
81. Cantai de júbilo a Deus (*Exultate Deo*)
82. Deus assiste na congregação (*Deus stetit*)
84. Quão amáveis (*Quam dilecta!*)
86. Inclina os teus ouvidos (*Inclina, Domine*)
88. SENHOR Deus de minha salvação (*Domine, Deus*)
89. Cantarei para sempre o amor do SENHOR (*Misericordias Domini*)
90. Senhor, tu tens sido o nosso refúgio (*Domine, refugium*)
91. Aquele que habita (*Qui habitat*)
96. Cantai ao SENHOR (*Cantate Domino*)
97. O SENHOR reina (*Dominus regnavit*)

102. Ouve, SENHOR, minha oração (*Domine, exaudi*)
104. Bendize, ó minha alma, ao SENHOR (*Benedic, anima mea*)
106. Louvai ao SENHOR (*Confitemini, Domino*)
107. Louvai ao SENHOR (*Confitemini, Domino*)
109. Ó Deus, não te cales (*Deus, laudem*)
110. Disse o SENHOR ao meu Senhor (*Dixit Dominus*)
111. Celebrarei (*Confitebor tibi*)
116. Amo ao SENHOR, porque (*Dilexi, quoniam*)
118. Rendei graças (*Confitemini Domino*)
119. Ditosos os que (*Beati immaculati*)
132. Lembra-te, SENHOR, de Davi (*Memento, Domine*)
136. Rendei graças (*Confitemini*)
137. Junto aos rios de Babilônia (*Super flumina*)
139. SENHOR, tu me sondaste (*Domine, probasti*)
141. A ti clamo, SENHOR (*Domine, clamavi*)
143. Ouve, ó SENHOR, a minha oração (*Domine, exaudi*)
146. Louva, ó minha alma, ao SENHOR (*Lauda, anima mea*)
147. Louvai ao SENHOR (*Laudate Dominum*)
148. Louvai ao SENHOR (*Laudate Dominum*)
150. Louvai a Deus (*Laudate Dominum*)



Reflexões sobre *Salmos*

Outros livros de C. S. Lewis pela
THOMAS NELSON BRASIL

A abolição do homem

A anatomia de um luto

A última noite do mundo

Cartas a Malcolm

Cartas de C. S. Lewis

Cartas de um diabo a seu aprendiz

Cristianismo puro e simples

Deus no banco dos réus

George MacDonald

Milagres

O assunto do Céu

O grande divórcio

Os quatro amores

O peso da glória
O problema da dor
O regresso do Peregrino
Preparando-se para a Páscoa
Reflexões cristãs
Sobre histórias
Todo meu caminho diante de mim
Um experimento em crítica literária



Volumes únicos

Trilogia Cósmica (Além do planeta silencioso, Perelandra e Aquela fortaleza medonha)

Clássicos Seleccionados C. S. Lewis

Coleção fundamentos

Como cultivar uma vida de leitura

Como orar

Como ser cristão

[01] Austin Marsden Farrer (1904–1968), filósofo, teólogo e professor inglês, foi amigo e colega acadêmico de Lewis por mais de vinte anos, compartilhando tanto a fé anglicana como inquietações similares sobre o mundo de seus dias. Katharine Dorothy Newton (1911–1972), com quem Austin se casou em 1937, escrevia romances de mistério.

[02] Edmund Burke (1729–1797), estadista, orador e importantíssimo pensador político britânico.

[03] Poema latino épico escrito entre 30 e 19 a.C. por Públio Virgílio Maro (70–19 a.C.).

[04] Christopher Marlowe (1564–1593), dramaturgo e poeta vitoriano. A citação são os dois primeiros versos do coro final da peça *The Tragical History of the Life and Death of Doctor Faustus* [A trágica história da vida e da morte do doutor Fausto].

[05] Canção natalina e infantil cujas origens, segundo alguns autores, remonta aos anos 1400, baseada em um evangelho apócrifo. A citação são os dois primeiros versos da canção.

[06] A citação provavelmente é extraída de *The hills of the Shatemuc* [As colinas de Shatemuc], na última frase do cap. XXIV, de Elizabeth Wetherell, pseudônimo de Susan Bogert Warner (1819–1885).

[07] O Saltério do *Prayer Book* [Livro de oração] foi extraído da *Great Bible* [Grandiosa Bíblia], uma tradução inglesa realizada por Myles Coverdale (1488–1569), reformador eclesiástico, tradutor da Bíblia, pregador e bispo inglês.

[08] James Moffatt (1870–1944), teólogo escocês.

[09] George Jeffreys (1645?–1689), juiz galês notório por sua crueldade e corrupção.

[10] Na Inglaterra, advogado que prepara documentos e casos, orienta pessoas em questões legais e pode falar em nome delas em algumas cortes.

[11] Nas versões tradicionais da Bíblia e no *Livro de oração comum* (doravante *LOC*) de 1988, este é o versículo 8.

[12] Na versão usada pelo autor e na Almeida Corrigida e Fiel (SBT, 2011).

[13] Possível referência a Edward Alexander Pilgrim (1904–1954), trabalhador inglês que, prejudicado por leis e a burocracia de que não entendia com respeito a terras que havia adquirido, embora tenha recorrido à rainha e a Winston Churchill, não obteve ajuda; por fim, ele se enforcou em um barracão de ferramentas no terreno objeto das disputas.

[14] A expressão parece vir dos diários de Martha Beatrice Webb (1858–1943), socióloga, economista, socialista, historiadora e reformadora social inglesa.

[15] Thomas Carlyle (1795–1881), historiador e ensaísta escocês. Joseph Rudyard Kipling (1865–1936), escritor, poeta e novelista inglês.

[16] Isso não se encontra no *LOC*, apenas na versão em inglês usada pelo autor.

[17] Dois primeiros versos da estrofe 3 do hino “There is a Green Hill Far Away” [Há uma verde colina distante], de Cecil Frances Alexander (1818–1895), poeta irlandesa que escreveu muitos hinos, especialmente para crianças. Em português, é o hino 82 do *Cantor cristão*.

[18] A palavra hebraica *nephesh* é traduzida tanto por “vida” como por “alma” (cf. Gênesis 9:4; Levítico 17:11).

[19] Na versão usada pelo autor. O *LOC* traz: “Redimiste minha alma da sepultura”.

[20] Na versão usada pelo autor. O *LOC* traz: “Cercaram-me os transe da morte e as angústias da sepultura me alcançaram”.

[21] Última cláusula do Credo Niceno.

[22] Capítulo 15 de *Surpreendido pela alegria* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021). Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira.

[23] Em Geoffrey Chaucer, *The Canterbury tales* [Os contos de Cantuária] (Nova York: Duffield & Company, p. 83). Chaucer (1342?–1400).

[24] Fala da sra. Maclure em *Old Mortality* [Velha mortalidade] (Oxford: Oxford University Press, 1993, p. 431), de Sir Walter Scott (1771–1832), romancista, poeta, historiador e biógrafo escocês.

[25] Lewis, que publicou este livro em 1958, está se referindo ao restabelecimento da nação de Israel, em 1948.

[26] Isso talvez tenha sido cantado enquanto a própria Arca era carregada. (N. A.)

[27] Ou Latino, termo que designa o modo como os sacramentos são celebrados pela parte da Igreja Católica que adotou o latim.

[28] Não “todos vocês”, como em nossa versão, mas “todos os povos” (*goyim*). (N. A.) [O *LOC* traz “todos os povos”.]

[29] Nem a versão de Coverdale nem a do *LOC* trazem referência a ilhas remotas, mas, sim, a “numerosas ilhas”.

[30] Título do hino 57 de *The Psalms and Hymns of Isaac Watts* [Os salmos e hinos de Isaac Watts], publicado em 1806.

[31] Referência aos quatro primeiros versos da estrofe 6 do poema “Ode to Duty” [Ode à Obrigação]: “Legisladora severa! ainda assim tu usas / A graça mais benigna da Divindade; / Nem conhecemos nada tão amável / Como é o sorriso em teu rosto”.

[32] Charles Walter Stansby Williams (1886–1945), poeta, escritor e professor inglês, membro devotado da Igreja da Inglaterra.

[33] A primeira palavra de cada um dos oito versículos de cada uma das 22 seções do salmo 119 começa com uma letra do alfabeto hebraico. O *LOC* identificou essas seções com algarismos romanos; muitas versões da Bíblia (como a ACF) trazem a transliteração do nome da letra hebraica como “título” das seções.

[34] Nos dois primeiros versículos, o *LOC* adota “fidelidade”.

[35] Não foi possível identificar a que teólogos Lewis se refere, mas a pergunta é uma variação do chamado Dilema de Eutífron.

[36] Consulte o Apêndice A. (N. A.)

[37] Referência aos nazistas.

[38] Consulte o Apêndice A. (N. A.)

[39] Expressão encontrada no prefácio de *St. Paul And Protestantism With An Essay On Puritanism And The Church Of England* [São Paulo e o protestantismo com um ensaio sobre o puritanismo e a Igreja da Inglaterra], de Matthew Arnold (1822–1888).

[40] Paráfrase de Lucas 18:11.

- [41] Expressão pejorativa escocesa que se refere a pessoas estritamente moralistas e religiosas.
- [42] Durante a Segunda Guerra Mundial, de 1940 a 1944, o marechal Philippe Pétain (1856–1951) liderou a França de Vichy, uma zona livre na parte sul da França, submissa à Alemanha nazista.
- [43] Referência a 1Coríntios 13:7.
- [44] Uma importante via pública no centro de Londres, identificada com as classes superiores da sociedade londrina.
- [45] Vitória (1819–1901), rainha do Reino Unido e Irlanda, manteve luto profundo (só vestiu preto até o final da vida) a partir da viuvez (1861).
- [46] Alguns deles provavelmente envolvem ideias arcaicas, e até mágicas, de um poder intrínseco às próprias palavras, de modo que todas as bênçãos e maldições seriam eficazes. (N. A.)
- [47] Lewis descreve o início da tragédia *Macbeth*, escrita pelo dramaturgo inglês William Shakespeare.
- [48] Citação livre da *Odisseia*, canto XIX, v. 32-33. Sobre a túnica de Ulisses, é dito que “era delicada como a pele seca de uma cebola”, na tradução em português de Francisco Lourenço.
- [49] Consulte o Apêndice A. (N. A.)
- [50] Na versão usada pelo autor; o *LOC* e a *ACF* trazem “leviatã”.
- [51] Deus me livre, no entanto, que pensem que eu a menosprezo. Só quero dizer que, para aqueles de nós que travam conhecimento com animais apenas como animais de estimação, essa não é uma virtude cara. Podemos devidamente reclamar se ela nos faltar, mas não devemos nos dar tapinhas nas costas por tê-la. Quando um pastor ou um carroceiro esforçado mostram-se gentis com os animais, suas costas podem muito bem ser acariciadas, não as nossas. (N. A.)
- [52] Tomás de Kempis, *A imitação de Cristo* (São Paulo: Editora Martin Claret, 2001, p. 58). Tradução de Pietro Nasseti.
- [53] O *Hymns Ancient and Modern* foi publicado pela primeira vez em 1861.
- [54] Do poema “Hymn to God, My God, in My Sickness” [Hino a Deus, meu Deus, em minha enfermidade], de John Donne (1572–1631), poeta inglês.
- [55] O relato é de Públio Cornélio Tácito (55?–120?), historiador, escritor, orador e cônsul romano, em sua obra *Histórias*, III, 32. O homem era o general e senador romano Marco Antônio Primo. “As palavras do atendente foram repetidas e trouxeram todo o ódio sobre Antônio, que se acreditou ter dado o sinal para incendiar Cremona, que já estava em chamas”.
- [56] Públio Virgílio Maro (70–19 a.C.), poeta italiano. A citação é de sua obra *Pastorais*, Écloga IV, 7-11. Por esse caráter “profético”, ela passou a ser conhecida como “écloga messiânica”.
- [57] Deus nórdico admirado pela beleza e ligado à justiça e à sabedoria. Loki, que o odiava, fez com que Hoder, irmão cego de Balder, o matasse. Apesar dos pedidos de Frigga, sua mãe, ele não foi trazido de volta do submundo. Era esperado que ele voltasse após o Ragnarok, a grande catástrofe mundial, para governar o novo mundo.
- [58] Na mitologia grega, jovem extremamente belo que nasceu de Mirra depois que ela foi transformada em árvore. Quando Adônis morreu, Vênus, sua amante, estabeleceu uma celebração anual para que se lembrassem dele.

[59] John Keble (1792–1866), sacerdote anglicano, teólogo e poeta inglês, um dos líderes do Movimento de Oxford. A citação é do último verso da estrofe sete de seu poema “Third Sunday In Lent” [Terceiro domingo da Quaresma].

[60] Ver o livro *Milagres*, de C. S. Lewis (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021). Tradução de Francisco Nunes.

[61] João Calvino (1509–1564), um dos principais líderes da Reforma, era teólogo e pastor francês. A referência parece ser ao segundo sermão de Calvino sobre esse livro, encontrado em *Sermons from Job* [Sermões sobre Jó] (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1952. Seleção e tradução de Leroy Nixon, p. 18).

[62] Cláusula 35 (em algumas versões, cláusula 32 ou 33) do Credo cuja autoria é costumeiramente atribuída ao bispo Atanásio de Alexandria (296–373).

[63] John William Dunne (1875–1949), soldado, engenheiro aeronáutico e filósofo britânico. Ele acreditava ter sonhos precognitivos.

[64] Os “tementes a Deus” (*sebomenoi* ou *metuentes*) eram uma classe reconhecida de gentios que adoravam a Javé sem se submeter à circuncisão e a outras obrigações cerimoniais da Lei. Cf. o salmo 118 (v. 2, leigos judeus; v. 3, sacerdotes judeus; v. 4, tementes a Deus) e Atos 10:2. (N. A.)

[65] Consulte o Apêndice A. (N. A.)

[66] *LOC*, p. ix, item X.

[67] John Milton (1608–1674), poeta inglês, considerado o mais importante depois de William Shakespeare. O poema é “On the Morning of Christ’s Nativity” [Sobre a manhã da natividade de Cristo].

[68] Consulte o Apêndice A. (N. A.)

[69] *LOC*, p. xxiv.

[70] Consulte o Apêndice A. (N. A.)

[71] Trecho da oração feita após a Santa Comunhão (*LOC*, p. 83).

[72] Lord Alfred Tennyson (1809–1892), poeta inglês, citou, no poema “The Beggar Maid” [A donzela mendiga], o lendário rei africano que, sem interesse por mulheres, apaixonou-se pela referida jovem.

[73] A frase é parte da resposta de Eros a Psique, quando ela lhe pede um sinal de ser ele seu destinado amante, e não um demônio sedutor, segundo a versão de Coventry Kersey Dighton Patmore (1823–1896), poeta e crítico inglês, em sua obra *The Unknow Eros and Other Odes* [O Eros desconhecido e outras odes], XII. No original, Patmore usa “Deus”, não “deus”.

[74] Consulte o Apêndice A. (N. A.)

[75] *LOC*, p. xxiv.

[76] Parece ser uma referência ao primeiro coro em *Antígona*.

[77] Lewis adapta aqui um verso de Gerard Manley Hopkins (1844–1889), poeta inglês, considerado um dos maiores da era vitoriana. O poema é “Spring and Fall” [Primavera e outono], e seu penúltimo verso traz: “É a praga para a qual o homem nasceu”.

[78] No *LOC*, o título dos salmos são suas primeiras palavras em latim.

[79] O Saltério do *LOC* pode ser usado de forma responsiva: o asterisco indica o início da parte a ser lida pela congregação, em resposta à primeira parte, lida pelo ministro.

Table of Contents

1. [Capa](#)
2. [Folha de rosto](#)
3. [Créditos](#)
4. [Reflexões sobre Salmos](#)
5. [Dedicatória](#)
6. [Sumário](#)
7. [Introdução](#)
8. [Capítulo 1. “Julgamento” em Salmos](#)
9. [Capítulo 2. As maldições](#)
10. [Capítulo 3. A morte em Salmos](#)
11. [Capítulo 4. “A formosura do Senhor”](#)
12. [Capítulo 5. “Mais doce do que o mel”](#)
13. [Capítulo 6. Conivência](#)
14. [Capítulo 7. Natureza](#)
15. [Capítulo 8. Uma palavra sobre o louvor](#)
16. [Capítulo 9. Segundos significados](#)
17. [Capítulo 10. Escrituras](#)
18. [Capítulo 11. Segundos significados em Salmos](#)
19. [Apêndice. Salmos selecionados](#)
20. [Apêndice. Salmos discutidos ou mencionados](#)
21. [Reflexões sobre Salmos](#)